

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**TERRITORIALIZAÇÃO COMO APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO PELOS
CAMELÔS NAS ROMARIAS DE JUAZEIRO DO NORTE-CE**

Mestrando: David Melo Van den Brule
Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto de Amorim Cardoso

JOÃO PESSOA (PB)

2011

DAVID MELO VAN DEN BRULE

**TERRITORIALIZAÇÃO COMO APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO PELOS
CAMELÔS NAS ROMARIAS DE JUAZEIRO DO NORTE-CE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba (PPGG/UFPB) como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Augusto de Amorim Cardoso.

JOÃO PESSOA (PB)

2011

**“Territorialização como apropriação do espaço público pelos
camelôs nas Romarias de Juazeiro do Norte-CE”**

por

David Melo Van Den Brule

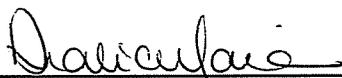
Dissertação apresentada ao Corpo Docente do Programa de
Pós-Graduação em Geografia do CCEN-UFPB, como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de Concentração: Território, Trabalho e Ambiente

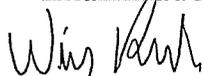
Aprovada por:



Prof. Dr. Carlos Augusto de Amorim Cardoso
Orientador



Prof.ª Dr.ª Doralice Sátyro Maia
Examinadora externa



Prof. Dr. William Ribeiro da Silva
Examinador externo

**Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Exatas e da Natureza
Programa de Pós-Graduação em Geografia
Curso de Mestrado em Geografia**

Agosto/2011

V217t Van Den Brule, David Melo.

Territorialização como apropriação do espaço público
pelos camelôs nas romarias de Juazeiro do Norte-CE /
David Melo Van Den Brule.- João Pessoa, 2011.

140f.

Orientador: Carlos Augusto de Amorim Cardoso

Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCEN

1. Geografia social – espaço público – camelôs – Juazeiro do Norte (CE).
2. Espaço público – camelôs – análise.
3. Camelôs – romaria – espaço – Juazeiro do Norte (CE).
4. Camelôs – território.

UFPB/BC

CDU: 911.3:30(043)

Aos meus pais que me conceberam
Terezinha Van den Brule e Ticiano Van den Brule (*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Hoje, após dois anos de mestrado, sinto-me mais realizado e tranquilo da missão que iniciei em 2009, não apenas pelo conhecimento adquirido ao longo deste período, mas também pela certeza de que vocês estiveram me apoiando, nos momentos difíceis e nas vitórias, incentivando-me a prosseguir.

A verdadeira educação faz não apenas um bom profissional mas, sobretudo, um ser humano. Fico grato pela presença, pela palavra e pelo incentivo, que me deram coragem e determinação para continuar o caminhar em busca de meus ideais. Ofereço a vocês o sonho, o abraço, o futuro em um universo cheio de esperança.

Agradeço, portanto, a todos que partilharam reflexões, opiniões, angústias e incentivos durante a realização deste trabalho. É difícil enumerar tantas pessoas sem cometer o erro da omissão. Em especial gostaria de destacar:

A minha esposa Dalila Maia de Vasconcelos Van den Brule, por estar ao meu lado com sua presença ativa, principalmente nos momentos mais difíceis, por sua paciência, seu companheirismo, suas correções e, especialmente, por ter concebido Josué, nosso filho, nossa alegria. Ele faz nossa família mais feliz e nos completa.

À minha mãe, que, com seu amor, carinho e dedicação me deu toda a atenção necessária para a realização desse trabalho.

A Luís André, que esteve fortemente presente neste trabalho, por sua atenção, incentivo e por suas observações. Importantes momentos vivemos juntos.

A Carlos Augusto (orientador), que me ensinou com seu jeito de ser.

A Doralice Maia, pelas orientações e palavras de incentivo.

Aos professores William Ribeiro, Jorge Montenegro, Raimundo Barroso, Sergio Alonso, Maria Franco, Arthur Whitacker, Eliseu Sposito, com as aulas dos quais aprendi tantas coisas.

Às professoras Edith Menezes, Maria de Lourdes, Maria Soares e Socorro Cavalache, que por diversas vezes me trouxeram palavras de conforto, incentivo e orientações acadêmicas.

A Lucíola Freitas, por indicar o mestrado na UFPB e o orientador.

Às tias Cida (*in memoriam*), Corrinha e Ceíça, pelo apoio e a credibilidade para cumprir esta missão.

A tio Dudu (Eduardo) que vem sempre me apoiando com seu amor e dedicação.

À madrinha Suely Aguiar pelas correções e incentivo ao bom trabalho

Ao padrinho Antônio Melo pelo carinho e a gentileza.

Aos compadres Rhadames e Ticianne pelos bons momentos que vivemos no período em que estive em João Pessoa.

Ao querido casal Adino e Cintia que sempre me receberam bem em João Pessoa.

Aos tios Tota (Érico Van den Brule), Vevé (Everardo Van den Brule) e Tico (Humberto Menezes) pelo incentivo e apoio indispensável.

A Manoel Barros, que por diversas vezes me auxiliou cedendo um espaço para o uso da internet na reta final desta dissertação.

A Rafael e Eduardo que sempre me receberam bem em seu apartamento.

Aos colegas de turma: Shauane, Leandro, Elianete, Wellington, Péricles, Henrique, Altemar, Silvana, Nicolly, Marquilene, Ilana, Dilsom, Jean Carlos, Jussara, Rafaela, Joseilton, que provocaram calorosos debates nas aulas, nos cafés, almoços e corredores da vida.

Aos camelôs e às barraqueiras moradoras que com suas palavras integram este trabalho.

Ao secretário de turismo e romaria José Carlos dos Santos, pela atenção com a minha pesquisa e pela concessão da entrevista.

Ao gerente de fiscalização do Centro de Apoio aos Romeiros, Marcos Bezerra, por prestar bastantes esclarecimentos.

Aos alunos da Universidade Regional do Cariri, sem os quais a pesquisa não seria possível.

A Orlete Maria e Michel Macedo que ajudaram com o *abstract*.

E tantos outros que, de uma forma ou outra, me ajudaram nesta missão.

Quando o poder do amor se sobrepor ao amor ao poder, o mundo conhecerá a paz. (Jimi Hendrix)

RESUMO

A presente dissertação tem como principal objetivo analisar o uso do espaço público pelos camelôs — mais especificamente pelas barraqueiras moradoras — na dinâmica territorial do centro religioso/comercial da cidade de Juazeiro do Norte, em momentos de romarias. Juazeiro do Norte está localizada na região do Cariri, sul do Estado do Ceará, com uma população estimada em 249.939 habitantes, segundo IBGE (2010). Todos os anos, aproximadamente dois milhões de fiéis chegam à cidade fundada pelo Padre Cícero Romão Batista. Neste trabalho, investigou-se o processo de desterritorialização e reterritorialização das barraqueiras moradoras que passaram a ocupar o recém inaugurado Centro de Apoio aos Romeiros, próximo à Igreja da Matriz, um dos principais focos das romarias. Para analisar o uso de praças, ruas e calçadas, pelos camelôs, fez-se uso do conceito de território na visão de Souza e Haesbeart, somando-se a isto estudos que versam sobre o tema das cidades médias, centro e centralidade, para investigar o surgimento de uma nova centralidade em função do aumento do fluxo de orçamento, infraestrutura e variedade de serviços ofertados nesta cidade, os procedimentos metodológicos utilizados foram: a) entrevistas; b) observação passiva do cotidiano dos camelôs e através de aplicação de questionários; e c) registro em fotografias e análises das mesmas. Esta pesquisa contribui também na medida em que dá visibilidade a um cotidiano pouco visto, aquele em que o trabalhador sem carteira assinada, e restrito de direitos busca uma vida digna através do trabalho, na esperança por dias melhores.

Palavras-chaves: Juazeiro do Norte; Centralidade; Território; Camelôs.

ABSTRACT

This dissertation is meant to examine the use of public space by street vendors - most notably by the stand living - in the territorial dynamics in the religious/commercial center of city of Juazeiro do Norte in times of pilgrimage. Juazeiro do Norte is located in Cariri, south of Ceará, with an estimated population of 249,939 inhabitants, according to IBGE (2010). Every year, approximately two million faithful get to the city founded by Father Cicero Romao Batista. In this work, the process of deterritorialization and reterritorialization of stand residents who came to occupy the newly opened Support Center for Pilgrims, near Matriz Church, a major focus of pilgrimages. To analyze the use of squares, streets and sidewalks by street vendors, it was made use of the concept of territory on Souza and Haesbeert's view, adding that the studies that deal with the issue of medium-sized cities, downtown and central to investigate the emergence of a new central role in increasing the flow of budget, infrastructure and range of services offered in this city, the procedures used were: a) interviews, b) passive observation of the lives of street vendors and through questionnaires, and c) record in photographs and analyzes them. This research also contributes in that it gives visibility to a little-seen daily, one in which the unregistered worker, restricted from rights seek a decent life through work, hoping for better days.

Key-words: Juazeiro do Norte, centrality, territory and street vendors.

LISTA DE FOTOS

| | Pág. |
|---|------|
| Foto 1. Igreja Matriz..... | 27 |
| Foto 2. Celebração religiosa na praça da Igreja Matriz..... | 27 |
| Foto 3. Fachada do Museu Padre Cícero..... | 27 |
| Foto 4. Placa inserida na fachada do Museu Padre Cícero..... | 27 |
| Foto 5. Museu Padre Cícero na Romaria..... | 28 |
| Foto 6. Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro..... | 28 |
| Foto 7. Memorial Padre Cícero..... | 28 |
| Foto 8. Entre a Capela do Socorro e o Memorial Padre Cícero..... | 29 |
| Foto 9. Expansão do Cariri <i>Shopping</i> | 34 |
| Foto 10. Ampliação do Cariri <i>Shopping</i> | 34 |
| Foto 11. Objetos colocados à venda no período das romarias..... | 63 |
| Foto 12. Objetos colocados à venda no período das romarias..... | 63 |
| Foto 13. Rua da Matriz esquina com a travessa Isabel da Luz em período de romaria..... | 64 |
| Foto 14. Rua da Matriz esquina com a travessa Isabel da Luz..... | 64 |
| Foto 15. Rua do Cruzeiro entre as ruas Padre Cícero e São José em período de romaria..... | 64 |
| Foto 16. Rua do Cruzeiro entre as ruas Padre Cícero e São José..... | 64 |
| Foto 17. Rua do Cruzeiro (entre as ruas São José e Santa Rosa) em período de romaria..... | 67 |
| Foto 18. Rua do Cruzeiro (entre as ruas São José e Santa Rosa)..... | 67 |
| Foto 19. Esquina da rua Dr. Floro com a Padre Cícero em período de romaria..... | 67 |
| Foto 20. Esquina da rua Dr. Floro com a Padre Cícero..... | 67 |
| Foto 21. Rua Dr. Floro (entre as ruas Padre Cícero e São José) durante a romaria..... | 67 |
| Foto 22. Rua Dr. Floro (entre as ruas Padre Cícero e São José) um dia após a romaria..... | 67 |
| Foto 23. Morada das barraqueiras no ano de 2010..... | 73 |
| Foto 24. Morada das barraqueiras no ano de 2010..... | 73 |
| Foto 25. Morada das barraqueiras no ano de 2010..... | 73 |
| Foto 26. Morada das barraqueiras no ano de 2010..... | 73 |
| Foto 27. Vista da Praça da Matriz (Rua São Pedro) antes da remoção das barracas..... | 77 |
| Foto 28. Vista da Praça dos Romeiros (Rua São Pedro) antes da remoção das barracas..... | 78 |
| Foto 29. Vista da Praça dos Romeiros (Rua São Pedro) após a remoção das barracas..... | 78 |
| Foto 30. Vista da Praça dos Romeiros (Rua São Pedro) após a remoção das barracas..... | 79 |
| Foto 31. Vista da Praça dos Romeiros (Rua São Pedro) após a remoção das barracas..... | 79 |

| | |
|--|-----|
| Foto 32. Posto de combustível, com pousada Mãe de Deus, localizado ao lado do Centro de Apoio aos Romeiros na Avenida Joaquim Romão Batista..... | 79 |
| Foto 33. Vista aérea do Centros Multifuncional de Serviços e Apoio aos Romeiros..... | 91 |
| Foto 34. Vista aérea da cúpula da Matriz e do Centro de Apoio aos Romeiros..... | 91 |
| Foto 35. Centro Multifuncional de Serviços..... | 94 |
| Foto 36. Arquibancada do Centro Multifuncional de Serviços..... | 94 |
| Foto 37. Nova Praça dos Romeiros e espaço para os camelôs..... | 101 |
| Foto 38. Nova Praça dos Romeiros e espaço para os camelôs..... | 101 |
| Foto 39. Comércio Informal em período de romarias (2008)..... | 107 |
| Foto 40. Espaço para boxes no Centro de Apoio aos Romeiros (2009)..... | 107 |
| Foto 41. Boxes em uso no Centro de Apoio aos Romeiros (2011)..... | 107 |
| Foto 42. Lixo provocado pelo comércio informal nas romarias..... | 111 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1. Evolução urbana de Juazeiro do Norte-CE..... | 25 |
| Figura 2. Roteiro da Fé..... | 30 |
| Figura 3. Juazeiro do Norte: imagem de satélite com áreas demarcadas..... | 38 |
| Figura 4. Uso do solo - proposta para a cidade de Juazeiro do Norte-CE..... | 40 |
| Figura 5. Região Metropolitana do Cariri - RMC..... | 43 |
| Figura 6. Juazeiro do Norte: imagem de satélite com áreas de aplicação da pesquisa de campo..... | 60 |
| Figura 7. Migração dos camelôs por bairros em momento de romaria..... | 61 |
| Figura 8. Centro de Apoio aos Romeiros e Centro Multifuncional de Serviços..... | 95 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|-----|
| Gráfico 1. Bairro onde mora..... | 61 |
| Gráfico 2. Rendimento mensal dos camelôs no período das romarias..... | 73 |
| Gráfico 3. Grau de escolaridade dos camelôs que trabalham nas romarias..... | 100 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1. População Economicamente Ativa das cidades que compõe a Região Metropolitana do Cariri..... | 45 |
| Tabela 2. Área, População, IDH e PIB das cidades que compõe a "Região Metropolitana do Cariri"..... | 46 |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|-----------|---|
| ABRASEL | associação de bares e restaurantes. |
| APL | - Arranjo Produtivo Local Couro e Calçados. |
| BIRD | - Banco Mundial. |
| CAGECE | - Companhia de Água e Esgoto do Ceará. |
| CAR | - Centro de Apoio aos Romeiros. |
| CBMCE | - Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará. |
| CE | - Ceará. |
| CEASA/CE | - Centrais de Abastecimento do Ceará S/A. |
| CENTEC | - Instituto Centro de Ensino Tecnológico. |
| CIOPS | - Coordenadoria Integrada de Operações de Segurança. |
| CMS | - Centro Multifuncional de Serviços. |
| CPF | - Cadastro de Pessoa Física. |
| CRAJUBAR | - Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha. |
| CRMC | - Conselho de Desenvolvimento e Integração da Região Metropolitana do Cariri. |
| DER | - Departamento de Edificações e Rodovias. |
| DETRAN | - Departamento Estadual de Trânsito. |
| EMATERCE | - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará. |
| FDMC | - Fundo de Desenvolvimento e Integração da Região Metropolitana do Cariri. |
| HRC | - Hospital Regional do Cariri. |
| IBGE | - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. |
| IDH | - Índice de Desenvolvimento Urbano. |
| INFRAERO | - Empresa Brasileira de Infra-Estrutura Aeroportuária. |
| IPECE | - Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. |
| JUCEC | - Junta Comercial do Estado do Ceará. |
| MF | - Ministério da Fazenda. |
| PAC | - Programa de Aceleração do Crescimento. |
| PAT | - Plano de Ação Turística. |
| PB | - Paraíba. |
| PDDU | - Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano. |
| PEA | - População Economicamente Ativa. |
| PIB | - Produto Interno Bruto. |
| PMJ | - Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte. |
| PNAD | - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. |
| PNUD | - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. |
| PROURB-CE | - Projeto de Desenvolvimento Urbano e Gestão de Recursos Hídricos do Ceará. |

RFFSA - Crato - Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima, Estação Crato.
RMC - Região Metropolitana do Cariri
RMF - Região Metropolitana de Fortaleza.
SDLR - Secretaria de Desenvolvimento Local e Regional.
SECITECE - Secretaria de Ciência e Tecnologia.
SECTUR - Secretaria de Turismo e Romarias.
SEDUC - Secretaria de Educação Ceará.
SEFAZ - Secretaria da Fazenda.
SEINFRA - Secretaria de Infra-Estrutura.
SEMACE - Superintendência Estadual do Meio Ambiente.
SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.
SESA - Secretaria da Saúde.
SESC - Serviço Social de Comércio.
SESI - Serviço Social da Indústria.
SPE - Secretaria de Política Econômica.
SSPDS - Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social.
TV - Televisão.
UFC - Universidade Federal do Ceará.
UFRC - Universidade Federal da Região do Cariri.
UNFPA - Fundo de População das Nações Unidas.
URCA - Universidade Regional do Cariri.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| Introdução..... | 15 |
| 1. Centro e centralidade em Juazeiro do Norte-CE..... | 20 |
| 1.1 Centro tradicional e formação urbana de Juazeiro do Norte-CE..... | 21 |
| 1.2 Nova centralidade em Juazeiro do Norte..... | 31 |
| 1.3 A "nova Região Metropolitana do Cariri"..... | 42 |
| 2. Disputa territorial na romaria da cidade de Juazeiro do Norte-CE..... | 54 |
| 2.1 Reordenamento territorial e uso do espaço público em Juazeiro do Norte-CE..... | 56 |
| 2.2 O caráter político disciplinar e des-territorializador do poder público..... | 75 |
| 3. Políticas públicas e reterritorialização dos camelôs no Centro de Apoio aos Romeiros..... | 84 |
| 3.1 Políticas públicas e "desenvolvimento"..... | 84 |
| 3.1.1 Centro de Apoio aos Romeiros..... | 90 |
| 3.2 Trabalho humano da barraqueira moradora..... | 96 |
| 3.2.1 Reterritorialização dos camelôs..... | 101 |
| Considerações finais..... | 115 |
| Referências bibliográficas..... | 118 |
| Anexos..... | 130 |

INTRODUÇÃO

A cidade de Juazeiro do Norte está localizada na região do Cariri, sul do estado do Ceará, no centro geográfico do Nordeste brasileiro, pertencendo a terras do sertão semiárido, no chamado Vale do Cariri. Esta cidade ficou conhecida principalmente através de seu patriarca, o padre Cícero Romão Batista.

Atualmente, Juazeiro do Norte merece destaque como grande centro religioso, acrescido pelo setor dos serviços, que representa 79,82% do Produto Interno Bruto (PIB)¹ municipal, e possui uma população estimada em 249.939² habitantes. Desse total, 96,07%³ está concentrada na zona urbana.

Há uma crescente participação do setor privado e público na construção de seu espaço urbano. No município predomina o setor comercial, mas também revela-se com forte potencial na indústria e como centro empresarial de negócios. Nota-se a presença marcante do setor calçadista, da ourivesaria e do artesanato, sendo uma das cidades de maior relevância no estado do Ceará no que diz respeito à sua centralidade.

Hoje, Juazeiro do Norte pode ser considerada uma cidade média e importante polo para a "Região Metropolitana do Cariri" (institucionalizada em 2009), revelando-se como cidade de maior PIB e população, exercendo a centralidade, para mais de 100 cidades próximas a ela.

Em época de romaria, a quantidade de pessoas em Juazeiro do Norte chega a duplicar, com um fluxo anual de aproximadamente dois milhões de pessoas, não sendo possível precisar, pois inexistem mecanismos de tabulação estatisticamente organizados e confiáveis.

As romarias registradas no calendário da prefeitura de Juazeiro do Norte são: 06 de Janeiro, a Romaria de Santos Reis; 20 de Janeiro, a Romaria de São Sebastião; 02 de fevereiro, a Romaria de Nossa Senhora das Candeias; a semana do dia 16 a 24 de março, Semana do padre Cícero; 24 de março, comemoração ao nascimento do padre Cícero; período da Semana Santa, em abril; 20 de julho, aniversário de morte do padre Cícero; 15 de setembro, a Romaria da Padroeira Nossa Senhora das Dores; 4 de outubro, a Romaria de São

¹FONTE: IPECE, Perfil Básico Municipal, 2009. Disponível em: <http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/perfil_basico/pbm-2009/Juazeiro%20do%20Norte_Br_office.pdf>. Acesso em: 15 mai de 2011.

²FONTE: IBGE, disponível em: IBGE, Disponível <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=23&dados=21>> Acesso em: 31 jul de 2011.

³FONTE: IBGE, disponível em: IBGE, Disponível <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=23&dados=21>> Acesso em: 31 jul de 2011.

Francisco de Assis; 1 de novembro, dia do Romeiro e dia 2 de novembro, Finados. O maior fluxo de romeiros se concentra nos meses de fevereiro, setembro e novembro, em comemoração às respectivas romarias de Nossa Senhora das Candeias, Nossa Senhora das Dores e Finados.

Uma das características verificadas nestes períodos tem sido a concentração de pessoas no centro da cidade, principalmente nos centros de visitação, como: a Basílica Menor de Nossa Senhora Das Dores (Igreja Matriz), a Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, o Museu (instalado na última casa onde morou o padre), o Memorial Padre Cícero, dentre outros, tais como as ruas São Pedro, Padre Cícero, São José, Dr. Floro, Isabel da Luz, da Matriz, do Brejo, do Cruzeiro, Santa Rosa, Santa Luzia e as intermediações próximas aos lugares acima citados.

Vale registrar que, durante as romarias, alguns bens públicos da cidade — como ruas, calçadas e algumas praças — tornam-se importantes alvos de disputa para apropriação temporária. Durante estes eventos, adiciona-se ao fluxo normal dos espaços públicos um grande número de romeiros e de comércio informal.

Com tal acréscimo, as dificuldades encontradas na cidade se ampliam, a exemplo dos problemas na infraestrutura urbana, no trânsito e na ausência de saneamento básico para atender os visitantes, trabalhadores e moradores.

Neste contexto foi construído, através de políticas públicas, o Centro de Apoio aos Romeiros, visando solucionar o congestionamento (gerado no trânsito da cidade durante as romarias) e firmar Juazeiro do Norte como um importante centro de turismo religioso da América Latina, consolidando-a como centro comercial de qualidade. Projeto este inserido no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano, que foi uma iniciativa do Projeto de Desenvolvimento Urbano e Gestão de Recursos Hídricos (PROURB-CE) da Secretaria do Desenvolvimento Local e Regional (SDLR), do estado do Ceará, que por sua vez teve em suas ações o planejamento urbano para 50 municípios cearenses.

Juazeiro do Norte também ganha outros atrativos modernos, fazendo com que a centralidade não se dê apenas em torno da religiosidade popular. Com o surgimento do *Cariri Shopping*, a cidade passou a oferecer a expansão do setor terciário que antes era concentrado no centro primaz. Assim, o *Shopping* possibilitou o surgimento de uma nova centralidade, com a dispersão espacial dos serviços em direção ao Triângulo Crajubar (sul da cidade), com a ampliação das infraestruturas e o incremento de novos empreendimentos.

Em síntese, a presente dissertação tem como principal objetivo analisar o uso do espaço público pelas barraqueiras moradoras, durante as romarias, na dinâmica territorial do

centro religioso e comercial da cidade de Juazeiro do Norte, estabelecendo como marco temporal a institucionalização do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano desta cidade, de 2001.

Os objetivos específicos contemplam: a) verificar a possibilidade de nova centralidade em função do aumento de melhorias na infraestrutura e da crescente variedade na oferta de serviços na cidade; b) investigar as propostas e intervenções das políticas públicas urbanas no reordenamento territorial nos espaços apropriados e/ou dominados pelo camelôs; c) examinar como ocorreu o processo de transferência dos camelôs para o Centro de Apoio aos Romeiros.

Para alcançar tal intento utilizou-se um referencial teórico na busca de melhor interpretar a realidade do uso do espaço público da cidade. Dessa forma, fez-se uso do conceito de território na visão de Souza (1995) e Haesbaert (2001, 2004, 2007), somando-se as leituras do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Juazeiro do Norte-CE, a tese de Araújo (2005), a tese de Silva (2006), a dissertação de Oliveira (2008). Também apoiou-se nos estudos que versam sobre o tema da cidade média, centro e centralidade, principalmente nos seguintes: Corrêa (1977, 2005), Maia (2006, 2010), Silva (2006, 2007, 2009), Sposito (1991, 2001) e Whitaker (2010, 2011).

Nesse processo, alguns procedimentos metodológicos foram fundamentais na pesquisa, tais como: a) as entrevistas para o levantamento de informações, junto ao Secretário de Turismo e Romarias e ao fiscal da área reservada aos camelôs no Centro de Apoio aos Romeiros; b) observação passiva do cotidiano das barraqueiras moradoras localizadas nas proximidades da Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores e aplicação de entrevista semiestruturada e questionários às mesmas; c) aplicação de questionários aos camelôs que trabalham nas romarias; d) registro em fotografias e análises das mesmas.

Através das entrevistas — importantes recursos de análise da sociedade — foi possível um maior esclarecimento do objeto de estudo, objetivando alcançar mais informações sobre assuntos e questões abordadas na pesquisa, levando em consideração as opiniões sobre os fatos, a validade e o peso de tais informações. As entrevistas não seguiram um padrão, porém foi estabelecido um roteiro de tópicos, dando certa flexibilidade para que o pesquisador perguntasse questões relacionadas aos objetivos da pesquisa. Para maior fidedignidade das falas das entrevistadas foi utilizado gravador de áudio com posterior transcrição direta.

A observação é entendida aqui como uma arte que coleta dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade (MARCONI e LAKATOS, 1982). Essa observação, por sua vez, é carregada de subjetividade:

o pesquisador filtra da realidade aquilo que sua percepção foi capaz de captar, e é aí que ganha notável influência do sujeito e não apenas do objeto na pesquisa.

A observação utilizada para esta pesquisa, no que diz respeito à análise das barraqueiras moradoras que vendem alimentos nas romarias, foi marcada por aquilo que se considera uma observação sistemática passiva da vida real, na medida em que se buscou presenciar os fatos, mas não participar dos mesmos — ou seja, o pesquisador não pretendeu ser membro integrante do grupo das barraqueiras moradoras e influir no seu cotidiano, mas restringiu-se a observar as atividades.

O uso de questionário nesta pesquisa correspondeu à coleta de dados através de uma série de perguntas fechadas, com algumas de múltiplas escolhas. Foram realizados 187⁴ questionários com os comerciantes do chamado circuito inferior da economia. O questionário ofereceu a possibilidade de em menor tempo abordar grande quantidade de pessoas, facilitando o acesso às informações.

Quanto à sua natureza, a pesquisa é do tipo exploratória, procurando caracterizar e investigar as principais características do espaço público de Juazeiro do Norte-CE, bem como os conflitos existentes nas relações do trabalho informal ali estabelecido.

A dissertação estrutura-se da seguinte forma:

O primeiro capítulo apresenta a possibilidade de nova centralidade em função do aumento de infraestrutura e da variedade na oferta de serviços em Juazeiro do Norte. Iniciando com a discussão da formação do núcleo urbano original, adentrando, num segundo momento, nas constatações empíricas da nova centralidade que a cidade apresenta, e por terceiro, apresenta as impressões do que seja a "Região Metropolitana do Cariri".

No segundo capítulo descreve o conflito por território na dinâmica da Zona Central da cidade de Juazeiro do Norte e seus processos de territorialização e desterritorialização. A pesquisa realizou-se especificamente na praça da Matriz⁵ e seu contorno, localizado em frente à Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores (Igreja Matriz), sendo este um dos espaços de maior concentração de romeiros e comércio informal.

No terceiro capítulo aborda o processo de reterritorialização, com a transferência dos camelôs para o Centro de Apoio aos Romeiros. Iniciando com a análise do conceito de desenvolvimento e de como este tem sido abordado no Plano Diretor de Desenvolvimento

⁴ Realizado em aula de campo, ministrada por David Melo Van den Brule (quando professor substituto da Universidade Regional do Cariri) com os alunos do curso de Geografia, na disciplina Regional I: divisões regionais e políticas territoriais no Brasil, totalizando 187 questionários. Quantidade esta possibilitada em favor da disponibilidade de alunos e tempo da aula realizada no dia 30/01/2010.

⁵ Nome popular do espaço que contorna a Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores.

Urbano de Juazeiro do Norte. Finalmente, verificando de que maneira o seu entendimento norteia as políticas públicas urbanas da cidade no que diz respeito ao Centro de Apoio aos Romeiros, mais especificamente.

Destarte inicia-se um processo que não se completa sozinho, é um caminho de amadurecimento, embates teóricos e práticos do olhar sobre a cidade, caminhando junto com a comunidade científica e a realidade local.

1. CENTRO E CENTRALIDADE EM JUAZEIRO DO NORTE-CE

Descobrimos o essencial do fenômeno urbano na *centralidade*. Mas na centralidade considerada com o movimento dialético que a constitui e a destrói, que cria ou a estilhaça. Não importa qual o ponto possa tornar-se central [...] A centralidade não é indiferente ao que ela reúne, ao contrário, pois ela exige um conteúdo. E, no entanto, não importa qual seja esse conteúdo. Amontoamento de objetos e de produtos nos entrepostos, montes de frutas nas praças de mercado, multidões, pessoas caminhando, pilhas de objetos variados, justapostos, superpostos, acumulados, eis o que constitui o urbano.
(Henri Lefèbvre, 1999 [1970], p.110).

A expressão de uma centralidade é elemento fundador do urbano e através dela é possível conhecer melhor o que é a cidade. Toda centralidade está inserida em um centro: a centralidade está para os fluxos de pessoas, mercadorias, automóveis, uma circulação contínua, assim como o centro está para os fixos, os prédios, as lojas, as vias. É possível observar que uma das centralidades expressas na cidade de Juazeiro do Norte, é gerada pelo fervor religioso do catolicismo popular, e tem como foco central o padre Cícero Romão Batista.

Anualmente, aproximadamente dois milhões de fiéis visitam a cidade, esboçando uma centralidade cuja influência extrapola os seus limites de tempo e espaço interno. Essa centralidade anunciada no Juazeiro do Norte ganha uma referência que não é muito comum nas cidades de hoje, onde geralmente os fluxos giram em torno do dinheiro e da tecnologia. É a fé, o sagrado, o místico, a esperança, a promessa, o milagre, que permeia uma de suas centralidades. Em torno desta situam-se toda uma dinâmica de interesses: as atividades econômicas, o planejamento das políticas públicas, o investimento do grande capital e a participação da Igreja local.

Neste trabalho averiguam-se dois centros na cidade de Juazeiro do Norte, os quais serão abordados preliminarmente neste capítulo. O centro tradicional e um novo centro possibilitado pelas mudanças na estrutura da cidade, principalmente após a instalação do Cariri *Shopping*, construído no ano de 1997, no bairro Triângulo próximo à rotatória que liga às cidades vizinhas de Crato e Barbalha.

Os dois centros esboçam centralidades distintas. No primeiro estão localizados os serviços bancários, clínicas médicas, terminais de transporte urbanos, venda de

eletrodoméstico, boutiques, lojas de informática, farmácias, lanchonetes, locadoras de DVD's, mercadinhos, super-mercados, padarias, residências, cartórios, correios, Câmara Municipal, entre outros. Mas, em determinados períodos do ano, torna-se um centro também para as atividades religiosas, pois a maioria dos lugares sagrados das romarias está no perímetro deste centro, onde se concentram as principais igrejas da cidade, a casa onde padre Cícero viveu seus últimos seis meses de vida e o memorial Padre Cícero, espaços comumente visitados pelos romeiros.

O segundo centro localizado no bairro Triângulo e adjacências, é conhecido também como triângulo Crajubar (sílabas iniciais das cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha). Está área concentra serviços, tais como: concessionárias, Cariri *Shopping*, Edifício Cariri Medical Center (com salas comerciais e consultórios médicos), rodoviária, colégios públicos, instituições do ensino superior, delegacia regional, Centro de Especialidades Odontológicas, Hiper Bompreço (Grupo Walmart), dentre outros. O que verifica uma inovação na oferta de serviços e a descentralização espacial do centro tradicional, na transição do século XX para o século XXI nesta cidade.

Neste século XXI, Juazeiro do Norte apresenta-se como polo-núcleo-central da já institucionalizada "Região Metropolitana do Cariri" (RMC), situada em uma posição estratégica entre as cidades vizinhas, Crato e Barbalha, que juntas formam um processo chamado de conurbação, “[...] o que vai ocorrendo é que elas se situam tão próximas e os vínculos entre elas se tornam tão intensos que certos fluxos passam a ‘costurá-las’ muito fortemente e, no fundo, elas passam a existir como se fossem uma só, ao menos sob vários aspectos” (SOUZA, 2008 [2003]).

No entanto, as dinâmicas modernizantes atraem cada vez mais investimentos financeiros de ordem pública e privada para a cidade de Juazeiro do Norte, o que faz esta ser não apenas um polo de franca religiosidade, mas também uma cidade que anuncia outros focos e demandas, ao mesmo tempo em que oferece novos serviços urbanos.

1.1 Centro tradicional e formação urbana de Juazeiro do Norte-CE

O debate sobre o centro e a centralidade na Geografia Urbana deriva da teoria sobre as localidades centrais desenvolvidas por Walter Christaller, na década de 1930. De lá para cá, essa teoria vem sendo repensada, revisada e aplicada por alguns autores, a exemplo de alguns

trabalhos de Milton Santos, Roberto Lobato Corrêa, Maria Encarnação Beltrão Sposito, William Ribeiro da Silva e Arthur Magnon Whitacker.

Na perspectiva ora apresentada, o centro assume um espaço para onde os acontecimentos convergem, o fluxo de pessoas é maior, acontece a inclusão das atividades, exercendo assim um impacto no cotidiano da cidade. Todo centro expressa uma centralidade para aqueles que o frequentam. Segundo Sposito (1991, p. 6), o centro é “[...] antes de tudo o ponto de convergência/divergência, é o nó do sistema de circulação, é o lugar para onde todos se dirigem para algumas atividades”. Em suma, o centro polariza, articula, atrai, sobressai, expressando sua centralidade que conecta, ao mesmo tempo em que dispersa, possibilitando o surgimento de novos centros.

No entanto pode-se dizer que o centro não é sinônimo de centralidade, pois cada um possui uma conotação específica na linguagem conceitual. Num esforço didático de distinção entre centro e centralidade, Sposito afirma que

[...] o centro se revela pelo que se localiza no território, a centralidade é desvelada pelo que se movimenta no território (...) O que é central é redefinido em escalas temporais de médio e longo prazo pela mudança na localização territorial de atividades. A centralidade é redefinida continuamente, inclusive em escalas temporais de curto prazo, pelos fluxos que se desenham através da circulação das pessoas, das mercadorias, das informações, das ideias e dos valores. (...) a centralidade pode ou não ser fugaz, efêmera ou transitória, porque ela não se institui apenas pelo que está fixo no espaço, mas pelas mudanças ocorridas no decorrer do tempo, no uso, apropriação e sentido dado aos espaços e deles apreendidos. Em síntese, enquanto a localização sob a forma de concentração de atividades comerciais e de serviços revela o que se considera como central, o que se movimenta institui o que se mostra como centralidade. (2001, p.238-239).

Essa centralidade em um mundo globalizado se apresenta cada vez mais complexa. O surgimento de cidades relaciona-se a determinados fenômenos, sejam eles possibilitados por uma ordem técnica, sejam eles por condições imateriais, como o exemplo da expansão urbana verificada na cidade pesquisada.

As condições (materiais e imateriais) são indissociáveis, considerando que, em alguns momentos, a prioridade de análise a uma delas é exercida. Em Juazeiro do Norte, a imaterialidade (a fé, o sagrado, a promessa, a esperança) teve inicialmente uma influência no crescimento da materialidade.

A gênese e a consolidação do centro tradicional de Juazeiro do Norte coadunam-se com a própria vida do padre Cícero. É em torno deste ator social que se insere o processo que irá dar forma urbana à cidade.

Antes da chegada do padre, em 1872, a Joaseiro⁶, esta cidade encontrava-se com um pequeno aglomerado humano, contava apenas com a presença de uma capelinha, uma escola, poucas casas (a maioria de taipa) e duas pequenas ruas: Rua Grande (atualmente com o nome de Rua Padre Cícero) e Rua do Brejo. É enaltecida ainda na história da cidade a presença de uma população de escravos e arruaceiros afeitos à bebedeira e à prostituição. A esse respeito Ralph Della Cava, destaca que

Quando aí chegou o Padre Cícero, Joaseiro não passava de um insignificante lugarejo que se situava na extremidade nordeste do município do Crato. [...] Em 1875, o arraial ainda conservava os traços essenciais de uma fazenda de cana-de-açúcar; sua população era em torno de 2 mil habitantes. [...] O povoado ostentava uma capela, uma escola e 32 prédios com tetos de palha. Havia somente duas ruas. A rua Grande, mais tarde rua Padre Cícero, estendia-se, paralelamente, ao longo da capela e encontrava-se em perpendicular com a rua dos Brejos. (CAVA, 1976 p. 36).

Também é registrado um comércio ambulante feito por tropeiros, vindos de Missão Velha de passagem para Crato e usando Joaseiro como centro de paragem até a retomada da viagem.

O padre dá início a um trabalho de evangelização e combate ao uso de bebidas alcoólicas, ganhando notabilidade e respeito do povo da cidade. O ápice desse processo aconteceu no dia do suposto milagre da transmutação da hóstia em sangue na boca da beata Maria de Araujo, no ano de 1889. Este marco inicial gera uma série de acontecimentos na cidade a ponto do poder eclesiástico suspender as ordens religiosas do padre Cícero. Essa decisão do clero não impediu o crescimento vertiginoso de um fervor religioso centrado na figura do então considerado milagreiro e profeta Cícero Romão Batista.

Após o acontecimento do alusivo milagre da hóstia, que vira sangue na boca da beata Maria de Araújo, há um crescente movimento de peregrinação em direção à cidade de Juazeiro do Norte, a cada ano aumentando significativamente este fluxo. De acordo com o esclarecimento proposto no PDDU, após esse acontecimento

⁶ Grafia antes utilizada, até 1914. Posteriormente passa a ser chamada de Juazeiro, e na década de 1940 vira Juazeiro do Norte, para diferenciar-se de Juazeiro do estado da Bahia.

Surge e cresce, vigorosamente, o comércio religioso no povoado e o grande número de romeiros deixa em Joaseiro recursos que são canalizados pelo Padre Cícero para obras sociais e empreendimentos modernos. Dessa forma, Joaseiro vai-se transformando num centro urbano consolidado, com diferenciação de ofícios e equipamentos sociais e serviços diferenciados, como a estação telegráfica (1904), as oficinas de relógios e, sobretudo, o comércio. (CEARÁ, 2000, p. 17).

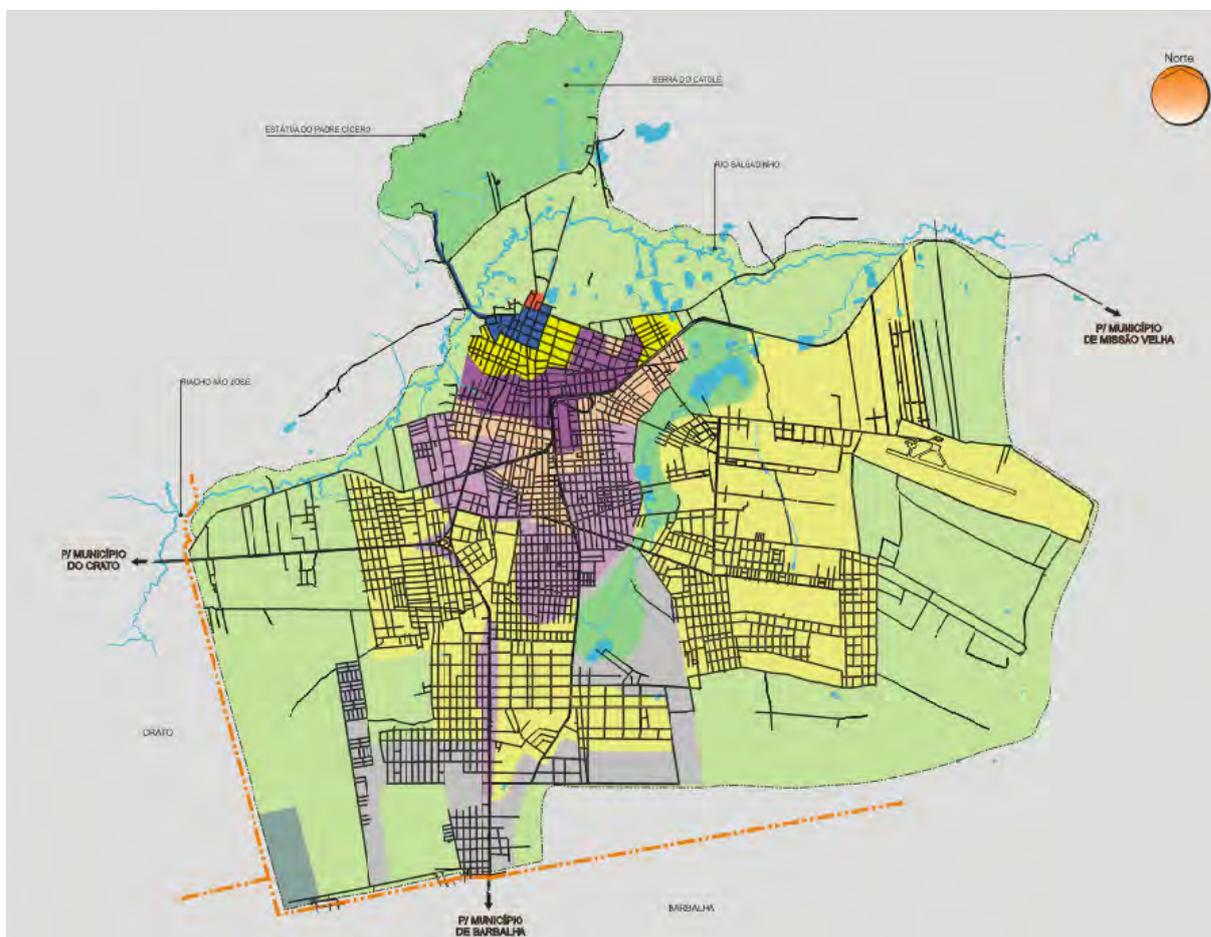
Desse modo, a participação de padre Cícero na formação da cidade de Juazeiro do Norte é inegável, sendo não apenas restrita ao movimento religioso por ele deflagrado, mas, também, com ativa participação na política; nas reivindicações da emancipação política do município, na doação de novas áreas a serem povoadas, na participação das decisões importantes para a cidade; no requerimento de obras de infraestrutura; no apoio ao povo; na assistência social; nas alianças políticas, onde, dentre outras ações, sagrou-se o primeiro prefeito da cidade.

Já no início do século XX, com a autonomia municipal de Juazeiro do Norte, em 1911, no entorno da praça Padre Cícero (antiga praça Almirante Alexandrino de Alencar) e da rua Padre Cícero, encontravam-se as principais atividades da cidade, a exemplo de alguns prédios públicos e dos estabelecimentos comerciais, configurando o centro urbano. “Até o final da década de 20, Joaseiro possuía um traçado mais ou menos ordenado, de orientação nordeste–sudoeste/noroeste–sudeste, seguindo o alinhamento do núcleo original” (CEARÁ, 2000).

Outro acontecimento importante na dinâmica da cidade advém da chegada da Estação Ferroviária e da Via Férrea, na década de 1920, possibilitando uma nova expansão da ocupação urbana, bem como um novo traçado urbanístico. "A partir daquele dia, 7 de novembro de 1926, o município passava a ter ligação direta com as demais estações da Rede Viação Cearense, o que abreviava a distância a Fortaleza para apenas um dia de viagem" (LIRA NETO, 2009, p.488).

Assim, no mínimo três aspectos marcaram o crescimento urbano do núcleo original na direção norte/sul, sejam estes: as incidências do relevo acidentado na serra do Horto (na direção sul-norte), a construção da via férrea e as proximidades com os municípios vizinhos de Crato e Barbalha, observe a Figura 1 seguir:

Figura 1. Evolução urbana de Juazeiro do Norte-CE.



Legenda:

| | | | |
|--|------------------------|--|---|
| | NÚCLEO ORIGINAL - 1872 | | 1980 - 1990 |
| | 1ª DÉCADA - SÉCULO XX | | 1990 - 1998 |
| | 1910 - 1920 | | ÁREAS AINDA NÃO URBANIZADAS / ÁREAS AGRÍCOLAS |
| | 1920 - 1940 | | ÁREA DE PRESERVAÇÃO / ÁREA DO HORTO |
| | 1940 - 1960 | | DISTRITO INDUSTRIAL |
| | 1960 - 1980 | | LIMITE MUNICIPAL |
| | | | LIMITE DA ZONA URBANA ATUAL |

FONTE: PDDU de Juazeiro do Norte, 2000. Editado por BRULE, David (2011).

Após a morte de padre Cícero, na década de 1930, momento em que o Juazeiro do Norte já contava com uma população de 60 mil moradores, deu-se ainda mais o crescimento das romarias, que dinamizou o comércio e provocou o aumento das estruturas urbanas e dos

fluxos de pessoas e de mercadorias, possibilitando a instalação de fábricas, lojas e pequenas indústrias, ampliando o raio de atuação da cidade.

Em 1969, é inaugurada uma estátua em homenagem ao padre Cícero, na serra do Horto, local que já havia sido habitado pelo próprio padre que possuía uma casa de repouso e de oração, construídos ainda na década de 1920. Atualmente, o local é um dos mais visitados em Juazeiro do Norte, apesar de seu relativo afastamento do centro tradicional (aproximadamente 5 km). É o ponto de mais alta altitude (500m) do relevo urbano desta cidade.

Nas décadas de 1970 e 1980, o crescimento populacional, o aumento do número de veículos, das comunicações, dos estabelecimentos comerciais e conseqüentemente das cidades vizinhas, Crato e Barbalha, foram alguns dos motivos que possibilitaram o afastamento das residências localizadas na Zona Central para bairros mais periféricos. Este processo é verificado no crescimento dos centros urbanos onde a área residencial sede espaço para o comércio e serviços.

Atualmente essa Zona Central, de acordo com texto do PDDU (CEARÁ, 2000), “polariza todos os bairros, pois apresenta uma situação diversificada, em que predomina o uso comercial e de serviços, e equipamentos públicos, de saúde e lazer e, em menor proporção, moradias”. No mesmo documento, afirma

A caminhabilidade na zona central poderia, ainda, favorecer o uso coletivo dos espaços públicos das praças como lugar de encontro e convivência, o que já se verifica na Praça Padre Cícero, Praça dos Ourives, Praça da Estação, etc, mas os conflitos entre ambulantes e pedestres, aliados ao clima quente da cidade, desfavorecem tal convívio. Nos trechos residenciais do centro, ou seja, nas ruas secundárias paralelas e perpendiculares às Ruas São Pedro e São Paulo, e na Rua Padre Cícero e zonas periféricas, essa atividade acontece nas ruas, calçadas e pequenas praças. Vale ressaltar que as calçadas da cidade, principalmente na região central, são muito estreitas. (CEARÁ, 2000. p. 27)

No entanto, a zona central congrega as duas principais características da cidade de Juazeiro do Norte: a romaria e o comércio. A centralidade religiosa, expressa pela fé em padre Cícero, possui um centro que coaduna com o seu núcleo urbano original, espaços destacados e caracterizados a seguir.

A Igreja Matriz foi inaugurada por padre Cícero em 1875. Este local, que sediou o referido milagre da hóstia que se transformou em sangue na boca da beata Maria de Araujo,

destaca-se atualmente por se tornar a segunda Basílica Menor⁷ do Estado do Ceará, título concedido pelo Papa no ano de 2008, sendo um dos pontos do núcleo urbano original da cidade e um dos espaços mais visitados.



Foto 1. Igreja Matriz (BRULE, David, 2011) Foto 2. Celebração religiosa na praça⁸ da Igreja Matriz (Disponível no site da prefeitura)

Na rua São José, entre a Igreja do Socorro e a Igreja Matriz, fica localizada a Casa Museu, lugar de morada e casa onde morreu Cícero Romão Batista. É um espaço consagrado para quem vai conhecer a cidade. Neste museu encontram-se alguns pertences do padre, como: batina; chapéu; louças; a sala de ex-votos; a exposição de animais empalhados; além da cama onde Cícero morreu, local dos mais venerados pelos fiéis.



Foto 3. Fachada do Museu Padre Cícero. (BRULE, David, 2011). Foto 4. Placa inserida na fachada do Museu Padre Cícero. (BRULE, David, 2011).

⁷ “Basílica menor é um título honorífico concedido pelo Papa a igrejas em diversos países do mundo consideradas importantes por diversos motivos tais como: Veneração que lhe devotam os cristãos, transcendência histórica e beleza artística de sua arquitetura e decoração”. In: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bas%C3%ADlica>>

⁸ Esta praça está registrada com o nome de Antônio Correia Celestino.



Foto 5. Museu Padre Cícero na romaria. (BRULE, David, 2011)

A Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, criada em 1908, local onde foi sepultado o corpo do padre Cícero, expressa um dos espaços sagrados para os seus fiéis. Na praça⁹ (conhecida como a praça do Socorro) dessa Igreja existe uma estátua, inaugurada em 1944, que, embora pequena, é muito venerada pelos romeiros. À sua frente, com um raio de distância de alguns metros, fica localizado o Memorial Padre Cícero, onde se observa um outro lado do padre: o político, provido de riquezas materiais. As fotos históricas revelam a participação do padre na formação política da cidade.



Foto 6. Capela Nossa Senhora do Perpétuo do Socorro. Foto 7. Memorial Padre Cícero (BRULE, David, 2011).

⁹ Praça com o nome do primeiro capelão da capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, o Padre Silvino Moreira Dias.



Foto 8. Entre a Capela do Socorro e o Memorial Padre Cícero, (SANTOS, Elisângela, 2010).

Os santuários São Francisco das Chagas (Franciscano) e Sagrado Coração de Jesus entram nesta centralidade, mas não recebem uma quantidade de visitas tão expressiva como os outros espaços acima já citados. Um pouco mais afastado da Zona Central fica o Horto, situado na serra do Catolé, lá está a estátua do Padre Cícero. Com 27 metros de altura, foi esculpida em 1969 em homenagem ao padre, “[...] nas imediações da estátua, há o casarão do Padre Cícero, atual Museu Vivo ao Pe. Cícero, onde estão expostos objetos sagrados de promessas, além de cenas que reproduzem acontecimentos importantes da vida do Padre” (ARAÚJO, 2005, p. 143).

O roteiro da fé referenciado neste tópico abrange os seguintes focos: Basílica Menor Nossa Senhora das Dores (Igreja Matriz), Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Museu Padre Cícero, Memorial Padre Cícero, Santuário São Francisco das Chagas (Franciscano), Santuário do Sagrado Coração de Jesus (Salesiano) e Estátua de Padre Cícero. A seguir a Figura 2 para uma melhor localização:

Figura 2. Roteiro da Fé.



FONTE: PDDU de Juazeiro do Norte, 2000. Editado por Brule, David (2011).

Estes espaços simbolizam o cenário sagrado da cidade de Juazeiro do Norte. Assim “[...] o caráter religioso herdado da vida do Padre Cícero na cidade mantém esse sítio como referencial histórico e afetivo para a população local e visitantes” (CEARÁ, 2001, p. 26).

Portanto, o processo de formação do núcleo urbano original de Juazeiro do Norte coaduna em torno do que se classifica atualmente como Zona Central, abordada no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do município, ou seja, pode-se afirmar que, na gênese urbana desta cidade, encontra-se seu centro tradicional. Foi a dinâmica histórica, a formação sócio-espacial construída sob os alicerces da fé em padre Cícero que possibilitou este primeiro

centro de Juazeiro do Norte e o seu crescimento que ocorreu na direção norte-sul. Articulador inicial desta cidade, padre Cícero Romão Batista exerceu uma influência que permanece até hoje. Este centro congrega, portanto, o centro tradicional com comércio e serviços; e a centralidade da fé, expressa pelo catolicismo popular.

1.2 Nova centralidade em Juazeiro do Norte

Considerada como uma cidade média, Juazeiro do Norte não está imune à lei do movimento. Verifica-se o vertiginoso aumento do fluxo de informações e o crescimento das tecnologias, para os quais o seu espaço interno vem se reordenando no sentido de atender às novas demandas contemporâneas. Essas ditas cidades médias possuem características intermediárias entre a pequena e a grande cidade, e nela convivem ainda aspectos marcantes de ambas.

A ampliação das infraestruturas, o incremento de novos bens e serviços, o planejamento do desenvolvimento urbano, o surgimento de novas centralidades, o papel de intermediação com outras cidades, o aumento populacional, a ampliação do trânsito, o crescimento da poluição, a carência do tempo livre. Essas e outras características interferem diretamente em Juazeiro do Norte, permitindo pensá-la como uma cidade média.

Os critérios aqui utilizados para conceituar Juazeiro do Norte como cidade média baseiam-se na tese de doutorado de Silva (2006). O autor, ao refletir a respeito do conceito de cidades médias, conta com uma pesquisa bibliográfica com mais de nove referências para tal classificação. Os que se destacam como critérios prioritários são os seguintes: as interações que a cidade poderá desempenhar com o seu espaço regional, a importância funcional do espaço interno, a dinâmica de serviços, a crescente multiplicação de novos núcleos habitacionais e a expressão de centralidade em relação a outras cidades (SILVA, 2006).

O artigo “Cidades Médias no Brasil”, publicado por Branco¹⁰, propõe um quadro de referências para a seleção de cidades médias no Brasil, levando em consideração o tamanho populacional e econômico, o grau de urbanização, a centralidade e a qualidade de vida. Adota como aspecto quantitativo mínimo 100 mil habitantes, e máximo, 350 mil habitantes, revelando isto como aspecto importante, mas não fundamental no critério de seleção das

¹⁰ BRANCO, Maria Luisa Castello. Cidades médias no Brasil. In: SPOSITO, E. S. SPOSITO, M. E. B. SOBARZO, O. (Orgs). *Cidades médias: produção do espaço urbano e regional*. 1. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006. (Série Geografia em Movimento).

cidades médias. Quanto à questão econômica, salienta a importante dinâmica do centro, seu poder de atração e mediação com relação a outras cidades e, portanto, a expressão de sua centralidade. Os aspectos da urbanização como a prestação de serviços, as atividades produtivas, entre outros, foram também levados em consideração. A qualidade de vida exerce influência em sua proposta ao considerar a oferta de infraestrutura, o fator segurança, a facilidade de deslocamento etc. (BRANCO, 2006).

No texto da autora acima citada, importantes cidades, como Juazeiro do Norte, objeto desta pesquisa, Londrina e Maringá, estudadas por Silva (2006), ficaram de fora com a seguinte justificativa:

Ao se considerar a centralidade, justifica-se a não inclusão de cidades localizadas no entorno de regiões metropolitanas que embora tenham o tamanho populacional considerado, estão integradas à dinâmica metropolitana, e desta forma, não constituem cidades médias no sentido funcional, por pertencerem “a uma área urbana estruturada funcionalmente, com grau significativo de integração ou coesão interna” (*apud* SPOSITO, 2001, p. 627). Desse modo, excluem-se as cidades pertencentes a Regiões Metropolitanas¹¹, a Regiões Integradas de Desenvolvimento e às Áreas de Concentração de População. (BRANCO, 2006, p. 251).

Neste fim do século XX, as relações econômicas ampliaram-se, mais áreas foram ocupadas enquanto a natureza recuou consideravelmente, todas as formas de densidade humana ficaram com maior número de técnica e informação nos territórios. (SANTOS, 2001).

Na transição do século XX e para o século XXI, novas dinâmicas avolumam o Juazeiro do Norte, dando início à configuração de um novo centro, possibilitado através da construção do Cariri *Shopping*, inaugurado em 1997. De acordo com Sposito (1991, p. 12), o *shopping* está inserido “[...] numa reprodução, em nova localização, de atividades que tradicionalmente ocupavam o centro principal e/ou outros eixos comerciais no interior da cidade. Tais atividades são, principalmente, comerciais e de serviços”. De tal modo que o *shopping* pode ser considerado como propulsor de uma nova centralidade, como afirma Sposito (1991):

¹¹ Talvez aí resida a distinção conceitual para o que a referida autora entende por Região Metropolitana, diferentemente do que aqui foi adotado. Mais à frente há discussão conceitual a respeito do que seja metrópole e, portanto, região metropolitana. Aqui considerou-se que a já institucionalizada “Região Metropolitana do Cariri” não se enquadra nos índices abordados para se considerar uma Região Metropolitana, podendo, portanto, ser considerada uma cidade média.

Na medida em que através da concentração de um conjunto de estabelecimentos voltados ao comércio e aos serviços, em uma nova localização, recria-se a centralidade, ou seja, reúnem-se em outro *locus* as mesmas qualidades de concentração que se encontram no centro, associadas a um novo modelo de acessibilidade, já que os shoppings são alocados próximos a vias expressas e conjugam grandes áreas de estacionamento. (SPOSITO, 1991. p.12).

Assim, o Cariri *Shopping* passa a oferecer a expansão dos serviços que antes eram concentrados no centro principal. Ele consegue proporcionar em um só local diversas atividades, como lojas de roupas, calçados, informática, eletroeletrônico, farmácia, banco, áreas de lazer (jogos eletrônicos, cinema, praça de alimentação), supermercado, academia, curso de pré-vestibular, etc. Este equipamento possui as seguintes lojas: Lojas Americanas, Super Mercadinhos São Luiz, Cacau Show, Boticário, Colcci, Hering e outras. Estima-se que em 2010 este empreendimento contou com 900 empregos diretos possuindo uma movimentação mensal de 600 mil pessoas¹².

Segundo a visão do empresariado "[...] É função do *shopping* dar ao cliente a possibilidade de numa única visita saciar todas as necessidades, (sic) diz o superintendente do Shopping Morumbi, Wilson Spinelli [...]" (*apud* BIENENSTEIN, 2001, p.89)

Atualmente esse empreendimento recebe investimentos para sua ampliação, segundo a notícia vinculada no jornal “Diário do Nordeste”, dia 24 de novembro de 2009:

Iniciados os trabalhos de expansão do Cariri Shopping, localizado em Juazeiro, no chamado Triângulo Crajubar, entre Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha. O investimento é de R\$ 30 milhões. Quando concluído, será o maior do Interior do Nordeste. Vai atender a 42 municípios do Cariri e região Centro-Sul e mais outros municípios de Pernambuco, Paraíba e Piauí, que se limitam com o Ceará. A previsão é de que os trabalhos sejam concluídos em abril em 2011. (VICELMO, 2009).

A seguir as fotos que representam esse momento

¹² Fonte: CARIRI Shopping. *O shopping: saiba um pouco mais sobre o Cariri Shopping*. Disponível em: <<http://www.shoppingcariri.com.br/oshopping.html>> Acesso em: 15. jun. de 2011. e EDITORIAL. Blog Juanorte: Jornal de opinião da Metrópole do Cariri, coluna da hora, 26/09/2010, edição 101. *Cariri shopping será quarto maior do Nordeste*. Disponível em: <<http://www.juanorte.com.br/Edi-101-26-09-10/colunahora.html>>. Acesso em: 15. jun. de 2011.



Foto 9. Expansão do Cariri Shopping, (BRULE, David, 2011).



Foto 10. Ampliação do Cariri Shopping, (BRULE, David, 2011).

Com a expansão, o Cariri Shopping irá dobrar de tamanho: de uma área construída de 23.849m² passará a possuir 42.250m², de 74 lojas para 193 lojas (dentre elas, mais duas lojas âncoras: Marisa e Riachuelo), mais duas salas de cinema (contando com uma moderna sala para exibição em 3D) e um maior espaço gastronômico. Assim, o empreendimento vai se tornar o maior shopping do interior do Nordeste e o terceiro maior do estado do Ceará.

A respeito do *Shopping Center*, Bienenstein (2001) considera-o "muito mais do que a simples justaposição de um local de vendas com equipamentos destinados ao lazer e à recreação. Na realidade, este objeto tem transformado o ato de consumir em atividade de lazer" (p. 96). O que parece ser o novo cogito da sociedade atual, como diz Gilles Lipovetsky (2007): "compro, logo existo!"

Soma-se a isso o crescimento dos investimentos públicos e privados em torno desta área, como a ampliação do número das instituições de ensino superior, a instalação do Supermercado Atacadão (do grupo Carrefour), o novo Hospital Regional do Cariri (HRC) e o Hiper Bompreço (do grupo Walmart) que poderão abranger um raio de 150 km e atender a uma população estimada em mais de um milhão de pessoas¹³.

As novas propostas para a cidade de Juazeiro do Norte, tais como a revalorização do ordenamento territorial no sentido de aproveitar as potencialidades da cidade; a introdução estratégica do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano; as questões culturais que ultrapassam as fronteiras locais, atingindo uma dimensão de proporção nacional; os empréstimos concedidos pelo Banco Mundial; os investimentos do Governo do Estado do Ceará na cidade; as ampliações do Aeroporto¹⁴ e do Cariri *Shopping*; as instalações do metrô que liga Juazeiro do Norte a Crato; as novas instalações do Hospital Regional do Cariri; o Centro de Especialidades Odontológicas; a nova Delegacia Regional; a exportação de calçados¹⁵; a vinda da TV Verdes Mares ao Cariri; do Atacadão Carrefour (supermercado atacado-varejista); novas concessionárias; Juazeiro *Open Mall* (inaugurado no dia 28 de julho de 2011, com a bandeira do Hiper Bompreço); o crescimento de instituições de ensino superior (pós-graduações e campos universitários), entre outros, demonstram a existência de uma cidade que já não se empenha unicamente em elevar o já consagrado espaço da fé, mas também o crescimento de outros atrativos modernos.

A tese defendida por Silva (2006), revela um estudo comparativo entre duas cidades médias Maringá e Londrina. Ao falar sobre centro, centralidade e a formação de novos centros, o autor conclui que na primeira cidade há uma tendência de concentração e fortalecimento do centro principal, enquanto que na segunda há a tendência ao afastamento do centro principal e a formação de outras centralidades.

A respeito de Juazeiro do Norte, acredita-se ser o exemplo da segunda cidade citada o mais familiar, onde ocorrem os processos de "implosão e explosão do centro", além do surgimento de outro centro, com a construção do Cariri *Shopping*. Este processo é ocasionado

¹³ Fonte: Disponível em: <<http://cratonoticias.wordpress.com/2010/12/09/juazeiro-do-norte-ce-lula-inaugura-hospital-do-cariri-proximo-dia-13/>>.

¹⁴ A Infraero registrou no ano de 2010 um "Movimento Anual de Passageiros (embarcados + desembarcados)" Na cidade pesquisada, com uma população de aproximadamente 249.939 habitantes, foi contabilizado um total de 244.780 passageiros, expressando sua forte centralidade. Fonte: INFRAERO, *Anuário Estatístico Operacional 2010*. Disponível em: <<http://www.infraero.gov.br/index.php/br/estatistica-dos-aeroportos.html>> Acesso em: 27 de jun de 2011.

¹⁵ Juazeiro do Norte. "figurando como segundo em faturamento e primeiro em quantidade embarcada". Notícia disponível em: <<http://www.juanorte.com.br/Edi-119-06-02-11/juabrasil.html>>.

pela escassez de solo urbano no centro tradicional com ausência de áreas para construção. Por motivos semelhantes a Londrina, cresce e forma-se uma nova centralidade em torno do novo centro. Dentre eles, destacam-se: interesse de empresas privadas e conseqüentemente a valorização do solo urbano; convergência dos transportes coletivos e, por conseguinte, boa acessibilidade; ampliação dos estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços públicos e privados, atrelados a mais investimentos públicos e privados em obras.

Cabe lembrar que essa análise está inserida dentro de uma escala espaço-temporal precisa (transição do século XX com a construção do Cariri *Shopping*, e início do século XXI), porque tais processos podem mudar de direção. O que antes era tido como centro provocador de sub-centros, poderá ser centro concentrador e reordenar novas dinâmicas. Ao que Lefebvre explica:

[...] O centro urbano é preenchido até a sua saturação; ele apodrece ou explode. Às vezes, invertendo seu sentido, ele organiza em torno de si o vazio, a raridade. Com mais freqüência, ele supõe e propõe a concentração de tudo o que existe no mundo, na natureza, no cosmos: frutos da terra, produtos da indústria, obras humanas, objetos e instrumentos, atos e situações, signos e símbolos. Em que ponto? Qualquer ponto pode tornar-se o foco, a convergência, o lugar privilegiado. De sorte que todo o espaço urbano carrega em si esse possível-impossível, sua própria negação. De sorte que todo espaço urbano foi, é, e será concentrado e poli(multi)cêntrico. (1999 [1970], p. 46)

Portanto, o Cariri *Shopping* possibilitou o surgimento de uma nova centralidade. Dentre os aspectos que podem evidenciar tal centralidade, estão: raridade do espaço e, conseqüentemente, a especulação imobiliária do solo urbano; a dinâmica e o fluxo constante e intenso de serviços; o crescimento demográfico; o surgimento de novas formas de transportes; o avanço técnico; a mudança na divisão territorial do trabalho; e a instalação de infraestrutura. (SPOSITO, 2001).

Estes e outros acontecimentos fazem repensar Juazeiro do Norte, não apenas enquanto espaço exclusivo das romarias, mas como espaço que vem consolidando outras centralidades que não apenas a da fé religiosa. Lira Neto, que biografou a vida do padre Cícero, também identificou isso ao destacar nas últimas páginas do seu livro que

[...] nem só de romarias vive o Juazeiro. A "metrópole do cariri" se tornou um dos principais aglomerados urbanos, comerciais e industriais do nordeste. Nas últimas décadas, a antiga vila de cerca de trinta casas de taipa

que um dia recebeu padre Cícero descobriu uma nova vocação econômica. Juazeiro do Norte é a sede do maior pólo universitário do interior cearense. São mais de cinquenta cursos de nível superior - incluindo medicina, direito, jornalismo e psicologia. Novos empreendimentos imobiliários e hoteleiros surgem a todo instante para atender à demanda das dezenas de milhares de estudantes nordestinos atraídos pelas faculdades juazeirenses. (NETO, 2009, p. 521).

Na pesquisa produzida por Amora e Nascimento (2011), Juazeiro do Norte é entendida como cidade média com base na análise relacional entre mobilidade e centralidade. Os pesquisadores enfatizam essa conceituação, tendo como critério a importância do papel regional que esta cidade exerce.

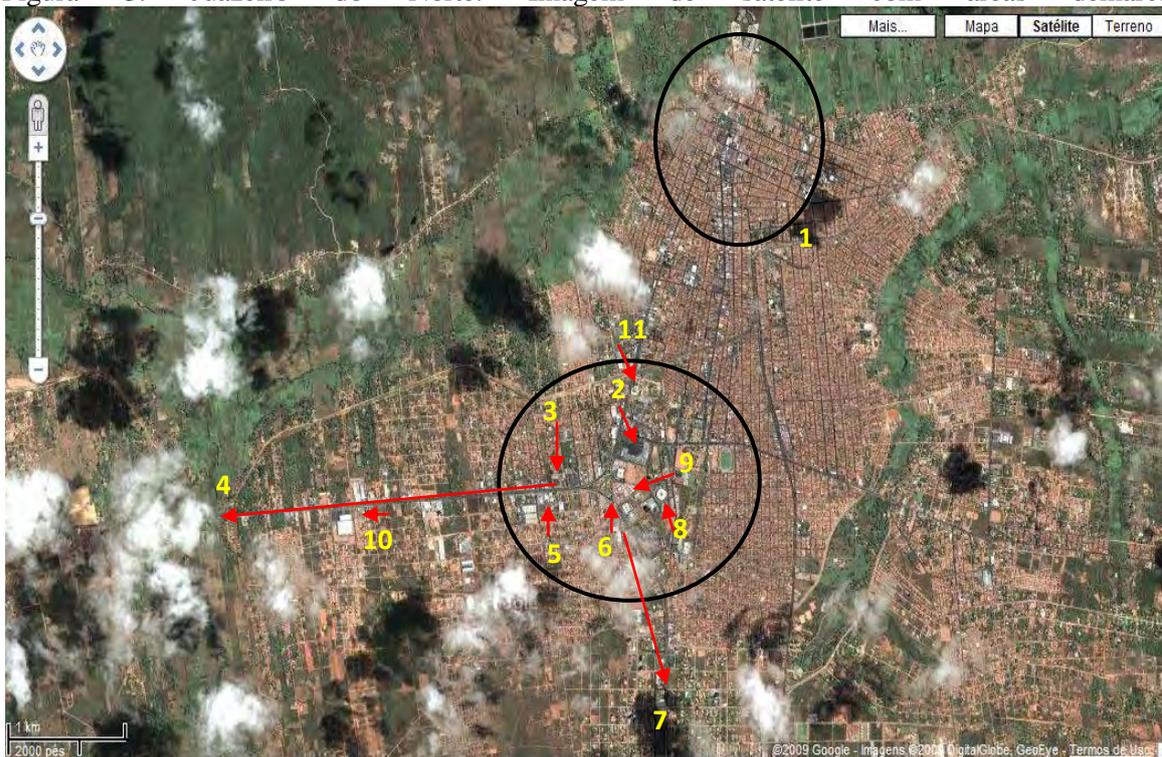
Os autores fizeram um levantamento com base na movimentação das pessoas que se deslocam em transportes coletivos entre Juazeiro do Norte e as cidades que dela dependem, revelando que a maior procura está prioritariamente na busca de educação do ensino superior, com 36%, de saúde, com 33%, 7% referentes ao fluxo de trabalhadores da indústria e os outros 7% restantes relacionados à prestação de serviço como representante comercial e frete. (AMORA e NASCIMENTO, 2011).

Portanto, a pesquisa conclui que o raio de atuação da cidade de Juazeiro do Norte não se restringe apenas às cidades que compõe a dita Região Metropolitana do Cariri. Os dados da pesquisa realizada em 2010 apresentam outras cidades como Acopiara-CE, Saboeiro-CE, Cariús-CE, Cedro-CE, Iguatu-CE, Icó-CE, Ipaumirim-CE, Lavras da Mangabeira-CE, Quixelô-CE, Tarrafas-CE, Várzea Alegre-CE, Abaiara-CE, Assaré-CE, Aurora-CE, Barro-CE, Brejo Santo-CE, Campos Sales-CE, Mauriti-CE, Milagres-CE, Salitre-CE, Araripina-PE, Cedro-PE, Serreta-PE, Bodocó-PE, Serrolândia-PE, Ipubi-PE, Conceição-PB e Cajazeiras-PB. Isso mostra uma parte da influência centralizadora que Juazeiro do Norte exerce nesses municípios.

Desse modo, esta cidade passa a receber a crescente participação do setor privado e público na construção de seu espaço urbano, gerando nova centralidade, expressa na gama de atividades vindas a ampliar o valor do solo urbano.

Segue, na Figura 3, uma demarcação feita aqui para ilustrar a centralidade expressa pela religiosidade popular e o surgimento dessa nova centralidade tracejada em torno da oferta de serviços e equipamentos modernos.

Figura 3. Juazeiro do Norte. Imagem de satélite com áreas demarcadas.



Fonte: Google Maps, editado por BRULE, David (2009).

Os números apresentados na imagem indicam:

1 - Núcleo da formação urbana original de Juazeiro do Norte, Zona Central e local onde se concentra o maior fluxo deromeiros nos seguintes espaços: Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores, Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Museu Padre Cícero, Memorial Padre Cícero, Igreja dos Franciscanos e dos Salesianos. Concentra também a maior parte dos prédios administrativos, como a Prefeitura Municipal; Câmara dos Vereadores; as Secretarias de Turismo e Romaria e de Educação; escolas particulares mais conceituadas; faculdades; bancos; correios; e o forte comércio da cidade;

2 – Cariri Shopping;

3 – Indústria de refrigerantes e água mineral da empresa Cajuína São Geraldo;

4 – Estrada em direção à cidade de Crato;

5 – Empresa Singer;

6 – Rotatória que interliga Juazeiro do Norte a Crato e Barbalha;

7 – Estrada em direção à cidade de Barbalha;

8 – Rodoviária de Juazeiro do Norte;

9 – Hospital Regional do Cariri;

10 – Supermercado Atacadão (Grupo Carrefour);

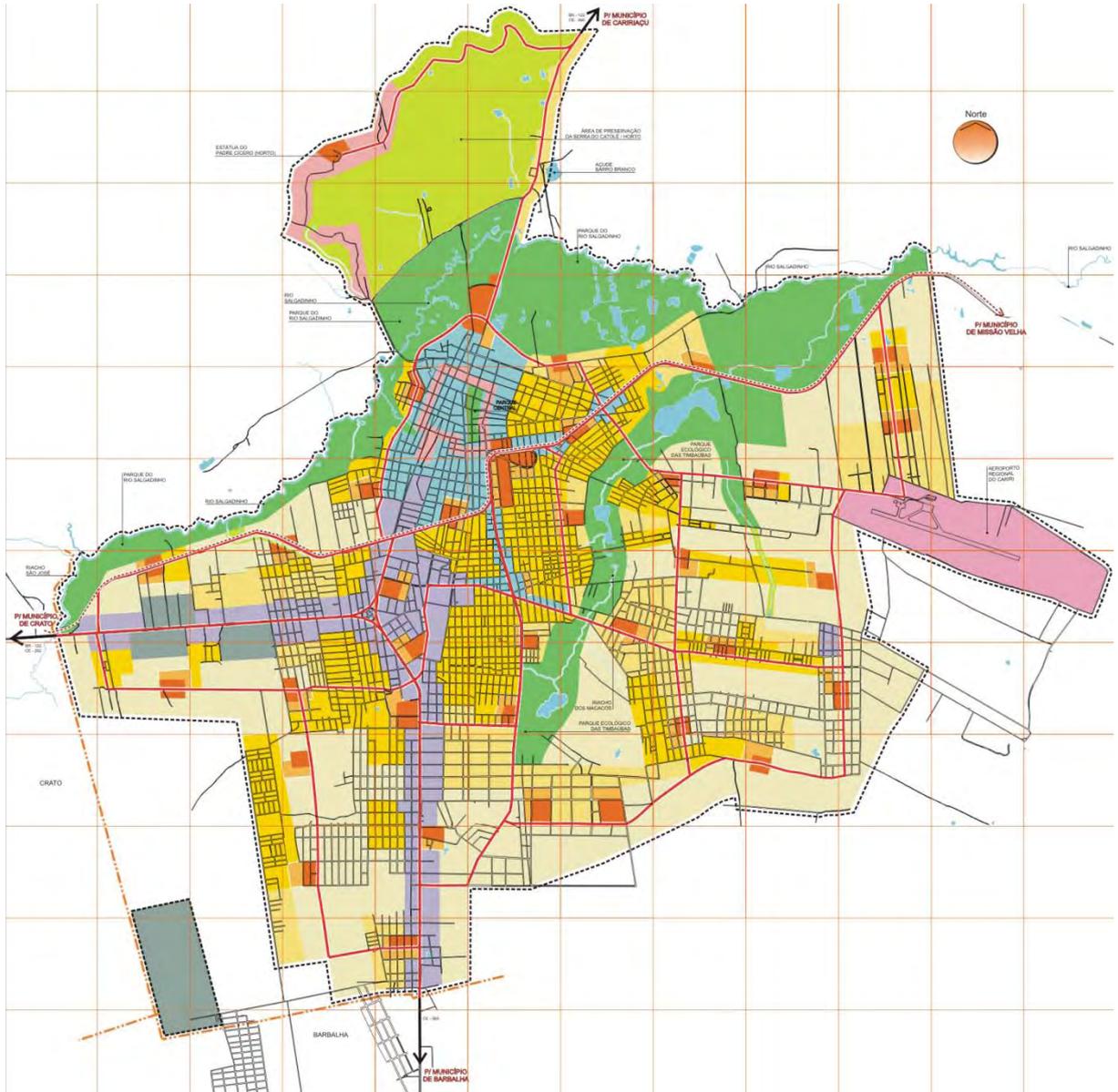
11 – Juazeiro Open Mall e Hiper Bompreço;

Existem outros pontos próximos aos selecionados, não identificados na imagem de satélite, que merecem ser revelados: a concentração de várias concessionárias, o Ginásio Poliesportivo do Cariri; a Universidade Regional do Cariri (URCA); o Centro de Ensino Tecnológico (CENTEC); dois *campi* da Faculdade Leão Sampaio; o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAD); o Serviço Social da Indústria (SESI); o Centro de Especialidades Odontológicas; o Estádio Municipal Mauro Sampaio (Romeirão); o Edifício Cariri Medical Center; a Delegacia da Mulher; o novo prédio da Delegacia de Polícia Civil de Juazeiro do Norte; o Segundo Batalhão de Polícia do Cariri; a Escola de ensino médio Adauto Bezerra; o Centro Educacional de Referência Alm. Ernani Vitorino Aboim Silva; Rodoviária etc.

A seguir, mapa elaborado pela consultoria consórcio VBA / Espaço Plano. Este revela as intenções e projeções contida no PDDU do ano 2000¹⁶. Neste planejamento há tentativa de efetivar um corredor comercial em direção aos núcleos urbanos mais expressivos e próximos de Juazeiro do Norte.

¹⁶ Nesta pesquisa constatou-se que existe uma carência de mapas da cidade.

Figura 4. Uso do solo - proposta para a cidade de Juazeiro do Norte-CE.



Escala 1:25.000

Legenda



FONTE: PDDU de Juazeiro do Norte, 2000. Editado por Brule, David (2011).

Então, o que segue a tal exposição é o fato de Juazeiro do Norte confirmar uma expansão de atividades centrais, gerando uma nova concentração de fluxos, que, de acordo com Sposito,

[...] ao negar a concepção de centro único e monopolizador, recria a centralidade, multiplicando-a através da produção de novas estruturas que permitem novas formas de monopólios, porque (re)especializam e (re)espacializam as atividades comerciais e de serviços, reproduzindo em outras áreas da cidade as condições e qualidades centrais. (SPOSITO, 1991, p. 13).

Com os avanços modernizantes na cidade, o avanço residencial, o crescimento das infraestruturas, as instalações do *Cariri Shopping*, o desenvolvimento industrial, a ampliação de instituições de ensino superior e a conurbação das cidades de Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha foi possível imprimir o que acredita ser um novo centro, que por sua vez expressa uma nova centralidade localizado no bairro Triângulo e adjacências, área com posição estratégica que dá acesso as cidades de Crato e Barbalha.

Os fluxos constantes e intensos, a valorização do solo urbano, a ampliação da oferta de serviços, o crescimento demográfico, o surgimento de novas infraestruturas, o avanço técnico, a mudança na divisão territorial do trabalho, esses e outros elementos, atribuem a adjetivação de uma centralidade ao espaço, acelerando um processo de valorização e adensamento de atividades que tendem a conquistar vantagens para tal concentração.

Conforme Silva

Surge a cidade multicêntrica pela configuração de sobreposição de várias áreas centrais e por ela, configura-se a cidade policêntrica, pois há a diferenciação social e funcional de tais áreas. Com isso, os centros urbanos da cidade monocêntrica, são redefinidos, tornam-se “multi” e “poli”, porém, continuam sendo nós das relações urbanas e, portanto, devem ser entendidos em suas relações com o conjunto urbano, ainda que tenham processos de fragmentação, pois tal fragmentação possui justamente a origem do ganho de complexidade do conjunto urbano. (2006, p.218).

Com a dispersão espacial dos novos serviços em direção ao Triângulo Crajubar (sul da cidade), Juazeiro do Norte ganha outros atrativos modernos. A cidade hoje exerce uma forte influência econômica para a "Região Metropolitana do Cariri" (RMC), reconhecida

recentemente (2009) por lei Estadual, e oferece nova centralidade, nova dinâmica, pronta para receber novos e volumosos investimentos.

1.3 A "nova Região Metropolitana do Cariri"

A criação de regiões metropolitanas no Brasil nasceu com o crescimento da urbanização no país, sobretudo após os anos setenta do século XX, onde é registrado pela primeira vez no Brasil um número maior de pessoas morando nos centros urbanos do que no campo. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) registrou, em 2010, 84% da população morando nos centros urbanos. Foi por iniciativa da União em 1973 que foram criadas nove Regiões Metropolitanas (Recife, Fortaleza, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre e Belém), tendo como referência as maiores capitais dos estados e suas áreas de polarização.

Após a constituição de 1988, é conferido aos Estados o poder de criar Regiões Metropolitanas, o que antes cabia à União. Essa mudança possibilitou segundo Souza

Uma oportunidade positiva, pela flexibilidade para a adoção de soluções mais adaptadas a cada realidade local e regional, e implementadas de modo mais democrático; por outro lado, percebe-se que a falta de critérios técnicos compartilhados e a idéia de que "ser metrópole" representa um grande *status* vêm levando à criação de regiões metropolitanas onde, de fato, talvez só exista, no fundo, uma aglomeração de porte não-metropolitano [...] (2008 [2003] p.36).

Em 26 de junho de 2009, o Governo do Estado do Ceará cria, através da Lei Complementar Estadual nº 78, a "Região Metropolitana do Cariri" (RMC). A lei também cria o Conselho de Desenvolvimento e Integração da Região Metropolitana do Cariri (CRMC) e o Fundo de Desenvolvimento e Integração da Região Metropolitana do Cariri (FDMC). Com o objetivo de integrar as cidades, atrair mais investimentos para o interior do estado do Ceará, promover o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum entre as cidades.

Segundo o Governo do Ceará¹⁷, os requisitos para a criação da Região Metropolitana do Cariri foram os seguintes: “I - evidência ou tendência de conurbação; II - necessidade de organização, planejamento e execução de funções públicas de interesse comum; III - existência de relação de integração de natureza socioeconômica ou de serviços” (CEARÁ, 2009).

Pode-se dizer que essa "Região Metropolitana" surgiu a partir da conurbação entre os municípios de Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha. Somando-se a essas, foram incluídas as cidades limítrofes situadas no Cariri cearense: Caririçu, Farias Brito, Jardim, Missão velha, Nova Olinda e Santana do Cariri, que tem como área de influência a região sul do Ceará e a região da divisa entre Ceará e Pernambuco. Na imagem a seguir as cidades que compõe a RMC:

Figura 5. "Região Metropolitana do Cariri" - "RMC".



Fonte: CEARÁ, SEPLAG e IPECE, 2010, p. 5.

Em 2004, propostas iniciais contidas no projeto do Governo versavam a respeito da iniciativa de se pensar uma Região Metropolitana para o Cariri. Os argumentos incluíam: necessidade de criação de alternativa para a Região Metropolitana de Fortaleza (RMF),

¹⁷ Editoração da Casa Civil, Ceará. Diário oficial do Estado, Fortaleza 03 de julho de 2009, série 3 ano I nº121, disponível em: <<http://imagens.seplag.ce.gov.br/pdf/20090703/do20090703p01.pdf>>.

reforçar a polarização da área do Crajubar, aumentar a competitividade e dinâmica econômica da região através de projetos estruturantes, fomentar a criação de empregos, geração de renda e melhoraria da qualidade de vida da população (AMORIM, 2010).

Atualmente no Brasil existem 25 regiões metropolitanas. A RMC está situada em 23ª posição na quantidade de habitantes. Segundo Castells, “[...] uma metrópole é definida pela extensão de seu domínio econômico, enquanto suas ordens e seus circuitos de distribuição não encontram interferências decisivas emanando de uma outra metrópole” (2006 [1972], p.59).

Já segundo Souza pode-se considerar uma metrópole quando

Uma das cidades que formam uma aglomeração urbana crescer e se destacar demais, apresentando-se como uma cidade grande e com uma área de influência econômica, pelo menos, regional, então não se está mais diante de uma simples aglomeração, mas de uma *metrópole*. Uma metrópole é, também, por conseguinte, um "minissistema urbano" em escala local, polarizado, esse sistema, por uma cidade principal, que abriga o *núcleo metropolitano* (SOUZA, 2008 [2003] p. 33).

Para delimitar e construir um entendimento do que possa aqui classificar como regiões metropolitanas, utilizou-se o esclarecimento e critérios abordados por Freitas (2009). Para o autor, o processo de metropolização ocorre a partir

Da polarização de uma região em torno de uma grande cidade em dimensões físicas e, sobretudo, populacional, caracterizando-se pela alta densidade demográfica e alta taxa de urbanização. Essa grande cidade, também chamada de metrópole, constitui um núcleo, ao redor do qual há várias outras cidades sob sua direta influência, mantendo forte relação de interdependência econômica e notório movimento pendular de sua população. (2009 p.46).

O entendimento e a proposta do que seja Região Metropolitana, segue alguns princípios, conforme elenca Freitas (2009):

- **Grande concentração populacional urbana**, igual ou superior a 1 milhão de habitantes, incluindo município pólo e entorno;
- **conurbação** (mancha urbana contínua entre municípios limítrofes) ou forte tendência desse fato vir a ocorrer a médio prazo;
- **alto grau de urbanização**, em cada município da região, evidenciado por percentual de população municipal urbana igual ou superior a 80%, densidade demográfica igual ou superior a 60 hab/Km² e por participação formal nos setores de indústria, comércio e serviços igual ou superior a 65% do total de pessoas empregadas;

- **polarização dentro de uma rede de cidades**, caracterizada por interações entre centros urbanos, diretamente proporcionais às suas massas (população x renda) e inversamente proporcionais à distância entre os pares de localidades.
- **destaque no cenário estadual e nacional**, baseada na oferta de bens e serviços, diversificados e especializados, por um grupo de municípios a domínios territoriais contíguos, assim como a pontos distantes, ligados por outros tipos de relações socioeconômicas;
- **existência de relação funcional de interdependência**, relativa a evidentes fluxos migratórios de natureza pendular, assim como a diversos aspectos sociais, econômicos, de infraestrutura e de serviços urbanos que provoquem a necessidade de organização, planejamento e execução de funções públicas de interesse comum. (p. 51-52).

No mundo, cita-se exemplos de Regiões Metropolitanas em torno das cidades, como: Tóquio, Cidade do México e Nova Iorque. No Brasil: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Fortaleza e Recife.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística distingue a possibilidade de dois tipos de regiões metropolitanas, as plenas e as emergentes. Para isso, considera o tamanho populacional e a estrutura produtiva. De acordo com o órgão, o critério

[...] para identificar as regiões metropolitanas plenas foi de 800 mil em seu município principal, segundo a contagem da População de 1996. Já as regiões metropolitanas emergentes possuem menor número de habitantes em seu município central. [...] Duas exigências são feitas para que as regiões sejam consideradas metropolitanas emergentes: que apresentem densidade demográfica igual ou superior a 60 hab./km² e tenham percentual de população economicamente ativa em atividades urbanas igual ou superior a 65% da PEA total. (FILHO, 2010, apud IBGE).

Para entender melhor essas considerações segue-se duas tabelas adaptadas com dados das cidades que compõe a "Região Metropolitana do Cariri":

Tabela 1. População Economicamente Ativa das cidades que compõe a Região Metropolitana do Cariri¹⁸

| Município | PEA (Urbana) | PEA (Rural) | PEA (Total) | População absoluta (2000) |
|------------------|---------------------|--------------------|--------------------|----------------------------------|
| Barbalha | 23.790 | 12.941 | 36.731 | 47.031 |
| Caririaçu | 8.284 | 11.211 | 19.495 | 25.733 |

¹⁸ O dado mais atualizado do IBGE no que se refere a contagem da população economicamente ativa rural e urbana das cidades que compõe a "Região Metropolitana do Cariri" é do censo de 2000, pois a tabela referente ao censo de 2010 ainda será publicada.

| | | | | |
|--------------------------|---------|--------|---------|---------|
| Crato | 67.091 | 15.670 | 82.761 | 104.646 |
| Farias Brito | 6.938 | 8.852 | 15.790 | 20.315 |
| Jardim | 6.136 | 14.522 | 20.658 | 26.414 |
| Juazeiro do Norte | 158.380 | 7.443 | 165.823 | 212.133 |
| Missão Velha | 9.986 | 15.090 | 25.076 | 32.586 |
| Nova Olinda | 5.014 | 4.271 | 9.285 | 12.077 |
| Santana do Cariri | 6.161 | 6.310 | 12.471 | 16.847 |
| TOTAL | 291.780 | 96.310 | 388.090 | 497.782 |

FONTE: Tabela 2953 do IBGE, censo 2000: Pessoas de 10 anos ou mais de idade, economicamente ativas e ocupadas na semana de referência. Adaptado por BRULE, David (2011).

A seguir o quadro demonstrativo com os dados do Censo de 2010 do IBGE no que se refere à área, população, índice de desenvolvimento humano, produto interno bruto e densidade demográfica:

Tabela 2. Área, População, IDH e PIB das cidades que compõe a "Região Metropolitana do Cariri".

| Município | Área | População Urbana | População Rural | População Absoluta¹⁹ | IDH²⁰ | PIB²¹ | Densidade hab/km² |
|--------------------------|-------------|-------------------------|------------------------|--|-------------------------|-------------------------|-------------------------------------|
| Barbalha | 479,184 | 38.022 (69%) | 17.301 (31%) | 55.323 | 0,687 | 290.183 | 115,45 |
| Caririaçu | 623,823 | 14.031 (53%) | 12.362 (47%) | 26.393 | 0,591 | 78.403 | 42,30 |
| Crato | 1.009,202 | 100.916 (83%) | 20.512 (17%) | 121.428 | 0,716 | 644.522 | 120,32 |
| Farias Brito | 503,574 | 8.871 (47%) | 10.136 (53%) | 19.007 | 0,609 | 59.479 | 37,74 |
| Jardim | 457,034 | 8.994 (34%) | 17.694 (66%) | 26.688 | 0,642 | 83.155 | 58,39 |
| Juazeiro do Norte | 248,558 | 240.128 (96%) | 9.811 (4%) | 249.939 | 0,697 | 1.986.996 | 1.005,55 |
| Missão Velha | 651,108 | 15.419 (45%) | 18.855 (55%) | 34.274 | 0,631 | 115.823 | 52,63 |
| Nova Olinda | 284,404 | 9.696 (68%) | 4.560 (32%) | 14.256 | 0,637 | 46.092 | 50,13 |
| Santana do Cariri | 768,768 | 8.822 (51%) | 8.348 (49%) | 17.170 | 0,609 | 57.481 | 22,33 |
| TOTAL | 5.025,655 | 444.899 (79%) | 119.579 (21%) | 564.478 | 0,646 | 3.362.134 | 112,31 |

FONTE: Dados do IBGE/PNUD. Adaptado por BRULE, David (2011).

¹⁹ Fonte: IBGE, censo populacional de 2010, tabela 3145. Os dados da área e densidade hab/km² também são referentes aos valores de 2010.

²⁰ Fonte: PNUD, índice de desenvolvimento humano - municipal, 1991-2000. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/atlas/tabelas/index.php>> Acesso em: 21 de ago. 2011.

²¹ Fonte: IBGE, ano 2008, Tabela 21 - Produto interno bruto a preços correntes, impostos, líquidos de subsídios, sobre produtos a preços correntes e valor adicionado bruto a preços correntes total e por atividade econômica, e respectivas participações: Variável = Produto Interno Bruto a preços correntes (Mil Reais).

Portanto, a "Região Metropolitana do Cariri" reconhecida pelo Estado não atinge alguns critérios levantados por Feitas (2009): possui apenas 564.478 habitantes; sua conurbação acontece de maneira efetiva somente entre as cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, as demais possuem "boa" acessibilidade e um fluxo migratório de natureza pendular, mas a malha urbana entre elas ainda permanece distante; o alto grau de urbanização só é verificado igual ou superior a 80% nas cidades de Crato e Juazeiro do Norte; a densidade demográfica igual ou superior a 60hab/km² é constatada apenas em Barbalha, Crato e Juazeiro do Norte.

No entanto, como observou Silva (2006) no capítulo que chamou de "O Mito das Regiões Metropolitanas (...)", as regiões metropolitanas são implementações de “[...] atos políticos e não constatações empíricas, teóricas ou metodológicas” (p. 551). Dessa forma, a criação de regiões metropolitanas segue a intencionalidade do crescimento econômico, para facilitar o recebimento de recursos públicos, mas que por sua vez poderá prover benefícios sociais.

Na história deste país as políticas que visam valorizar a dimensão dos aspectos econômicos tem tornado o crescimento para poucos, revelando no desenvolvimento regional as prioridades de uma minoria, escondendo as necessidades de muitos em detrimento de uma política encarada como desenvolvimentista. Assim, temas como o mito das regiões metropolitanas, as cidades médias, o planejamento urbano e rural participativo, o surgimento de novas centralidades, a gestão democrática, certamente são questões intrínsecas e importantes para pensar e planejar a cidade

Os critérios e as definições que classificam as cidades brasileiras como médias e o estabelecimento de Regiões Metropolitanas ainda são conflitantes, não possuindo consenso no âmbito científico. A existência da conurbação entre os municípios de Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha não necessariamente implica em dizer que há uma metropolização, mas é notável que a institucionalização desta "RMC" poderá ser fator estratégico para o avanço de serviços que poderão ser realizados em comum acordo.

Apresenta-se a seguir, de maneira sumária, as cidades que compõe a conurbação do Crajubar:

Crato data uma história mais antiga que Juazeiro do Norte, é considerada por alguns a capital da cultura e oásis do sertão. Possui uma população de 121.428 mil habitantes e um PIB de 644.522. Localizada no sopé de uma chapada, sua economia é maior no setor terciário, representando mais de 60% do PIB municipal. São atrativos dessa cidade a Chapada do

Araripe, a Universidade Regional do Cariri (URCA), a Estação da RFFSA (desativada e hoje Centro Cultural em Crato), o Parque de Exposições (local onde sedia a Expocrato), o Seminário São José (no bairro Seminário), o Museu de Fósseis, o Sobrado do coronel Antônio Luís (uma das casas mais antigas do Crato, ainda preservada) e o Sítio Caldeirão no distrito de Santa Fé (considerado patrimônio cultural de referência para o Cariri, foi cenário de uma vertiginosa experiência comunitária baseada no que alguns autores denominam comunismo cristão, liderado pelo Beato José Lourenço). Destaque também para as praças da Sé, Siqueira Campos e da Estação.

Barbalha possui uma população de 55.323 mil habitantes e registrou um PIB de 290.183. Seu turismo é uma importante fonte de renda para os barbalhenses, devido à sua arquitetura antiga. Das cidades que compõem Crajubar, Barbalha, e depois Crato, guardam algumas relíquias de suas arquiteturas mais antigas. Barbalha foi fortemente marcada pela produção de cana de açúcar e guarda, ainda hoje, em seus engenhos, resquícios de um tempo histórico, servindo em parte como museu. O seu acervo natural conta ainda com fontes de águas minerais, muitas delas com acesso restrito, pois se localizam em propriedades privadas. Destaque para o Balneário do Caldas (local de lazer, com piscinas, cascatas, palhoças e duas fontes naturais de águas térmicas; Possui ainda chalés e o Hotel das Fontes), aberto a visitação pública. Barbalha conta hoje com um importante *campus* de Medicina da Universidade Federal do Ceará²², o que possibilitou a ampliação das pesquisas científicas e o aumento da migração de pessoas da capital e de outros estados para Barbalha, Crato e Juazeiro do Norte. Com Barbalha oferecendo essa possibilidade, muitos dos estudantes que iriam para a capital fazer uma faculdade de medicina não precisam mais sair de seus lares. Destaca-se também, devido à força que desempenham no roteiro turístico e educativo, as cidades de Nova Olinda e Santana do Cariri. Na cidade de Nova Olinda tem destaque a Fundação Casa Grande: Memorial do Homem do Kariri. Esse trabalho conta atualmente com a colaboração do Governo Federal e tem recebido olhares de diversos estados do país e do mundo. O referido projeto busca envolver crianças no mundo da arte, cultura e história da região. É, portanto, um projeto educacional que tem como missão formar crianças e jovens protagonistas em gestão cultural por meio de seus programas: Memória, Comunicação, Artes, Turismo e Esporte. Ao chegarem na Casa, os visitantes são recepcionados por crianças o que são capazes de mostrar o que a casa oferece: o memorial do homem Kariri, a sala de quadrinhos, a dvdteca, a rádio, a sala de produção de imagem e som, as salas de informática e de esporte, e o teatro.

²² Que passará a ser a nova Universidade Federal da Região do Cariri (UFRC)

Em Santana do Cariri é possível visitar o museu de fósseis que revela um pouco mais da região e de suas origens, guardando um importante registro da arqueologia local. Nesta cidade, também existe o Pontal de Santana, localizado em cima da chapada, oferecendo forte visão paisagística da beleza que é a Chapada do Araripe.

Considera-se que a "Região Metropolitana do Cariri" registra ainda alguns desafios, pois o discurso veiculado pelo poder político refere-se à inexistência de uma identidade metropolitana, ou seja, a baixa percepção da dimensão metropolitana ou, para utilizar o termo que Cartaxo (2010) usou: ausência de uma "consciência metropolitana". Do ponto de vista do poder público e privado sem essa consciência metropolitana não será possível aprovar as propostas do conselho. Esse vínculo de identidade fortalece os aspectos materiais e imateriais de uma sociedade e, muitas das vezes, tem sido utilizado como instrumento do capital como arma para "atirar no próprio pé", ou seja, há diversos exemplos de dívidas que os municípios contraem para si com grandiosos projetos, ficando dessa forma refém de uma política externa.

No livro *O Mito da Necessidade: discurso e prática do regionalismo nordestino*, Castro (1992) aborda um tema semelhante ao falar sobre a existência de uma região política e de uma região de vivência. A primeira com base no federalismo, na dimensão administrativa e funcional tem na sua existência uma forte relação com os interesses do capital, muitas vezes forjada por uma elite dominante. A segunda, de caráter mais identitária, valoriza o aspecto vivido de um grupo. Teme-se que a questão regional do Cariri torne o que autora discorre a seguir:

A dificuldade de tornar visível uma causa regionalista de caráter eminentemente sócio-econômico, sem um anteparo cultural é, porém, agravada quando a própria luta regional é opressora e envolve a tentativa, por parte do grupo dominante na região, de preservar sua posição de poder e de exploração em relação aos outros grupos. Como o regionalismo é mobilizado por um grupo particular que poderá obter uma vitória política particular, o caráter progressista ou conservador dos objetivos perseguidos depende dos interesses daqueles que a conduzem. Portanto, uma elite regional conservadora, certamente, imprimirá este caráter às suas demandas. (CASTRO, 1992 p.40-41).

Com a implementação da "Região Metropolitana do Cariri", o Governo do estado, através do Projeto Cidades do Ceará (Cariri Central) visa desenvolver: estruturas de governança; sustentabilidade institucional, financeira e política; apoio gerencial para sua base econômica; fortalecimento e estabelecimento dos Conselhos (deliberativo e consultivo); o estudo de trânsito e transporte; instalação do Centro de Inovação Tecnológica do Calçado; e

apoio aos APLs (Arranjo Produtivo Locais Couro e Calçados) de Calçados e Turismo. Além disso, propõe desenvolver atividades estruturantes para as nove cidades que compõe a "Região Metropolitana do Cariri", tais como: aterro consorciado regional; Avenida do Contorno (Juazeiro do Norte); Roteiro da Fé (Juazeiro do Norte); recuperação ambiental e urbanização no bairro Seminário (Crato); requalificação das praças centrais (Crato); requalificação da área central (Farias Brito); Centro Multifuncional de Serviços (Juazeiro do Norte); serviços de sinalização turística do Geopark Araripe; infraestrutura e melhorias dos geossítios do Geopark Araripe²³.

Portanto, é importante rever qual é o papel do Estado no desenvolvimento brasileiro, para que não seja apenas quanto ao crescimento econômico, mas principalmente no desenvolvimento das condições da qualidade de vida de sua população. O Estado deve valorizar e priorizar a ampliação e o desenvolvimento de pesquisas científicas, bem como avaliar as propostas de intelectuais e do povo brasileiro comprometido com a prática do bem comum, na busca de promover um espaço mais harmônico, menos seletivo e reduzir o desequilíbrio socioeconômico entre as próprias cidades do Cariri Central.

O Estado brasileiro não pode ausentar-se das questões sociais, caberia ao Estado e às políticas municipais impor limites e restrições para o capital privativo, tais como: investir em novos setores na busca de estimular áreas até então pouco participativas, reconverter a base produtiva de áreas estagnadas; expandir os investimentos em ciência e tecnologia com a construção de novos polos de conhecimento; e promover a ampliação dos espaços verdes. Nesse sentido é preciso buscar a equidade da distribuição de renda, gerando mais empregos, aumentando assim o poder de compra da população. Contudo, o Estado deve planejar, projetar, ofertar, bens e serviços públicos, para que esse direcionamento possa equilibrar a competitividade do ambiente produtivo, como também gerar uma maior possibilidade desses bens e serviços públicos servirem a uma maior parcela da população.

A questão da Região Metropolitana do Cariri foi discutida no seminário: "Desafios e oportunidades para a Região Metropolitana do Cariri", realizado no dia 6 de maio de 2010, promovido pelo Governo do Estado do Ceará junto à Secretaria das Cidades.

Neste seminário o professor e arquiteto Joaquim Cartaxo, que já trabalhou para a administração do município de Juazeiro do Norte, apresentou o trabalho intitulado "Desafios da Metrópole", de acordo ele a criação da Região Metropolitana irá contribuir para o desenvolvimento socioeconômico do Cariri: "agora tanto o Estado como os municípios da

²³ Fonte: Secretaria das Cidades, disponível em: <<http://www.cidades.ce.gov.br/categoria5/projeto-cidades-do-ceara-cariri-central>> Acesso em: 26 de mai de 2011.

região poderão trabalhar o planejamento e a execução das ações de forma regional” (2010). Além disso, o Cariri torna-se apto a acessar fundos públicos específicos destinados a regiões metropolitanas.

Cartaxo ainda destacou:

Ao longo dos próximos cinco anos, US\$ 65 milhões serão investidos para a implantação do projeto Cidades do Ceará/Região Metropolitana do Cariri, dos quais 70% são empréstimos tomados junto ao Banco Mundial cuja negociação já foi finalizada. Uma parcela desses recursos está destinada ao fomento e fortalecimento do setor turístico por meio, por exemplo, da construção do Centro de Cultura e Eventos do Cariri no Crato; do projeto Roteiro da Fé que requalificará o centro comercial de Juazeiro; e a implantação, no sítio Tupinambá, em Barbalha, do Museu do Engenho. São relevantes, também, os projetos e as ações turísticas voltadas para a gestão, construção de centros de interpretação do patrimônio geológico, e melhorias ambientais dos geosítios do Geopark Araripe que implicaram no aporte de US\$ 6 milhões. Este conjunto de obras está com início previsto para o primeiro semestre de 2009.

(Fala proferida pelo arquiteto Joaquim Cartaxo no Seminário desafios e oportunidades para a Região Metropolitana do Cariri, maio de 2010).

Com esse volume de investimentos e o aprofundamento das relações institucionais Sociedade-Governo, busca-se criar as condições culturais, políticas, socioeconômicas e socioambientais necessárias à geração de oportunidades que contribuam para o "desenvolvimento da região e, conseqüentemente, a diminuição do desequilíbrio e desigualdade entre o interior do Ceará e Fortaleza²⁴".

A concepção a respeito da Região Metropolitana do Cariri que existe no seio do poder público municipal de Juazeiro do Norte pode ser revelada através da transcrição da fala do vice-prefeito:

Este tema da Região Metropolitana é um tema muito importante para o nosso desenvolvimento. Na medida em que o Cariri percebeu que o modelo não era mais o litígio, na medida em que estavam implantados os grandes modelos, onde eu acho que o melhor modelo que existe é a União Européia, que percebeu que França, Alemanha, Inglaterra, se não estivessem consolidados em um único bloco, não poderiam à época concorrer com a maior economia que era os Estados Unidos. Então a partir disso daí havia uma consciência nossa, quando, exatamente nesta mesma sala, nós reeditamos o grito do Estado do Cariri. Por quê? Porque o pacto de cooperação do Cariri que tinha trazido todos os secretários estaduais declinava nossas necessidades e inquietudes, e, no entanto, aquele embate

²⁴ Fonte: Governo do Estado do Ceará, disponível em: <
<http://www.cidades.ce.gov.br/categoria5/projeto-cidades-do-ceara-cariri-central>>

econômico no qual nós tínhamos 26% do PIB Estadual, não acontecia nada! Estou rememorando uma questão da consciência da unidade do Cariri, então essa questão que devíamos nos unir, de que tínhamos que marchar unidos, até para fazer frente ao grande bloco hegemônico da Região Metropolitana de Fortaleza, que não adiantava estar Juazeiro eternamente disputando com o Crato o mesmo investimento, ou com Barbalha, mas sim de pactuarmos essa organização. E há muito tempo, eu digo que há duas décadas, existe essa união do Cariri. Mas o poder maior, o poder exógeno do Estado só teve a coragem de reconhecer essa nossa condição no atual Governo Estadual. No governo passado, na secretaria de desenvolvimento local e regional e eu mesmo falando com então governador Lúcio Alcântara, ele dizia que iria criar a Região Metropolitana do Cariri, mas ele não teve coragem de criar, quem teve coragem foi o governador do interior, o governador de Sobral que conhece o interior melhor, até porque foi prefeito de uma cidade que tinha problemas semelhantes à nossa. Ele conseguiu normatizar esse tema, ele conseguiu colocar na lei, uma coisa que há muito tempo nós já éramos, uma região metropolitana. Quando a gente vê do alto de um avião aqui, principalmente à noite, o que se vê [...] na realidade são três cidades: Juazeiro, Crato e Barbalha, de modo que essa conurbação tem vinte anos, mas esse governo e no qual o Joaquim Cartaxo teve um papel decisivo, foi o que normatizou essa Região Metropolitana. Está criada em lei e eu acho que ela precisa funcionar. Mesmo os instrumentos jurídicos precisam ser complementados, mas acreditamos que quanto mais se faça funcionar a Região Metropolitana, mais nós estaríamos fazendo amparar uma coisa que já funciona de fato, que é esse bloco digamos homogêneo, e que já trabalha, digamos, cada vez mais orquestrado, que é o Cariri, através das cidades de Juazeiro, Crato e Barbalha e das seis cidades periféricas a estas cidades e que compõem a Região Metropolitana. (Fala proferida pelo vice-prefeito José Roberto Celestino no Seminário desafios e oportunidades para a Região Metropolitana do Cariri, maio de 2010).

Essa fala evidencia as características de um período global, onde os “modelos globais” servem de parâmetros para as cidades locais, para fazer frente à Região Metropolitana de Fortaleza criou-se a “Região Metropolitana do Cariri”, com o propósito de integrar política e economicamente as cidades que compõe esta região. Pois a RMF sozinha concentra 41% da população e 66% do PIB, ainda é preciso muito esforço para diminuir as desigualdades entre essas duas regiões. Neste sentido, a "RMC" poderá crescer ainda mais com apoio as oportunidades no setor de turismo e da indústria, já que o comércio "por si só" vem demonstrando um forte crescimento.

O Governo e os conselhos (que são formados pelos prefeitos de cada cidade que compõe a "RMC") já vêm apoiando o turismo, com ecoturismo na Chapada do Araripe, com a melhoria dos acessos e das estruturas para observação geológica, paleontológica e arqueológica, que é riquíssima neste Cariri. Cresce também o apoio à indústria calçadista, a

valorização da cultura popular, a busca por fortalecer os laços culturais de cada uma das cidades, a oferta dos serviços e o aperfeiçoamento da comunicação entre essas cidades.

O relato até aqui teve como foco examinar as novas possibilidades e potencialidades da cidade de Juazeiro do Norte que não se restringem apenas ao fenômeno religioso. Nas páginas que se seguem ampliar-se-á o foco para a dinâmica da cidade nas proximidades do centro religioso, onde o espaço público é campo de disputa.

2. DISPUTA TERRITORIAL NA ROMARIA DE JUAZEIRO DO NORTE.

Na cidade de Juazeiro do Norte chegam, ao ano, aproximadamente dois milhões de pessoas, dos quais são, em maior número, os romeiros (fiéis), bem como: turistas, vendedores, artistas, pesquisadores, estudantes, políticos, padres, jornalistas e demais interessados em conhecer de perto a cidade e a demonstração de fé do povo nordestino em torno do fenômeno padre Cícero. Conforme pesquisa (2001), o Governo do Estado publicou que “[...] dos romeiros que visitam Juazeiro do Norte, 55,9% declararam ser provenientes de Pernambuco, 11,7% do Ceará, 8,5% de Sergipe, 7,8% da Paraíba, 5,4% da Bahia e 10,7% dos demais estados do Nordeste conjuntamente²⁵”.

O maior fluxo de pessoas ocorre principalmente nas seguintes romarias: das Candeias, em fevereiro; de Nossa Senhora das Dores, em setembro; e Finados, em novembro. As transformações no espaço público durante este período se tornam visíveis, nesses meses a disputa por território se concretiza, a prefeitura frequentemente estabelece normas para não instalar barracas em calçadas, ruas e praças, mas que normalmente não são obedecidas, pois tanto ganham os comerciantes que vendem seus produtos em espaços estratégicos como os moradores que alugam as calçadas mesmo estas sendo espaço público.

Nessas romarias, conforme aponta a Secretaria de Turismo e Romarias, o grande número de visitantes gera “[...] uma sobrecarga nos serviços de alimentação, abastecimento de água e esgoto, drenagem, transporte público, energia, segurança pública, comunicações e serviços gerais de apoio ao turismo” (SECTUR/PAT, 2001, s/p).

Com o objetivo de analisar o uso do espaço público pelos camelôs na dinâmica territorial do centro religioso desta cidade, utilizou-se como ferramenta metodológica a aplicação de questionários, totalizando 187 entrevistados. O questionário contou com 19 perguntas, sendo elas: qual sexo; qual o nível de escolaridade; qual a idade; o que eles vendem; qual o número de trabalhadores por barraca; qual a cidade ou bairro onde moram; há quanto tempo trabalham nas romarias; qual o rendimento; se possuem filiação ao sindicato dos barraqueiros; por que preferem trabalhar nesta área (próximo a Igreja Matriz); como consideram a estrutura dessa área; qual meio de transporte utilizam; qual o tempo aproximado de permanência nesta área; se consideram fácil o acesso a esta área; se exercem outra profissão no período em que não tem romaria; se gostariam de ter outro trabalho; se são

²⁵ Fonte: Projeto Estruturante Roteiro da Fé, Proposta Técnica, agosto 2001, *apud* ARAUJO, 2005, p. 186.

favoráveis à transferência das barracas para o Centro de Apoio aos Romeiros; e se moram na barraca.

As perguntas das entrevistas não seguiram um padrão, apenas um roteiro geral que priorizou mais o depoimento e os assuntos decorrentes de cada resposta. As perguntas realizadas pelo roteiro (guia) foram: por que a opção de trabalhar como barraqueira?; quanto tempo trabalha com isso?; no período em que não está trabalhando aqui, trabalha em quê?; dorme na barraca neste período?; é respeitado(a) com esse trabalho, pela sociedade e pelo Poder Público?; com o Centro de Apoio aos Romeiros, acha que irão melhorar as condições de trabalho?; você participa das reuniões dos barraqueiros?; é cadastrado(a) pela prefeitura?; se realiza neste trabalho?; a barraca é sempre montada no mesmo local?; essa questão de mudar o local da barraca, prejudica?; têm que pagar aluguel?; o preço do aluguel é pelo tamanho e localização?; qual é a assistência que vocês recebem da prefeitura?

Os relatos nas entrevistas versam sobre práticas comuns, diárias. Introduzir essas experiências particulares (as solidariedades e as lutas que (des)organizam o espaço), é característica do texto a seguir. Outrora disse Michel de Certeau (p. 35, 1998): é provável que "o caminhar de uma análise inscreve seus passos, regulares ou ziguezagueantes, em cima de um terreno habitado há muito tempo. Somente algumas dessas presenças me são conhecidas".

Neste capítulo buscou-se também descrever e interpretar o conflito por território existente na dinâmica da Zona Central da cidade de Juazeiro do Norte-CE. A Zona Central²⁶ está localizada no bairro Centro e a pesquisa realizou-se especificamente nas Praças: Monsenhor Esmeraldo e Antônio Correia Celestino (praças estas que possuem uma ligação contínua, sem barreiras e/ou divisão entre elas, localizadas na área da Igreja Matriz, doravante chamadas pelo seu nome popular, praça da Matriz²⁷) e seu contorno, com as ruas: Matriz, Brejo, São Paulo, São José, Dr. Floro, Cruzeiro e a travessa Isabel da Luz, todas elas localizadas nas proximidades com à Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores (Igreja Matriz), considerada a principal igreja da cidade. Trata-se, portanto, de um dos espaços de maior concentração de romeiros, vendedores ambulantes, barracas de camelôs e barracas de alimentação.

²⁶Na Zona Central o uso é comercial e concentra-se nos corredores comerciais (entre os quais as principais são as ruas São Pedro e São Paulo), que diferenciam de acordo com a especificidade do comércio, num fenômeno típico dos centros urbanos de maior porte no Ceará: há a rua dos ourives, a rua das confecções, as aglomerações de farmácias etc. (CEARÁ, 2000, p. 42)

²⁷ A praça da Matriz antes da inauguração da nova praça dos Romeiros, que fica localizada no Centro de Apoio aos Romeiros, era comumente chamada de praça dos Romeiros.

2.1 Reordenamento territorial e uso do espaço público em Juazeiro do Norte-CE

Atualmente tem sido raro andar nos centros urbanos sem visualizar vendedores ambulantes, conhecidos como camelôs. Este termo, segundo o dicionário eletrônico Aurélio (2004), significa "mercador que vende suas mercadorias nas ruas, geralmente nas calçadas ou nas praças". Derivado do francês *camelot*, ou seja, vendedor ambulante, a palavra tem origem, segundo Dannemann (2010), quando ainda no século XII era vendido um tecido rústico e felpudo feito com pele de camelo chamado pelo nome de Khmalar, ganhando o nome entre os franceses de camelot. Alguns desses produtos eram apenas imitações negligentes, feitas com pele de cabra e, por este motivo, incorporou-se a fama de que esses comerciantes de rua vendiam produtos falsificados e/ou de baixa qualidade, percepção que permanece viva até hoje.

Aqui no Brasil, Ramires (2001) relata, tendo por base alguns poetas e artistas, a presença do comércio ambulante desde o século XIX. O que hoje chama atenção é o crescimento desse tipo de comércio. Tal aumento, em parte, advém do alto índice de desemprego, do baixo nível de escolaridade, do avanço das tecnologias e da consequente automação (afirmações preliminares, pois tal análise é muito mais complexa quando se trata do desemprego).

Estima-se, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 2009, que entre a população em idade ativa, 66,4% são empregados e trabalhadores domésticos e 20,5% trabalham por conta própria²⁸. Analisando a ocupação de ambulantes, Melo e Teles (2000) concluem que esses vendedores são os trabalhadores por conta própria mais significativos dentre os demais. Este setor não reúne apenas desempregados, mas também aposentados, pensionistas e pessoas que largaram o emprego na busca de uma possível ascensão econômica, pois o mundo do comércio pode, dependendo das circunstâncias possibilitar ao vendedor o aumento de sua renda. Dados desta pesquisa mostraram que a faixa etária predominante foi de 40 a 49 anos e 50 a 59 anos, ambos com 22% das respostas.

Devido a esse crescente número de camelôs tem ocorrido em diversas cidades a construção de um estabelecimento fixo, com o nome de camelódromo, conhecido também como *shopping* popular. A construção de tal empreendimento tem sido uma das maneiras da

²⁸ Fonte: IBGE/PNAD. Elaboração: MF/SPE

prefeitura legitimizar esta atividade, arrecadar dinheiro, ordenar e minimizar os impactos ambientais ocasionados pela ocupação dos centros das cidades pelos trabalhadores informais.

Porém, quando se trata dos camelôs pesquisados neste trabalho, estes assumem algumas particularidades, a começar por não possuírem um comércio permanente, ou seja, trabalham concomitantemente às festas religiosas. Ademais, grande maioria dos compradores (romeiros) são de outras cidades e a renda destes consumidores chega em média a até dois salários mínimos²⁹. Mas a venda dos produtos não se restringe apenas aos romeiros, visto que a população local, juntamente com os turistas, também aproveita para comprar lembranças do Juazeiro do Norte e outros objetos.

A discussão a respeito do termo camelô e/ou ambulante é abordada aqui sem separação classificatória para efeito de análise. Os termos camelô e ambulante, podem a princípio ter o mesmo significado, mas alguns autores abordam diferenças. Nesta pesquisa identificou-se a existência de pelo menos três tipos de camelôs, sendo eles: os vendedores ambulantes (aqueles que precisam se locomover para realizar suas vendas); os vendedores que possuem barracas ou expositor ou apenas utilizam o próprio chão para colocar seus objetos à venda, mas que durante o período da romaria voltam para dormir em suas casas (ou pousadas no caso daqueles que vêm de outras cidades); e as barraqueiras moradoras, que residem nas barracas durante alguns meses.

Desse universo, a maioria das pessoas são mulheres, correspondendo a 64%, e homens apenas 36%. Yázigi (2000) revela dados diferentes no tocante à cidade de São Paulo, lá 82% são homens e 18% são mulheres.

Abordar-se-á, mais especificamente, o trabalho do camelô “ocasional³⁰” (barraqueira, com ponto fixo, porém móvel, montado nas romarias, ocupando as proximidades da Igreja Nossa Senhora das Dores — estas fazem da barraca a sua morada por aproximadamente seis meses do ano — doravante intitulados de “barraqueiras moradoras”). Inseridas no setor informal da economia, essas barraqueiras (denominação utilizada por elas) vivem um cotidiano bem distinto nas romarias, pois algumas delas não possuem outro trabalho em épocas sem romaria, sendo este o seu único modo de sobrevivência.

É importante frisar que foram as barraqueiras moradoras as pessoas entrevistadas. Isso não exclui afirmar que existem homens, crianças, ou seja, famílias inteiras morando e

²⁹ In: ARAUJO, 2005 p. 187

³⁰ Que surgem em festas comemorativas populares, terminologia esta utilizada por (CLEPS, 2003). Deve-se fazer uma notificação, pois tais “barraqueiras”, denominação dada por elas, passam de setembro a fevereiro morando nas barracas e possuem, neste trabalho, em sua grande maioria, o único meio de sobrevivência. Daí a dificuldade do uso da palavra “ocasional” como algo acidental e casual.

trabalhando nas barracas junto com elas. Há, no entanto, uma divisão interna do trabalho: os homens montam as barracas e fazem as compras: adquirem os refrigerantes, água, arroz, carnes, legumes e outros itens; enquanto as mulheres fazem as comidas, cuidam da limpeza e do atendimento ao cliente.

O trabalho dos camelôs tem sido alvo de críticas elaboradas por outros comerciantes e por autoridades, e até mesmo por alguns cidadãos locais, das quais se destacam: a venda de produtos muitas vezes contrabandeados e de qualidade duvidosa; o mau uso do espaço público (ocupando as calçadas e ruas, obstruindo o fluxo dos pedestres e automóveis); o não pagamento de impostos (crimes de sonegação de impostos e concorrência desleal). Em alguns casos, utilizam água e luz da rede pública e das casas onde eles alugam as calçadas para abastecer suas barracas.

A formação de territórios no centro principal da cidade (o que estamos chamando de Zona Central) de Juazeiro do Norte se dá com uma temporalidade definida pelo fluxo de romeiros em um período de aproximadamente seis meses, de setembro a fevereiro, apropriado e/ou dominado por camelôs e, famílias que passam a morar nesse espaço, em uma migração sazonal, que se faz no momento das romarias. Temporária, por ser durante um período de seis meses; voluntária, porque a escolha é livre e se faz diante da necessidade; e ilegal do ponto de vista da municipalidade, que combate o uso de calçadas e ruas por camelôs, que usam o espaço público.

O conflito se estabelece entre o circuito superior e inferior da economia. Na caracterização dos dois circuitos, Santos afirma:

O sistema superior utiliza um importante e elevado nível tecnológico, uma tecnologia de "capital intensivo", enquanto no circuito inferior a tecnologia é "trabalho intensivo" (...) O primeiro é imitativo, enquanto o segundo dispõe de um considerável potencial criativo. (...) As atividades do circuito superior dispõem de crédito bancário. (...) As atividades do circuito inferior estão simultaneamente baseadas no crédito e no dinheiro líquido. Mas, neste caso, o crédito é de natureza diferente, com uma larga porcentagem de crédito pessoal direto, indispensável para o trabalho das pessoas que não têm possibilidade de acumular dinheiro. (...) As atividades do circuito superior manipulam grandes volumes de bens, enquanto as do circuito inferior, no comércio e nos setores de fabricação, trabalham com pequenas quantidades. Contudo, também no circuito superior as quantidades podem ser limitadas: é o caso das butiques especializadas (...) no circuito inferior as atividades de trabalho intensivo utilizam menos capital e podem progredir sem uma organização burocrática. (...) No circuito superior, os preços são geralmente fixados (...) No circuito inferior, a regra é regatear, e as flutuações de preços marginais são muito importantes (UCHENDU, 1967). No circuito superior, a manipulação do preço é afirmada em lucro marginal a longo prazo. No circuito inferior, é o curto prazo que conta. A tarefa, no circuito superior, é

acumular o capital (...). No circuito inferior, a acumulação de capital não é de interesse primordial, ou nem mesmo interessa. A tarefa primordial é a de sobreviver e assegurar a vida familiar diária, bem como participar, o quanto possível, de certas formas de consumo peculiares ao moderno modo de vida. (...) A atividade no circuito superior está grandemente baseada em anúncios, uma das armas ofensivas usadas para alterar os gostos e modificar o perfil normal da demanda. No circuito inferior, a publicidade não é necessária, graças ao contato direto com o cliente, e nem é possível, pois os lucros servem diretamente à subsistência do agente e sua família. (...) As atividades do circuito superior beneficiam-se direta ou indiretamente da assistência governamental, enquanto as atividades do circuito inferior não têm ajuda e além disso quase sempre dão lugar a perseguições, como é o caso dos vendedores ambulantes em muitas cidades. (SANTOS, 2008 [2002], p. 100-103).

O autor adverte que o circuito superior e inferior da economia subsistem um sem o outro. É factível perceber o seu não dualismo. Há na realidade uma conexão entre os dois circuitos, e as características de um podem aparecer no outro. Esse modelo mostra apenas uma preocupação do autor em relevar aspectos "gerais" para uma análise inicial.

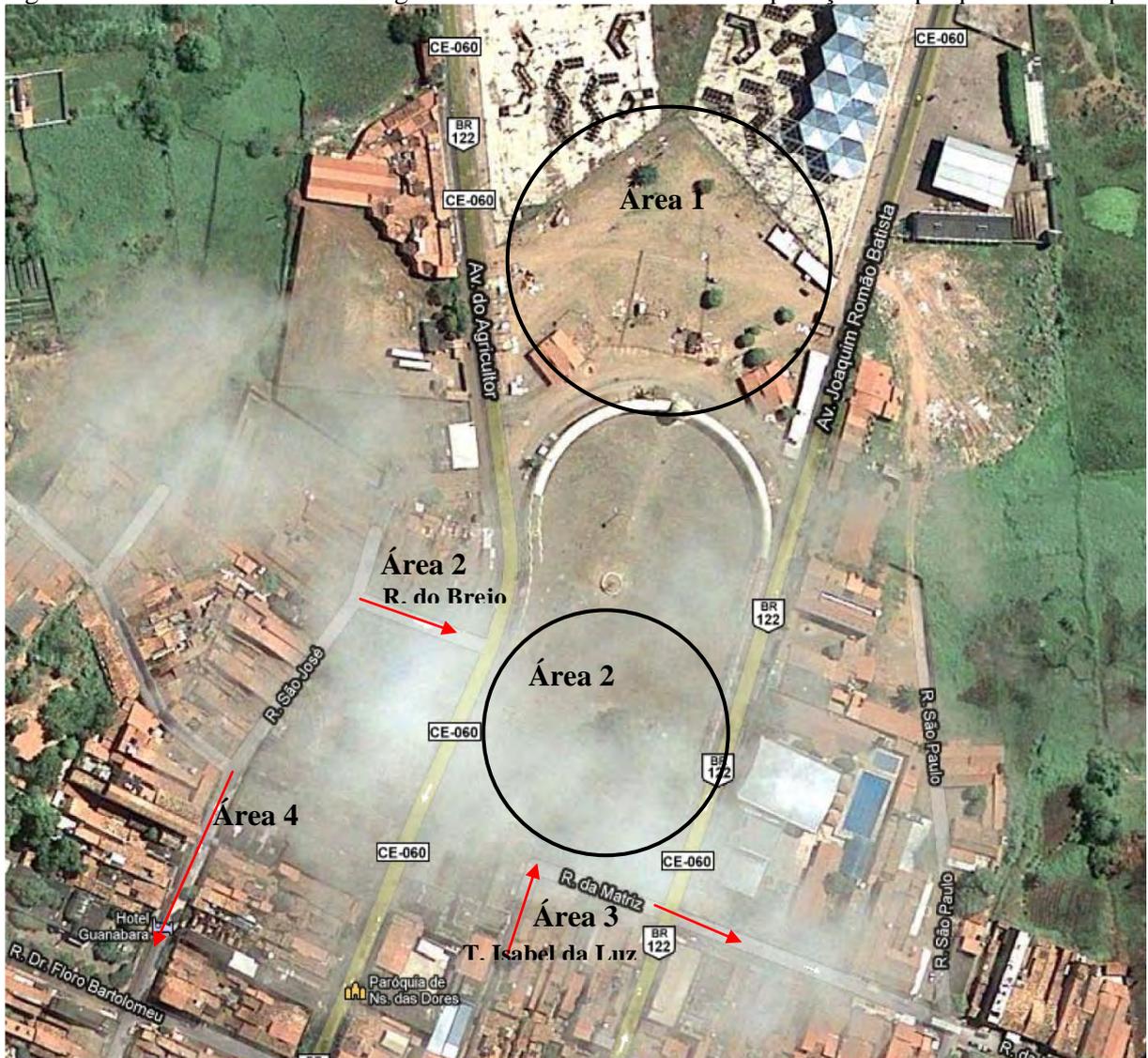
Colisão também encontrada entre os diversos atores sociais que constroem a dinâmica desse espaço, que são: a prefeitura municipal; o Governo do Estado; a Igreja; os camelôs (trabalhadores do chamado circuito inferior); os moradores da cidade (dos quais alguns alugam as calçadas); os donos de ranchos; e os visitantes, dentre eles, romeiros, turistas, curiosos, pesquisadores e outros.

Tal território, localiza-se na praça da Matriz³¹ entre as ruas São Pedro (no sentido sul para o norte esta passa a ser chamada Avenida Joaquim Romão Batista) e Padre Cícero (na direção sul-norte esta passa a ser chamada de Avenida do Agricultor), próximo também à travessa Isabel da Luz e das seguintes ruas: Matriz, Brejo, São Paulo, São José, Dr. Floro, Cruzeiro, como já referenciado.

A seguir, a imagem de satélite mostra as áreas da aplicação dos questionários e das entrevistas:

³¹ No local como dito anteriormente ficam duas praças registradas com os nomes: Monsenhor Esmeraldo e Antônio Correia Celestino. Fonte: Planta Urbana de Juazeiro do Norte, produzida pelo engenheiro Mario Bem Filho, 2009.

Figura 6. Juazeiro do Norte. Imagem de satélite com áreas de aplicação da pesquisa de campo.



Fonte: Google Maps, Editado por BRULE, David (2011).

A Área 1 corresponde ao local onde as barraqueiras moradoras ficavam, localizada entre a Cúpula da Igreja Matriz e o Centro de Apoio aos Romeiros. Na Área 2 delimitou-se a rua do Brejo (esquina com a rua São José) e a Praça da Matriz. Na Área 3 os questionários foram aplicados aos camelôs que ficam na travessa Isabel da Luz e na rua da Matriz. A Área 4 compreende a rua São José, no trecho entre as ruas do Cruzeiro e a rua do Brejo. A única área em que aplicou-se entrevistas e questionários foi a Área 1, nas demais áreas foram realizados apenas questionários.

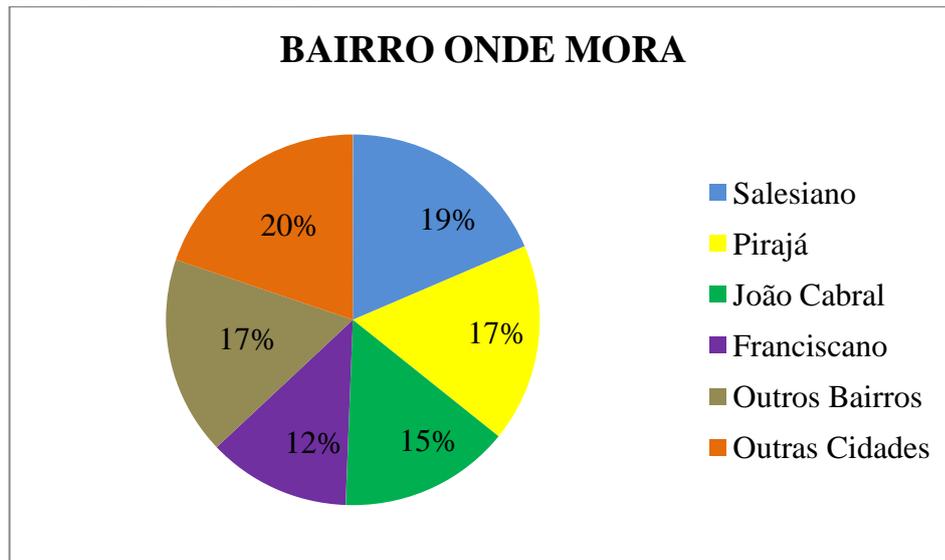
Em resposta aos questionários, 75% responderam preferir trabalhar nesta área por conta da localização, ratificando uma boa acessibilidade, também 75% dos que responderam aos questionários consideraram fácil o acesso. Estas respostas revelam o quanto a localização

e acessibilidade são importantes para áreas centrais, especialmente quando se trata de pessoas que não possuem automóveis.

Na praça da Matriz e em suas proximidades concentram-se também camelôs que vêm de outros estados, como: Pernambuco, Paraíba e Alagoas — mas ainda em maior número os comerciantes de Juazeiro do Norte.

Essas pessoas vêm de diversos bairros da cidade e em pesquisa constatou-se o seguinte:

Gráfico 1. Bairro onde mora



Fonte: Pesquisa de Campo, 2010. Organização BRULE, David.

A seguir a Figura 7 revela a migração dos camelôs por bairro em direção ao centro comercial e religioso da cidade.

Figura 7. Migração dos camelôs por bairros em momento de romaria.



Fonte: Google Maps, Editado por BRULE, David (2011).

De acordo com o censo realizado pelo fiscal da Secretaria de Meio Ambiente e Serviços Públicos, Marcos Bezerra (*apud* SANTOS, 2009):

são cerca de 2.500 barraqueiros que se instalam nesses dois pontos durante as romarias. Ele calcula que pelo menos 2 mil são de Juazeiro. A outra parte vem de localidades como Caruaru e Santa Cruz, de Pernambuco, ou de cidades do Interior do Ceará, Alagoas e Paraíba.

Os vendedores ambulantes geralmente vendem produtos comestíveis (picolé, almoço, água, refrigerantes etc.), enquanto que os camelôs vendem diversos produtos, tais como: roupas, roupas de cama, travesseiro, objetos religiosos (terço, santinhos, imagens), bijuterias, alumínio (panelas e copos), calçados, bebidas (refrigerante, água), CD's e DVD's, brinquedos, redes, mantas, óculos, relógios, recipientes plásticos, utensílios para cozinha, produtos naturais, entre outros.

No livro *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão*, o autor Lira Neto destaca que a maioria dos romeiros

desce antes para a cidade, com o objetivo de fazer compras na feira livre que toma conta das ruas próximas à matriz de Nossa Senhora das Dores. Ali, na babel de barraczinhas abarrotadas de quinquilharias, vende-se de tudo: panelas, roupas, relógios, bijuterias, baldes, bacias, chapéus, rádios, sapatos, quadros, rapadura, mel de abelha, óculos de sol. As imagens em gesso do padre Cícero são os produtos mais procurados. (NETO, 2009 p. 520).

O comércio de roupas representou o segundo maior produto colocado à venda nas áreas pesquisadas, com 22%, perdendo apenas para alimentação, com 25%. É importante frisar que, por conta desta pesquisa privilegiar a área onde se localizam as barraqueiras moradoras, o número de pessoas que vendem alimentos ultrapassou os que vendem roupas.

A seguir as fotografias mostram alguns produtos que são colocados à venda pelos camelôs, os quais já foram acima citados.



Fotos 11 e 12. Objetos colocados à venda no período das romarias. BRULE, David, 2009.

Em relação às barraqueiras moradoras, suas atividades caracterizam-se pela venda de café da manhã, almoço, janta e bebidas em geral, sendo que uma das entrevistadas declarou não trabalhar mais com bebidas alcoólicas, disse ela: “vendia bebida, mas acontece que as pessoas dizem coisas quando bebe, e pra minhas filhas ficarem ouvindo não é bom, foi o último ano que vendi bebida, não vendo mais!”. Outra entrevistada também comentou sobre esse assunto “nunca deu confusão em minha barraca, porque se o caba chega bêbo, eu não despacho, digo ‘tem não meu irmão, acabou’, agora pronto, já deixei uma confusão. Num levo na ignorância, levo como irmão, tiro numa boa”. Desde o ano de 2010 é norma da administração municipal não vender bebidas alcoólicas após as 22h.

Com o intuito de valorizar o espaço sagrado de encontro dos romeiros para as missas solenes, a Igreja busca que as pessoas respeitem mais esta área e não vendam bebidas alcoólicas, pois no entorno da praça são armadas barracas com a venda dessas bebidas.

Alguns camelôs ficam no interior da praça da Matriz, outros em calçadas externas à praça, ocupando o passeio público e as ruas da Matriz, do Brejo e Isabel da Luz que, em períodos de intenso fluxo, configura uma situação que impossibilita o trânsito com carros.

A seguir, as fotos 13 e 15 revelam o intenso fluxo de pessoas em período de romaria. Ao lado das fotografias que registram tal fluxo, imagens que revelam o momento em que não acontece a romaria, mostrando como o mesmo espaço pode ser utilizado por veículos e pedestres.



Fotos 13 e 14. Rua da Matriz esquina com a travessa Isabel da Luz . BRULE, David 2010 e 2011.

Durante a romaria, o tráfego de veículos automotores também fica impossibilitado em partes das ruas do Cruzeiro e São José. A seguir, a foto registra a rua do Cruzeiro (entre as ruas Padre Cícero e São José).



Fotos 15 e 16. Rua do Cruzeiro entre as ruas Padre Cícero e São José. BRULE, David 2010 e 2011.

A privatização dos espaços públicos de uso coletivo é um problema urbano não apenas do Juazeiro do Norte, mas do Brasil. Ao se apropriar e/ou dominar as calçadas e ruas com o comércio informal, restringe-se o acesso dos passantes, tornando-as campo de disputa entre carros, caminhões, ambulantes, romeiros, turistas, pedestres, motoqueiros, ciclistas e demais pessoas que precisam trafegar pela cidade. Essa realidade se torna ainda mais caótica em uma

cidade como Juazeiro do Norte, que guarda com suas ruas estreitas a característica de um tempo antigo. Neste sentido afirmou Serpa:

O espaço público transforma-se, portanto, em uma justaposição de espaços privatizados; ele não é partilhado, mas, sobretudo, dividido entre os diferentes grupos. Consequentemente, a acessibilidade não é mais generalizada, mas limitada e controlada simbolicamente. (2007, p.36).

Para compreender melhor o exposto até então, buscou-se no conceito de território um forte auxílio. Essa concepção é alvo de análise desde a filosofia, ciências políticas, ciências sociais ao senso comum, mas é principalmente a dimensão conceitual que o território assume na geografia que lançaremos mão na análise.

Na ciência geográfica o território é considerado um conceito chave na análise do espaço. Tal conceito, fundamental para esta ciência, vem consolidando-se ao longo do tempo, o que não significa afirmar a primazia de uma história linear, cujos conceitos subsequentes sejam “superiores” aos anteriores. De início vale ressaltar que, com o tempo, algumas contribuições foram bem desenvolvidas, ampliando a compreensão e o tratamento dado a abordagem espacial.

Entende-se que o território faz parte de um conceito mais amplo que é o espaço social. Naquilo que Milton Santos (2006 [1996]) em *A Natureza do Espaço* considerou ser "um conjunto indissociável de sistema de objetos e sistemas de ações", inserido dentro da inseparabilidade entre a materialidade (dimensão física), o trabalho e a política (dimensão simbólica e cultural).

O que Santos argumenta é que jamais os objetos podem ser analisados fora da existência dos conjuntos de práticas que neles se inserem. Levar em consideração a inseparabilidade de objetos e ações é perceber o valor cultural de cada sociedade, é dar importância à capacidade que os seres humanos têm de atribuir significado às coisas, é estudar também o percebido, transpondo a materialidade porque possui valores carregados de significados socialmente estabelecidos. Nas palavras do autor, “quando a sociedade age sobre o espaço, ela não o faz sobre os objetos como realidade física, mas como realidade social, formas-conteúdo” (SANTOS, 2006 [1996], p.109). Assim, sua significação é sempre relativa de acordo com o espaço-tempo vivido.

Somadas a essas considerações também é abordado o conceito de território na perspectiva de Souza (2005 [1995]) no artigo "O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento". O pesquisador propõe que este seja entendido como

um *campo de forças*, uma *teia* ou *rede de relações sociais* que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um *limite*, uma *alteridade*: a diferença entre “nós” (o grupo, os membros da coletividade ou “comunidade”, os *insiders*) e os “outros” (os de fora, os estranhos, os *outsiders*). (...) Territórios, que são no fundo antes *relações sociais projetadas no espaço* que espaços concretos (...), podem, (...), formar-se e dissolver-se, constituir-se e dissipar-se de modo relativamente rápido (ao invés de uma escala temporal de séculos ou décadas, podem ser simplesmente anos ou mesmo meses, semanas ou dias), ser antes instáveis que estáveis ou, mesmo, ter existência regular mas apenas periódica, ou seja, em alguns momentos - e isto apesar de que o substrato espacial permanece ou pode permanecer o mesmo (...). (SOUZA, 2005 [1995], p.86-87)

O entendimento do território como acima tratou Souza, nos é útil na medida em que o espaço pesquisado da cidade de Juazeiro do Norte é bem distinto em momentos de romarias em relação às demais épocas do ano. Nas romarias, a grande maioria, das milhares de pessoas que chegam nesta cidade ficam restritas, aos espaços "sagrados", ou seja, o substrato referencial passa a ser os espaços sagrados e seus contornos, apropriado e/ou dominado pelos romeiros, camelôs e outros.

O autor continua o esclarecimento: “o território *não* é o substrato, o espaço social em si, mas sim um campo de forças, *as relações de poder espacialmente delimitadas e operando, destarte, sobre um substrato referencial*”. (SOUZA, 2005 [1995], p.97). As fotografias abaixo ratificam o que foi abordado, revelando a mudança espacial registrada em momento de romaria e em momento de não romaria. A construção de territórios é definida pelas datas festivas, ou melhor, sagradas. A seguir, o fluxo de romeiros e comerciantes:



Fotos 17 e 18. Rua do Cruzeiro (entre as ruas São José e Santa Rosa) BRULE, David 2007



Fotos 19 e 20. Esquina da rua Dr. Floro com a Padre Cícero. BRULE, David 2010.



Fotos 21 e 22. Rua Dr. Floro (entre as ruas Padre Cícero e São José) durante a romaria e um dia após a romaria. BRULE, David, 2010.

Estes espaços não apresentam exclusividade de um único poder e aglutinam na mesma área, de uma maneira ou de outra, vários atores, sendo eles: os eclesiásticos, a administração do município, os camelôs e os romeiros; estando eles superpostos em um mesmo espaço, disputando a mesma área de influência econômica que, em eventos de romarias, incrementam suas rendas aumentando o volume de dinheiro que circula na cidade. É o que Souza (2005 [1995]) caracteriza por uma territorialidade de baixa definição e, de acordo com o mesmo pensamento, Haesbaert acrescenta o entendimento das

Territorializações mais flexíveis, que admitem ora a sobreposição (e/ou a multifuncionalidade) territorial, ora a intercalação de territórios - como é o caso dos territórios diversos e sucessivos nas áreas centrais das grandes cidades, organizadas em torno de usos temporários. (2007 p. 342)

Para o autor, com base em Henri Lefebvre, o território possui uma dupla dimensão:

Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional "poder político". Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação. Lefebvre distingue apropriação de dominação ("possessão", "propriedade"), o primeiro sendo um processo muito mais simbólico, carregado das marcas do "vivido", do valor de uso, o segundo mais concreto, funcional e vinculado ao valor de troca. (HAESBAERT, 2007. p.20)

Neste entendimento, o território como apropriação assume a base da existência humana, onde as experiências do cotidiano ganham mais expressividade, como o viver, o consumo, o trabalho, a religião e o lazer.

O território como apropriação faz menção ao espaço da experiência de vida, do sonho, do corpo, priorizando os sentimentos, as crenças, o imaginário, os valores e as significações materiais e afetivas, como também o sagrado e o profano. Assim, esse território representa a expressão da singularidade construída e reconstruída cotidianamente, fruto das relações espaciais.

Para tanto, nessa perspectiva, valoriza-se as pessoas, considerando os seus sentimentos e ideias. Atualmente, no mundo globalizado, essa dimensão tem sido negligenciada, sendo o dinheiro e a informação as tiranias que comandam as ações de hoje. O território como dominação tem sido prioridade para as políticas públicas, empresas, instituições, etc.

Ao privilegiar o estudo da singularidade e da individualidade, deve-se levar em consideração a integração dos elementos sociais (econômico, político e cultural) respeitando a híbrida complexidade existente neste espaço. Perceber que a dissociação entre as dimensões econômica, política e cultural só é possível quanto ao destaque de uma sobre outras, porque uma dimensão inclui indissociavelmente outras. Esse tratamento revela a multiplicidade e a possibilidade para tal abordagem, porque a realidade é indivisível, integral, una e múltipla ao mesmo tempo; a política é cultural; a experiência vivida é socialmente estabelecida; a economia gera novas políticas e, por conseguinte, as novas políticas geram novas formas de fazer economia.

Contudo, percebe-se que as barraqueiras moradoras envolvem-se com essa dupla dimensão (apropriação e/ou dominação), pois algumas delas chegam a passar um período de seis meses com suas famílias nas barracas, construindo um vínculo afetivo, uma apropriação com aquele território e, portanto, uma dimensão afetiva e simbólica. Somando-se a isto, utilizam o espaço como valor de troca em uma perspectiva funcional, na busca de sua sobrevivência diária.

Na entrevista, uma barraqueira fala do seu trabalho ao longo do tempo:

ENTREVISTADA A: Está com quarenta anos da primeira barraca que eu botei. Foi em setenta, na inauguração da estátua. Quando comecei eu ainda era uma jovem, hoje já estou velha, já tenho neta dentro da barraca. Meus filhos nasceram e se criaram dentro de barraca, hoje tudo é dono de suas barracas e graças a Deus todo ano vivemos assim, vem em setembro e volta em fevereiro [...]. (Barraqueira moradora em entrevista cedida, 2010)

A maioria das entrevistadas revelou sentir-se bem melhor no período das romarias, pois neste momento conquistam um cotidiano diferenciado. Segundo a entrevistada:

ENTREVISTADA A: Eu me sinto melhor aqui do que em casa. Aqui eu sou mais sadia, tenho mais saúde do que em casa, em casa se levanta bem cedo e não tem o que fazer. Eu vou para física, por que os velhos têm física, né. Quando chego me deito por que estou cansada, eu vivo é mais doente! Aqui não, eu tenho mais saúde, de setembro para cá eu baixei o hospital só uma vez, com problema de disenteria, e aqui passo os três meses e graças a Deus não sinto nada (...) aqui é melhor! (Barraqueira moradora em entrevista cedida, 2010)

Continua a entrevistada falando a respeito do vínculo que ao longo desses quarenta anos de trabalho conseguiu estabelecer com os romeiros e, portanto, com o território, pois neste período incrementa suas vendas e revê alguns romeiros que são antigos conhecidos.

ENTREVISTADA A: Eles chegam, sabem o nome da gente, já vêm direto para aquele local, chegam, abraçam a gente. Ô, minha mãe faleceu, foi uma tristeza grande para os romeiros.

PESQUISADOR: Ela trabalhava aqui também?

ENTREVISTADA A: Ela trabalhava aqui também. Chegaram cadê vizinha? Cadê vizinha? Foi aquele desespero para os romeiros, para eles era mesmo que fosse um da família deles.

Eles telefonam para gente dizendo o dia que vão chegar, eles dizem: 'ô cuide na janta, no almoço, a gente chega aí tal hora'. Por isso que às vezes fora de hora da noite eu fico esperando os romeiros pra jantar. Eles ligam logo e avisam, "tô chegando", nós já vamos em tal canto, eles levam o telefone da gente, deixam o telefone deles, quando eles chegam lá, eles avisam, nós chegamos em paz, o que aconteceu eles avisam a nós, 'fulano adoeceu', tudo que acontece eles avisam. Para Maceió, para Recife, para João Pessoa, para Maranhão, para todo canto o *caba* tem contato com eles. (Barraqueira moradora em entrevista cedida, 2010)

Outras entrevistadas também falam a esse respeito.

ENTREVISTADA B: Ah, aqui todo mundo gosta da gente, só não gostam da gente os malandros, porque malandro não gosta de ninguém, né? Aqui todo mundo gosta da gente.

ENTREVISTADA C: Eu criei minha família todinha aqui, já estou criando neto, órfão de pai. Eu trabalho aqui por isso, já faz mais de 40 anos que eu trabalho [...] quando meu esposo morreu fazia oito anos já que eu colocava barraca, aí eu criei minha família todinha trabalhando aqui, dando comida a eles aqui [...] me sinto bem, me sinto feliz, aqui tem minhas amigas, minha vizinhas, eu acho bom. Com as romarias vêm minhas amigas que são romeiras. De primeiro eu tinha de ônibus inteiro de freguesia [...] porque aqui é tão bom, eu acho.

ENTREVISTADA I: Conheço muitas pessoas, faço muita amizade com as pessoas que vêm de fora. (Barraqueiras moradoras em entrevistas, cedidas 2010).

Tal vínculo de amizade se estende à vizinhança. Há uma dimensão de solidariedade entre eles, solidariedade orgânica como abordou Santos, que "[...] resulta de uma interdependência entre ações e atores que emana da sua existência no lugar" (2001 p.306). Dialética esta também abordada por Santos (2006) [1996], quando distingue uma ordem global de uma ordem local: "[...] a ordem global busca impor, a todos os lugares, uma única racionalidade" (p. 338). O primeiro valoriza

[...] a *informação* que, aliás, é sinônimo de organização. No segundo caso, prima a comunicação.

A ordem global funda as escalas superiores ou externas à escala do cotidiano seus parâmetros são a razão técnica e operacional, o cálculo de função, a linguagem matemática. A ordem local funda a escala do cotidiano, e seus parâmetros são a co-presença, a vizinhança, a intimidade, a emoção, a cooperação e a socialização com base na contiguidade.

A ordem global é "desterritorializada", no sentido de que separa o centro da ação e a sede da ação. [...] A ordem local, que "reterritorializa" (SANTOS, 2006, [1996] p.339).

Nas entrevistas concedidas, verificaram-se tais exemplos de solidariedades. Seguem os relatos:

ENTREVISTADA A: Aqui nós somos irmãos, daquela ponta pra cá, nós somos irmãos, o que dê para um dá para todos, e aqui é assim, barraqueiro é tudo assim, se você não quiser morrer no cacete, não bula com nenhum. [...] Há quarenta anos trabalhando aqui o camarada não souber quem é seu vizinho! Aqui é assim: entra uma pessoa de fora, como comparação, se eu não vir, digo “ô fulano esse ano eu não venho”, fulano vai colocar aqui em minha vaga, aí eu vou e tiro e entrego pra você e não tem confusão. [...]. (Barraqueira moradora em entrevista, cedida 2010).

Outras entrevistadas também falam a esse respeito:

ENTREVISTADA C: Eu vim para cá e me sinto bem, me sinto feliz. Têm minhas amigas, minha vizinhas aqui, aí eu acho bom. Com as romarias vêm as minhas amigas que são romeiras!

PESQUISADOR: Essas barracas vizinhas são todas de conhecidos?

ENTREVISTADA C: Tudo conhecido

PESQUISADOR: São uns cinco meses que passa aqui?

ENTREVISTADA C: São, já está dentro dos seis.

PESQUISADOR: A senhora conhece todos esses vizinhos?

ENTREVISTADA C: Não. Um bocado delas eu não conheço, essas aqui eu conheço todas, dali pra cá eu conheço todas, mas um bocado delas eu não conheço.

ENTREVISTADA G: A gente faz muita amizade, tem pessoas que conhecemos há mais de sete anos (...) quando volto pra casa fico com saudade! Quando os romeiros vão pra casa a gente chora.

PESQUISADOR: Quais os pontos positivos em seu trabalho?

ENTREVISTADA J: As amizades, é como um irmão, uns ajudam os outros.

PESQUISADOR: Quais os pontos positivos em seu trabalho?

ENTREVISTADA L: Eu tenho 18 anos de trabalho, eu gosto é de ver os romeiros.

ENTREVISTADA M: Eu não tenho tristeza daqui não, eu acho ruim quando não tem comércio. Calor tem em todo canto, a gente sofre por causa da quentura.

(Barraqueiras moradoras em entrevistas, cedidas 2010).

Neste plano, Haesbaert afirma que "[...] de acordo com o grupo e/ou a classe social, o território pode desempenhar os múltiplos papéis de abrigo, recurso, controle e/ou referência simbólica" (2004 [2007] p.96). No entanto, o território ganha também a dimensão de recurso, de troca:

ENTREVISTADA A: Mas graças a Deus todo ano eu vendo uma coisinha, todo dia o caba vende: almoço, janta, merenda, café. [...] Dá para sobreviver bem, graças a Deus, porque se não desse o caba já tinha tomado o caminho de casa, né? Vem a festa de setembro, às vezes a festa de novembro, vem dia de ano, dia de reis que é bonzinho, agora em fevereiro é a melhor, porque você não compra nada, em setembro você compra muita coisa fiado, sai pagando aos pouco, em novembro também compra muita coisa pra ir pagando aos poucos, agora não.

ENTREVISTADA B: Dá para sustentar minha família, agora foi que esse ano eu não controlei as coisas certas, comprei muito! Não sei porque, mas eu ganhava um dinheirinho aqui levava para casa e tudo (...)

ENTREVISTADA C: Aqui eu arrumo o pão de cada dia. Não ganho esse dinheiro, porque é a época mesmo e o local que não é muito adequado.

ENTREVISTADA F: Me sinto bem, é de onde eu tiro o dinheiro para os filhos, comprei até um terreno.

PESQUISADOR: Quais os pontos positivos em seu trabalho?

ENTREVISTADA I: Ter boas vendas, boas rendas, não ficar devendo a ninguém.

ENTREVISTADA L: Por que é aqui que eu dou de comer, que eu tiro meu sustento.

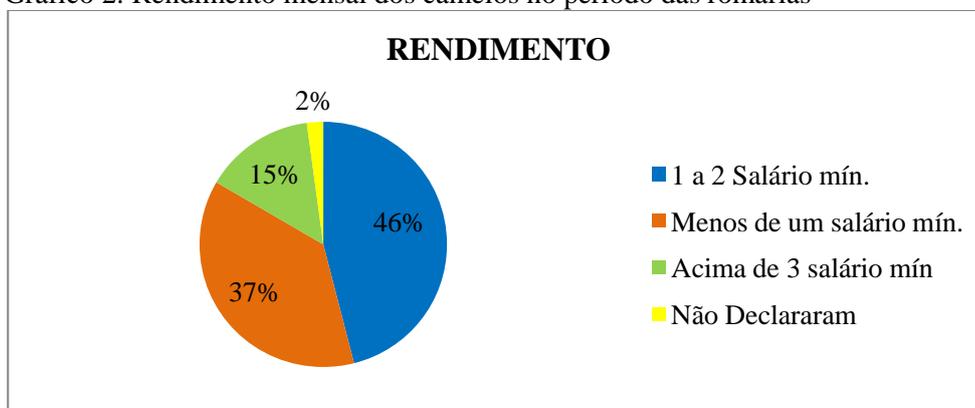
ENTREVISTADA M: Porque é daqui que a gente sobrevive, é a sobrevivência da gente.

ENTREVISTADA N: É porque a pessoa sobrevive daqui, é que nem a roça planta e passa seis meses recebendo, e no período que não tem romaria eu não trabalho.

(Barraqueiras moradoras em entrevistas, cedidas 2010).

De acordo com os questionários, o rendimento mensal da maioria dos camelôs gira em torno de um a dois salários mínimos; acompanhe no gráfico:

Gráfico 2: Rendimento mensal dos camelôs no período das romarias



Fonte: Pesquisa de Campo, 2010. Organização: David Melo Van den Brule

A seguir as imagens que expressam um pouco das condições de moradia dessas pessoas.



Fotos 23 e 24. Morada das barraqueiras no ano de 2010. BRULE, David, 2010.



Fotos 25 e 26. Morada das barraqueiras. Elisângela Santos, 2010.

As imagens 23, 24, 25 e 26 expõem as precárias condições de limpeza e higiene do ambiente externo, que interfere no ambiente interno. Esta problemática também foi mencionada nas entrevistas:

ENTREVISTADA D: o freguês disse 'Deus ajude, dona! Quando for para o ano que a gente venha e ela tenha uma condição melhor para atender a gente'. Se tivesse assim uma condição melhor, ajeitava isso aqui. Eles fizessem ou liberasse para que a pessoa fizesse. Eu não tenho condições não, mas Deus me ajudasse eu ia arrumar condições, ia organizar por dentro. Chega uma pessoa de outra cidade e vê um negócio desse cheio de terra, cheio de coisa, não é bom.

(Barraqueira moradora em entrevista, cedida 2010)

Observa-se um cotidiano não tão diverso do que é comumente encontrado na vizinhança residencial, pois as "[...] relações de vizinhança são condicionadas de uma forma determinante pela densidade populacional do local que habitamos, pelo nível econômico e pelo grau de cooperação dos seus habitantes, bem como pela distância entre as unidades de habitação" (KELLER, 1979, *apud* SERPA, p.35, 2007). E continua Serpa,

As relações de vizinhança na cidade contemporânea são ainda muito condicionadas pelas diferenças entre classes sociais. Nos bairros populares, a limitação de oportunidades, a pobreza e o isolamento relativos, a insegurança e o medo acabam por fortalecê-las e torná-las parte fundamental da trama de relações familiares. (SERPA, 2007, p.35).

Na área revelada através das fotos 23, 24, 25 e 26 o uso do espaço externo às barracas é bem mais frequente. Normalmente as pessoas ficam sentadas em suas cadeiras de balanço conversando com seus familiares e conhecidos; colocam roupas para secar em um varal comunitário, assistem à televisão de fora da barraca e veem seus filhos e netos jogarem bola, dividindo este "terraço" com outras barraqueiras, romeiros e alguns brinquedos do parque de diversão.

Essas pessoas trabalham os três períodos: manhã, tarde e noite. Dos informantes que responderam aos questionários, 62% afirmaram não possuir outro trabalho no período em que não ocorrem as romarias, e apenas 37% disseram ter outro trabalho, sendo que 52% gostariam de ter outro trabalho e 45% preferem permanecer com o mesmo.

Para tanto, essa híbrida função (apropriação e/ou dominação) que o território assume para essas barraqueiras moradoras, Haesbaert propõe, com base na distinção entre domínio e apropriação do espaço, o seguinte esclarecimento:

O território envolve sempre, ao mesmo tempo [...] uma dimensão simbólica, cultural, por meio de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de controle simbólico sobre o espaço onde vivem (sendo também, portanto, uma forma de apropriação), e uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar: a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos (HAESBAERT, 1997. p. 42, *apud* in HAESBAERT 2001, p. 120)

Portanto, foi possível reconhecer no campo essa dupla dimensão (funcional e identitária) que o território assume. Percebe-se que os vendedores ambulantes — e os outros camelôs que colocam suas barracas mas não moram nelas — não chegam a criar um vínculo tão forte com o território, como as já citadas barraqueiras moradoras. Por este motivo acredita-se sobressair para os vendedores ambulantes a dimensão funcional. Já as barraqueiras moradoras, pelo dispositivo chamado tempo e por a barraca ser o espaço da morada, da residência, o território assume com mais força a dimensão identitária.

2.2 O caráter político disciplinar e des-territorializador do Poder Público.

Depois de discorrer sobre o território em sua dupla dimensão de apropriação e dominação, é viável mostrar como vem acontecendo a desterritorialização das barraqueiras moradoras. Conceito esse que significa algo no sentido de deslocamento, perda do domínio e/ou apropriação daquele espaço, e que é utilizado aqui na complementação do entendimento do reordenamento territorial que o poder público vem fazendo nesta cidade nos últimos anos. A desterritorialização é, segundo Corrêa (1996), “[...] entendida como a perda do território apropriado e vivido em razão de diferentes processos derivados de condições capazes de desfazerem o território” (p.252).

Haesbaert (2001, 2004, 2007) também trabalha com esse conceito e suas implicações espaciais, tais como os processos de desterritorialização, reterritorialização e multiterritorialidade. O autor buscou na filosofia de Gilles Deleuze e Felix Guatarri, um apoio para tratar com flexibilidade a noção que o termo ganha atualmente devido às inovações da

tecnologia e da sociedade capitalista. Haesbaert ao rebater as afirmações de alguns autores que asseveram o fim da história, o fim da geografia e, portanto, o fim dos territórios, afirma que o que há na verdade é o processo de "multiterritorialidade", ou seja, os grupos não se desterritorializa sem reterritorializar em outro espaço. Portanto, o que o autor propõe é perceber o concomitante processo da desterritorialização e reterritorialização e a dimensão da multiterritorialidade que há nos espaços circunscritos. O processo de desterritorialização chega, na verdade, a ser um processo também de reterritorialização, ou seja, quando um grupo se desenraiza de um território, a busca por outro é imediata, e essa nova conquista chama-se de reterritorialização. Ao mesmo tempo em que o espaço é desterritorializado é também campo de disputa entre outros grupos (empresa, instituição, poder público), buscando uma nova territorialização.

Há um esforço crescente da prefeitura de Juazeiro do Norte, especialmente no atual período, o da administração de Manoel Raimundo de Santana Neto (2009-2012), do Partido dos Trabalhadores, de evitar colocar barracas nas calçadas, com o intuito de melhorar a imagem da cidade e desobstruir o trânsito, liberando espaço para melhor circulação dos pedestres. São alguns exemplos dessa política de reordenamento territorial na cidade: a remoção dos camelôs da rua São Paulo em frente ao mercado central; a reforma na praça onde se realizava a “*Feira da Troca*”, em frente ao estádio Mauro Sampaio (Romeirão); a construção de quiosques fixos no terminal de ônibus; a construção de barracas, também fixas, na praça padre Cícero; as reformas no mercado Central e no mercado Senhora Santana.

O texto “Fórum permanente das romarias volta a se reunir com barraqueiros”, publicado no dia 14 de agosto de 2009 no *site* da Prefeitura municipal de Juazeiro do Norte, ilustra ações na tentativa de reordenamento territorial:

A decisão de retirar as barracas das calçadas da Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores dos lados das ruas São Pedro e Padre Cícero, foi **consensual**. Isso ficou provado na 15ª reunião do fórum permanente das romarias com os barraqueiros na tarde desta quinta-feira no Círculo Operário São José, em Juazeiro do Norte. (...) para o secretário José Carlos dos Santos, representa o primeiro passo no sentido de ir amadurecendo a ideia junto aos barraqueiros a fim de que não haja dificuldades na hora de se mudarem para os cerca de **1.300 boxes** que serão construídos no Centro de Apoio aos Romeiros. (...) (Secretaria Municipal de Turismo e Romarias, 2009, **grifo nosso**)

Segundo registros da prefeitura, há um total de 1.600 vendedores ambulantes cadastrados, tendo participado aproximadamente 35 vendedores no referido fórum

permanente das romarias. Diante disso pode-se caracterizar um avanço em relação aos anos anteriores, que não registraram fóruns de discussão permanente. Todavia esse número se mostra ainda modesto diante do total de vendedores, de aproximadamente 2.500 mil comerciantes. Ao responderem os questionários, apenas 28% disseram participar do sindicato dos barraqueiros e a grande maioria, 71%, não participam.

A seguir, realizou-se um comparativo através de fotografias registradas durante quatro anos consecutivos: 2008³² e 2009 antes da remoção das barraqueiras moradoras e no período de 2010 e 2011, após a remoção das barraqueiras moradoras, o que provocou a sua desterritorialização.

Para facilitar a observação, as fotos foram retiradas do mesmo local, em torno da antiga Praça da Matriz, na lateral da rua São Pedro. Neste espaço habitualmente passam pedestres que fazem caminhadas, estudantes que vêm da zona rural para estudar na cidade, carros de linha que vão para as cidades vizinhas (a exemplo de Caririaçu), e que no período de romaria disputam as ruas com romeiros, barraqueiras, ônibus, caminhões e outros.



Foto 27. Vista da Praça da Matriz (rua São Pedro) antes da remoção das barracas. BRULE, David, 2008.

Nesta primeira Foto (27) é possível visualizar pessoas retornando de suas caminhadas, andando nas ruas por falta de espaço na calçada, e ao lado direito da rua percebe-se o longo estacionamento de veículos.

³² Período da pesquisa na pós-graduação (especialização) para obtenção do título de especialista em Geopolítica e História.



Foto 28. Vista da Praça dos Romeiros (rua São Pedro) antes da remoção das barracas. BRULE, David, 2009.

Na Foto 28, em um registro de 2009, percebe-se o pouco espaço para o trânsito de grandes veículos, devido a ausência de um estacionamento apropriado para os ônibus e caminhões que transportam os romeiros.



Foto 29. Vista da Praça dos Romeiros (Rua São Pedro) após a remoção das barracas. BRULE, David 2010.

Na Foto 29 já é possível ver que as barracas foram removidas sendo permitido colocá-las apenas no interior da praça.



Fotos 30 e 31. Calçada da praça da Matriz (rua São Pedro) após a remoção das barracas. BRULE, David, 2011.

Na Foto 30 é possível perceber que os pedestres e romeiros caminham livremente nas calçadas e não mais nas ruas, mas, no entanto, a rua ainda permanece estreita por causa da falta de estacionamento apropriado para os ônibus que transportam os romeiros. A Foto 31 foi um registro em momento de não romaria, quando há um livre acesso.

Em 22 de julho do ano de 2011, Juazeiro do Norte completou 100 anos de emancipação política, a Prefeitura já iniciou as obras do estacionamento dos romeiros, o qual ficará localizado próximo ao Luzeiro do Sertão. A obra é feita em parceria com o Governo Federal. Enquanto isso, os motoristas utilizam as ruas e os postos de combustíveis como estacionamento. A seguir, a Foto 32, retirada no posto de combustível:



Foto 32. Posto de combustível, com pousada Mãe de Deus, localizado ao lado do Centro de Apoio aos Romeiros na Avenida Joaquim Romão Batista. (BRULE, David, 2010).

Sobre a situação de reordenamento territorial dos barraqueiros, Araujo (2005), em sua tese destaca o exemplo do Horto, local onde está localizada a estátua do Padre Cícero e ponto de maior visitação de romeiros e turistas. Segundo a autora, os

[...] barraqueiros-moradores se mostraram acuados, temerosos em falar sobre sua situação de instabilidade e incerteza, pois muitos declararam ter sido deslocados de forma arbitrária, sem acesso a reassentamento ou indenização. Tratando-se de famílias residentes há mais de dez anos nas barracas, elas têm direito ao solo através do usucapião, direito este lhes tem sido usurpado a partir de deslocamentos irregulares. (ARAUJO, 2005 p. 203).

No caso do presente trabalho, como se trata de bens públicos de uso comum do povo — calçadas, ruas e praças — não se pode afirmar a possibilidade de indenizar os camelôs. Tais áreas, tendo em vista os preceitos da lei, apesar de pouco sensível e mais racional, diz que “os imóveis públicos não serão adquiridos por usucapião” (Art. 183, §3º, CF/88).

Sobre o processo de reordenamento territorial no Horto, continua a autora:

Há muita preocupação dos barraqueiros moradores em relação ao futuro, pois para eles, as barracas são estratégias de sobrevivência e suas críticas referem-se à Revitalização do Horto nos moldes propostos. Nos barraqueiros não-moradores, predomina uma incerteza em relação ao futuro, pois o comércio será deslocado para boxes padronizados, e eles não sabiam, no momento da entrevista, se teriam dinheiro suficiente para adquirir e manter o novo ponto de venda. (idem, p.205).

O mesmo vem ocorrendo com relação ao processo de reordenamento territorial provocado pela ação da Prefeitura na gestão atual (2009-2012) que concerne à localidade aqui pesquisada. Sobre este processo desterritorializador, Haesbaert identifica pelo menos três acepções, a saber: no plano da economia, da política e da cultura (2004. [2007] p. 171-234).

Na perspectiva econômica esta pesquisa revela uma desterritorialização no sentido de uma deslocação compulsória. Haesbaert (2004. [2007]), lançando mão de Marx, conclui que a primeira desterritorialização capitalista ocorreu quando separou o produtor dos meios de produção. Seria, portanto, uma característica iminente do próprio sistema capitalista: o trabalhador livre sem emprego buscaria outras fontes de renda e o comércio ambulante que, como já dito anteriormente, é uma das mais antigas ocupações para alcançar tal intento. Neste caso, separa o produto de seus compradores.

No ponto de vista da política observamos em campo o que Haesbaert aborda a seguir:

O aparecimento do Estado seria responsável pelo primeiro grande movimento de desterritorialização, na medida em que ele imprime a divisão da terra pela organização administrativa, fundiária e residencial. O Estado fixa o homem à terra, mas o faz de forma despótica, organiza os corpos e os enunciados de outras formas. (2007, p. 194)

No caso específico de Juazeiro do Norte, trata-se do poder público municipal, que removeu as barraqueiras para outras localidades. A desterritorialização no âmbito cultural e simbólico ocorre quando as barraqueiras que usam o território como local de morada, de reprodução e de sobrevivência da vida cotidiana são efetivamente dirigidas para outro local. Esse processo é mais intenso no momento que estas vão para o Centro de Apoio aos Romeiros, o que será abordado no terceiro capítulo .

A respeito dessa desterritorialização, as barraqueiras moradoras se queixaram principalmente da perda do contato com os romeiros que já estavam acostumados a frequentar as mesmas barracas. Após a mudança de localidade, muitos dos romeiros não conseguiam encontrar novamente as barraqueiras conhecidas. Esses deslocamentos interferem também no círculo de amizade estabelecido durante anos entre as próprias barraqueiras. Tal deslocamento faz parte da dinâmica administrativa da Prefeitura, o que gera entre os comerciantes a disputa pelos melhores espaços. Neste sentido o controle da população e a proposta de reordenamento territorial são também uma forma de legitimar a arrecadação através de tributos pagos ao poder público municipal pelos comerciantes ao começarem a utilizar o Centro de Apoio aos Romeiros. Mas não apenas isso: melhora o trânsito, diminui o conflito público *versus* privado e melhora também a acessibilidade aos espaços.

Desse modo, através das entrevistas foi possível compreender de que maneira a permanência da barraca no mesmo espaço é importante; como acontece essa mudança de localidade e de que maneira isso interfere no trabalho das barraqueiras. Os trechos das entrevistas a seguir demonstram esses questionamentos:

PESQUISADOR: A barraca da senhora sempre foi aqui neste local?

ENTREVISTADA A: Não! Começou na calçada do SESC, aí já foi lá pra cima, já fomos pra frente do posto, já voltamos pra aqui, agora só dali pra cá.

PESQUISADOR: No próximo ano esse lugar já está reservado para senhora, ou não?

ENTREVISTADA A: Se não mudarem de local!

PESQUISADOR: Esse deslocamento que a senhora fez foi por opção da senhora ou foi a prefeitura que exigiu?

ENTREVISTADA A: A prefeitura que exigiu. Não pode ficar nesse canto esse ano, nós vamos mudar os espaços (...)

PESQUISADOR: A barraca da senhora sempre foi aqui neste local?

ENTREVISTADA C: Eu não gosto não, gosto não, eu já perdi minha freguesia todinha, minha barraca era lá em cima, (...) era ali de frente ao banheiro, aí depois colocaram as neta, bisneta, tataraneta, aí eu fiquei pra cá, né, colocaram os parentes e a minha ficou pra cá, a minha era sempre lá na esquina da rua do Brejo, toda vida era uma quina (...) aí a gente vai perdendo a freguesia todinha, quando chega pra cá aí fica mais fraco, num vale nada né porque perde tudo, o povo não sabe onde a gente tá, é as vezes muda, minhas vizinhas era lá em cima comigo, agora mudei mais pra cá já é outras vizinhas novas.

PESQUISADOR: A barraca da senhora sempre foi aqui neste local?

ENTREVISTADA D: Muda de lugar, por causa que tem ano que desce (...). Mas já está com 5 anos que é aqui, quando muda de prefeito as vezes muda de local. Mas sempre é nessa área aqui.

PESQUISADOR: Esses fregueses são construídos ao longo dos anos?

ENTREVISTADA D: É, eu tenho freguês de quando comecei. Não tem mais porque às vezes muda para ali, muda pra lá, aí muda de fiscal, muda de chefe, bota para lá, bota para lá, por isso eu não tenho mais. Se não fosse isso eu tinha meus fregueses suficientes e não me aperreava.

ENTREVISTADA C: De primeiro eu tinha mais de ônibus inteiro de freguesias, aí inventei de trabalhar no projeto, era pra eu chegar em setembro e só cheguei em novembro, aí um bocado deles eu perdi, um bocado deles morreram também, numa virada de carro, mas ainda vêm um pouquinho. O pouco com Deus é muito, e me sinto bem, graças a Deus. [...] De primeiro era bom, pra mim era, é melhor do que aqui, porque aqui... minha barraca não era aqui, era lá em cima, aí eu passei pra esse lado aqui, ficou mais fraco um bocado de coisa [...]

(Barraqueiras moradoras em entrevistas, cedidas 2010)

Ao perguntar o que deixam elas mais constrangidas no que diz respeito à mudança do local das barracas, responderam:

ENTREVISTADA I: Mudar as barracas, gastei o que pude e o que não pude e não tive nenhum retorno. A covardia que esses governantes fazem com a gente, coloca num canto, depois coloca em outro e a gente só tem prejuízo.

ENTREVISTADA J: No período de armar barraca, passei muita humilhação, minha barraca foi armada quatro vezes, o dinheiro que investi perdi todo! Muitos pais de família dependem daqui.

ENTREVISTADA L: Para piorar, o prefeito tira a pessoa de onde tem movimento pra colocar onde não tem movimento.

ENTREVISTADA M: Tem 25 anos que coloco barraca, me sinto bem, mas não estamos tendo apoio. Mudaram a gente de lugar, o que faz a gente perder as freguesias que a gente tinha.

(Barraqueiras moradoras em entrevistas, cedidas 2010)

Para Haesbaert, a desterritorialização para os mais pobres "[...] é uma multiterritorialidade ou, no limite, ateritorialidade insegura, onde a mobilidade é compulsória - resultado da total falta de opção, de alternativas, de flexibilidade em experiências múltiplas, imprevisíveis, em busca da simples sobrevivência física cotidiana" (p.140, 2001).

A praça da Matriz doada à Igreja pela administração municipal anterior, atendendo a um pedido da mesma, aprovada em Lei Municipal, revela a cooperação das políticas públicas com a Igreja local e a ampliação do território da mesma. Após a doação desse espaço, antes ocupado sem nenhuma oneração para os barraqueiros, a Igreja passa a cobrar um aluguel pelo período em que os feirantes permanecem no local.

De acordo com a pesquisa realizada por Oliveira

[...] a Paróquia de Nossa Senhora das Dores recebeu da prefeitura a doação de uma área de 17.141,50 metros quadrados, localizado nos limites do Santuário da matriz de Nossa Senhora das Dores. O Padre Paulo Lemos explica que o propósito da paróquia é fazer o gradeamento de todos os arcos que circulam a Praça do Romeiro e a Igreja Matriz, como também a construção de um altar para celebração, banheiros e outras intervenções. (p. 112, 2008).

No entanto, “[...] como alcançar um uso coordenado do espaço quando a lei da concorrência (hoje, a competitividade) sugere uma utilização cada vez mais privatista?” (SANTOS, 2006 [1996], p. 336).

Destarte, fazer uma reflexão do que seja desenvolvimento no PDDU de Juazeiro do Norte, na busca de explicar melhor como as políticas públicas manifestam suas prioridades no tocante às questões apresentadas, e de que maneira aconteceu o processo de reterritorialização dos camelôs para o Centro de Apoio aos Romeiros são temas que farão parte do próximo capítulo.

3. POLÍTICAS PÚBLICAS E RETERRITORIALIZAÇÃO DOS CAMELÔS NO CENTRO DE APOIO AOS ROMEIROS

Após dissertar, no segundo capítulo, a respeito do universo dos camelôs que sobrevivem das romarias na cidade de Juazeiro do Norte, Ceará, e os seus graus de territorialização e desterritorialização, faz-se necessário uma abordagem do processo de reterritorialização ocorrido com a transferência destes para o Centro de Apoio aos Romeiros. No entanto, primeiramente, analisa-se o conceito de desenvolvimento, como este tem sido abordado no PDDU da cidade de Juazeiro do Norte e de que maneira o seu entendimento norteia as políticas públicas urbanas no que diz respeito, mais especificamente, ao Centro de Apoio aos Romeiros.

3.1 Políticas Públicas e "desenvolvimento"

Democracia, emancipação, desenvolvimento, progresso são belos princípios corrompidos pela forma social adotada pela modernidade - quer dizer, capitalismo. O grande problema com a democracia é que esta nunca foi alcançada - em que sociedade as pessoas controlam diretamente as instituições básicas, os lugares (trabalho, família, vizinhança) nos quais passam a maior parte de suas vidas?
(Richard Peet, 2007, p.34).

Pensar em desenvolvimento como sinônimo de melhoria da qualidade de vida é algo comum. A sociedade é constantemente influenciada pelos diversos meios de comunicação, como televisão, jornal, revista, entre outros, que advogam sua prioridade.

No Brasil, o imaginário político do Estado em relação às propostas de desenvolvimento manifesta-se em conflito com as reais necessidades de milhões de pessoas, sendo oferecido um crescimento que não necessariamente traz justiça social. Um exemplo disso é o receituário neoliberal, muitas vezes seguido pelo Estado, no qual gastos sociais não têm vez e a lei cruel do mercado configura-se como base das relações. Por conseguinte, a gestão de recursos e as prioridades com os gastos do dinheiro público ganham um destino que atende principalmente “às necessidades geográficas das grandes empresas, acabando por afetar toda a sociedade, já que desse modo a despesa pública ganha um perfil largamente

desfavorável à solução de problemas sociais e locais” (SANTOS, 2006 [1996] p.336). Um exemplo é a agenda política brasileira através do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), lançado em 2007, com objetivo de acelerar o crescimento econômico do Brasil, prevendo investimentos totais de R\$ 503,9 bilhões até 2010.

Atualmente, os economistas e grandes corporações em diversos países adotam este modelo subjugado à hegemonia global do pensamento ocidental. O desenvolvimento impregnado no imaginário social virou expressão da moda, disseminado principalmente através dos meios de comunicação na busca do convencimento de que agora é possível sua aplicabilidade através da proposta verde, democrática e sustentável.

Na busca de revelar a nudez conceitual da palavra desenvolvimento, Esteva (2000) fez um resgate histórico de como se deu o emprego dessa noção. Para ele a tão impregnada ideia deste conceito, nos dias de hoje, veio através do discurso inaugural do presidente norte-americano Harry Truman, em 1949, momento em que o mundo se abria para a era "desenvolvimentista". Para o autor, este modelo, tendo como foco principal o crescimento econômico, favoreceu o estabelecimento de valores que

Exige a desvalorização de todas as outras formas de vida social. Essa desvalorização transforma, em um passe de mágica, habilidades em carências, bens públicos em recursos, homens e mulheres em trabalho que se compra e vende como um bem qualquer, tradições em um fardo, sabedoria em ignorância, autonomia em dependência. Transforma as atividades autônomas e pessoais, que incorporam desejos, habilidades, esperanças e interação social ou com a natureza, em necessidades cuja satisfação exige a mediação do mercado. (ESTEVA, 2000 [1992] p. 74).

Concorda-se parcialmente com Esteva (2000 [1992]), pois o autor acredita não ser mais possível usar tal palavra, para usar uma expressão do mesmo, "o campo minado já explodiu", mas é possível, sim, pensá-lo de outra forma, como outro conceito e com novos critérios. Neste sentido, adotou-se aqui o entendimento de Souza (2008 [2001], 2006 p.60-61) ao abordar o desenvolvimento sócio-espacial positivo, entendido como

[...] uma *mudança social positiva*. O conteúdo dessa mudança, todavia, é tido como não devendo ser definido *a priori*, à revelia dos desejos e expectativas dos grupos sociais concretos (...). Desenvolvimento é mudança, decerto: uma mudança para melhor. (...) um autêntico processo de desenvolvimento sócio-espacial quando se constata uma *melhoria da qualidade de vida* e um *aumento da justiça social*. A mudança social positiva, no caso, precisa contemplar não apenas as relações sociais mas, igualmente, a espacialidade.

Em seu livro *A Prisão e a Ágora*, Souza (2006, p. 111) continua defendendo que este deve ser "um processo (aberto, não predeterminado, ainda que animado por valores e vontades conscientes) de mudança para melhor, é uma incessante busca por mais justiça social e melhor qualidade de vida sobre a base da autonomia individual e coletiva". Para o autor, melhoria da qualidade de vida corresponde à crescente satisfação de necessidades, sejam elas básicas ou não-básicas (...) sejam materiais ou imateriais, de uma parcela cada vez maior da população: educação, saúde, moradia adequada (...) o que pressupõe coisas como saneamento básico, equipamentos de lazer e outras facilidades. (SOUZA, 2008 [2001], 2008 [2003], 2006). Quanto ao conceito de justiça social, usou o princípio aristotélico segundo o qual ser justo é "tratar os iguais igualmente e os desiguais desigualmente". Explicando que "o conteúdo substantivo dependerá de como se vier a entender, concretamente, igualdade e desigualdade: igualdade *em relação a quê?* Desigualdade *em relação a quê?* (SOUZA, 2006, p.133-134).

O conceito de qualidade de vida chega a ser bastante relativo. Acredita-se e amplia-se essa noção com índices maiores de expectativa de vida e um diminuto número de farmácias, ou seja, cidades com pessoas mais saudáveis, uma boa e equitativa distribuição de renda, oferta e qualidade dos serviços públicos, possibilidade de almoçar com a família, participar da educação dos filhos, saneamento básico, acessibilidade, nível de escolaridade, baixos índices de violência (verbal e corporal), acesso aos bens materiais e imateriais, capacidade de respeitar e ser respeitado, de amar e ser amado.

O valor do ser humano pode ser percebido através de suas ações. A sua essência será revelada pelas conseqüências delas e, principalmente, naquilo que elas podem provocar. Há homens acomodados e sedentários, mas há também homens inquietos e insatisfeitos com as condições criadas e estabelecidas por outrem. Na sociedade capitalista de consumo o homem é reduzido aos objetos que possui. As prioridades atribuídas por este sistema estão intrinsecamente relacionadas com o dinheiro em todas as suas formas.

A política pública e a população veem na romaria uma possibilidade de crescimento econômico. Deste contexto surgem as seguintes questões: o desenvolvimento urbano e o crescimento econômico advindos das romarias nesta cidade atenderão aos interesses de quem? Quais são as prioridades das políticas públicas manifestadas no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano na resolução desses conflitos?

O entendimento deste, construído pelas políticas públicas de Juazeiro do Norte, pode ser visto preliminarmente através de como está abordado no PDDU. No relatório de questões/módulo conceito para o desenvolvimento da cidade foram identificadas seis metas

essenciais: Meta 1 - obter a condição estratégica para o desenvolvimento; Meta 2 - gerenciar o crescimento; Meta 3 - desenvolver e manter uma imagem positiva da cidade; Meta 4 - criar e manter vizinhanças saudáveis e diversificadas em toda a cidade e nos distritos; Meta 5 - proteger a qualidade do sistema ambiental; Meta 6 - promover serviços públicos igualitários e eficientes (CEARÁ, 2000). No mesmo texto, no tópico 6.1 "Desenvolvimento estratégico", as políticas públicas estimam que o Juazeiro do Norte deverá: Conceito 1 - ser um dos maiores centros de turismo religioso da América Latina; Conceito 2 - se consolidar como centro de serviços regionais de qualidade; Conceito 3 - deverá incrementar a participação da indústria em sua economia, buscando agregar mais valor aos seus produtos e Conceito 4 - tornar-se um município equilibrado física e socialmente (CEARÁ, 2000, p. 115-116).

Portanto, o foco principal das políticas públicas é fortalecer e preparar a cidade para receber novos empreendimentos através da requalificação e reordenamento dos espaços, com o objetivo de ampliar o comércio e consolidar o Juazeiro do Norte como importante centro para o turismo religioso da América Latina. Quando perguntado ao secretário de Turismo e Romarias sobre esse objetivo, ele falou:

Juazeiro nasceu exatamente desse vínculo com o padrinho e se consolida com essa multidimensão de vida, concepção que o padre Cícero tinha, como a terra da oração e do trabalho. Portanto, como um lugar de grande desenvolvimento hoje, seja o desenvolvimento econômico, cultural, religioso, educacional, e se consolida hoje como uma grande referência do nordeste brasileiro. Onde você anda no Brasil hoje, fala-se em "Juazeiro", as pessoas lembram logo a ideia: é Juazeiro do padre Cícero. Então foi um movimento que se constituiu ao longo da história, fruto dessa luta, dessa resistência, dessa persistência, do povo romeiro que continuou vindo a Juazeiro. Está consolidado, ninguém vai acabar com a romaria, o que nós vamos fazer é oferecer as condições necessárias para que o romeiro continue vindo a essa terra. Por que o romeiro vem a Juazeiro por considerar esta uma cidade sagrada! Um chão sagrado. Então, precisamos reconhecer esse espaço e dar as condições para que ele possa vivenciar esse espaço sem opressão. A manipulação das barracas, dos vendedores, está dentro desse projeto de reordenamento territorial, dando a cada um o seu espaço. Então onde você respeita o espaço sagrado, você reconhece o romeiro e ao mesmo tempo urbaniza e reorganiza o espaço da cidade. (Entrevista cedida pelo secretário de turismo e romaria José Carlos dos Santos, em janeiro de 2010).

Torna-se relevante salientar as diferenças existentes entre o turista religioso e o romeiro. O turista religioso tem uma renda superior ao do romeiro, circula no espaço do Cariri visitando não apenas os espaços sagrados; já os romeiros ficam mais restritos aos espaços sagrados, andam a pé, vencendo o sol forte de Juazeiro do Norte —, sobem a ladeira do horto e cantam

seus benditos. Normalmente os turistas possuem veículo automotor para conduzi-los a esses espaços e ficam em hotéis, enquanto os romeiros se hospedam nas casas de pessoas já conhecidas (donas de ranchos). O turista não é necessariamente devoto do padre Cícero, enquanto o romeiro é movido por sua fé, chega à cidade para pagar promessas e sua maneira de se relacionar com o sagrado possui ritos. O turista fotografa os monumentos "sagrados", já os romeiros tocam os objetos em busca de uma cura, de uma benção, de um alívio, carregando em seu visual o olhar do sertanejo de uma vida difícil, com vestimentas simples — dentre elas um chapéu de palha, um rosário no pescoço e uma chinela de couro.

No cenário popular também há uma distinção entre o romeiro e o turista. Nas palavras de um exigente fretante, "[...] Joaseiro tem um banho de calda, né? É o que diz que é uma vista linda, tem tudo. O povo diz: Vamo! Vamo! E eu não vim pra banho de praia. Caminhão meu nunca vai. [...] Turismo eu nunca vou. Porque aquilo é pra turismo. [...]" (*apud* BARBOSA, 2007, p.87).

Em sua tese, Araujo também reconhece essa distinção entre o turista e o romeiro, dizendo que

O perfil econômico do romeiro está muito distante do perfil de turista delineado pelos órgãos de planejamento para a cidade. A nova concepção de desenvolvimento para a cidade do Padre Cícero pautada no turismo religioso propõe estratégias para atrair um novo perfil de visitantes, com maior poder aquisitivo, para incrementar o consumo, o emprego e a renda.

(ARAUJO, 2005, p. 187).

Observa-se que o citado perfil dos romeiros é peculiar, mas este perfil vem sofrendo transformações. Essas características citadas guardam a marca do ser romeiro e resgata aspectos de sua originalidade: a ação movida pela fé e uma incansável busca pela religiosidade.

Enquanto os romeiros são o principal atrativo para a Igreja, que recebe ao término das romarias uma quantia significativa de doações, os turistas religiosos são o alvo principal das políticas públicas.

Dessa forma, trabalhar com conceitos numa abordagem científica, no que diz respeito à cidade de Juazeiro do Norte, é também trabalhar com a ideia de espaço sagrado e profano. Esses conceitos aparecem no próprio desenvolvimento da ciência geográfica, com o surgimento da corrente humanística no final da década de 1970, e como ramo dessa corrente a Geografia Cultural, mais especificamente a Geografia da Religião.

Entretanto, o estudo a respeito do sagrado envolve também a consideração do profano. O sagrado difere do profano através do sistema de ações conferidas ao espaço, representadas através de objetos simbólicos, ritos e rituais. O espaço profano manifesta ações do cotidiano, seja no ato da compra e do lazer. Segundo Rosendahl, “o sagrado e o profano se opõem e, ao mesmo tempo, se atraem. Jamais, porém, se misturam” (ROSENDAHL, 1996, p.31). Neste sentido, o espaço sagrado relaciona-se com o espaço profano; superpondo-se, construindo interconexões.

O espaço sagrado é povoado de experiências e vivências que trazem a marca de uma cultura, onde se manifestam as crenças, as aspirações de um povo, os símbolos; é pleno de sentimentos, possuindo assim, uma dimensão afetiva.

Segundo Rosendahl:

O espaço sagrado é um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência. É por meio dos símbolos, dos mitos e dos ritos que o sagrado exerce sua função de mediação entre o homem e a divindade. (1996, p. 30).

O espaço juazeirense possui a crença de um catolicismo popular. Essa ideologia³³ é valorizada pelos devotos que, com sua fé, manifestam um conjunto de práticas dando sentido à própria existência. Neste propósito, o espaço sagrado possui valores, principalmente imateriais, porque preenche o ser, renova a vida, mas também se materializa em alguns objetos. Porém, este espaço só possui valor para os que fazem parte de tal cultura.

O espaço profano é entendido como aquele que carrega ações não religiosas, mesmo mantendo relação com tal religiosidade. É o espaço do capital, da cultura global, que impõe uma única racionalidade, do homem moderno individualista opondo-se ao homem solidário. Um exemplo de espaço profano é o comércio, movimentado através do fluxo econômico, que por vezes advém do desejo do devoto de atrair o sagrado para dentro de sua casa, através da compra de imagens de santos, fotos, terços, medalhas, crucifixos, vídeos, ou seja, artigos simbólicos. É perceptível que fazer compras em Juazeiro do Norte constitui parte da devoção.

Como lembra Araujo:

³³ Ideologia é entendida aqui não na perspectiva marxista, mas como um "conjunto articulado de ideias, valores, opiniões, crenças, etc., que expressam e reforçam as relações que conferem unidade a determinado grupo social (classe, partido político, seita religiosa, etc.) seja qual for o grau de consciência que disso tenham seus portadores". FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 2004.

Observamos que no circuito da comercialização, os romeiros demandam bens simbólicos do Padre Cícero, mas demandam, também, serviços e bens de consumo não-duráveis adquiridos na cidade do Padre Cícero. Mesmo no consumo de bens não-duráveis, há uma dimensão simbólica: a mercadoria comprada na romaria do Juazeiro. (2005, p. 159).

No Juazeiro do Norte a produção do espaço envolve o sagrado como delimitador de um território, seu movimento recebe agentes e atores como, os romeiros, os turistas, a população local, as autoridades políticas e eclesiásticas.

A forte relação existente entre a romaria e o intenso fluxo no comércio revela a relação entre sagrado e profano. Segundo Araujo (2005, p.103), em Juazeiro do Norte “os romeiros e comerciantes são considerados atores modeladores do espaço sagrado, pois inserem através de suas crenças e valores, o espaço profano diretamente vinculado ao sagrado”. Todavia, nas romarias de Juazeiro do Norte, o sagrado e o profano, seja nas ações religiosas carregadas de sentimentos, seja no consumo de produtos oferecidos no comércio, dinamizam e modelam o espaço geográfico nesta cidade.

Neste processo as romarias se destacam como mais uma peça no crescimento econômico, buscando assim, o tão sonhado e reverenciado desenvolvimento que chega, essencialmente e na maioria das vezes, para uma minoria.

3.1.1 Centro de Apoio aos Romeiros

Encontra-se no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Juazeiro do Norte-CE, com o título de “Ordenamento da Unidade de Vizinhança Piloto - Centro/Núcleo de Comercialização e Apoio aos Romeiros de Juazeiro do Norte/CE”, o projeto que segundo o governo local será “um equipamento de grande importância para o desenvolvimento do Município de Juazeiro do Norte, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento econômico” (CEARÁ, 2001).

Conforme expresso no PDDU, o principal objetivo do Centro de Apoio aos Romeiros é “o desenvolvimento econômico, objetivo este que o município pretende alcançar também através do turismo religioso” (CEARÁ, 2001, p. 10). A sua principal intenção é “oferecer suporte para a

consolidação da cidade de Juazeiro do Norte, como um centro de turismo religioso” (CEARÁ, 2001, p. 9).

Este equipamento urbano está localizado próximo a Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores (Igreja Matriz) e à futura Praça do Marco Zero. Trata-se de um mega equipamento com a forma de um coliseu romano, estruturado para receber comerciantes, romeiros e turistas, bem como para ofertar alguns serviços públicos, desobstruindo ruas e calçadas do centro da cidade. Como mostram as fotos 33 e 34:



Foto: 33. Vista aérea dos Centros Multifuncional de Serviços e Apoio aos Romeiros BRULE, David (2011).

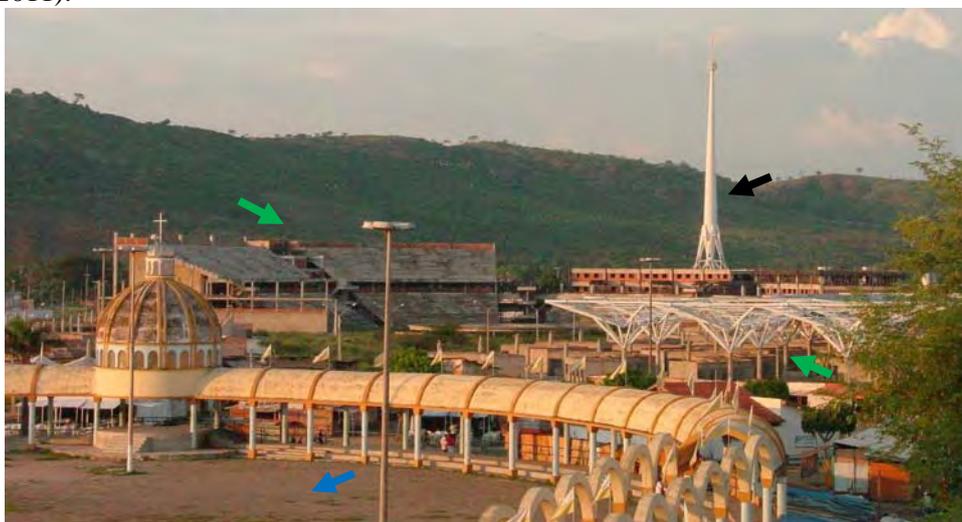


Foto: 34. Praça da Matriz (antiga praça dos Romeiros) (seta azul), Centro de Apoio aos Romeiros (setas verdes) e Torre do Luzeiro (seta preta). Fonte: BRULE, David (2009)

O projeto do Centro de Apoio aos Romeiros teve início na década de 1980, sua obra foi iniciada em 1988 e paralisada diversas vezes. O valor total da obra foi avaliado em R\$

5.489.440,00³⁴ (cinco milhões, quatrocentos e oitenta e nove mil, quatrocentos e quarenta reais), e estima-se que já foram gastos mais de R\$ 100 milhões³⁵ neste grande equipamento.

Sobre a construção do Centro de Apoio ao Romeiro, o secretário de turismo e romaria, ainda no início de 2010, explicou em entrevista sua experiência administrativa:

Esse é um projeto que vem se arrastando há mais de vinte anos e que agora o governo do Estado do Ceará assumiu para si a responsabilidade reiniciando as obras e que, na verdade, nesse ano de 2010 será concluído. Esse Centro de Apoio aos Romeiros, nas partes das barracas que está sendo concluído, ele dará uma nova reordenação e organização no espaço público de Juazeiro, pois os vendedores ambulantes vão se concentrar lá, assim teremos mais espaços para os romeiros andarem, para a melhoria do tráfego dos transportes e ao mesmo tempo nós vamos melhorar o acolhimento, tornando-o mais digno, mais humano, para estes romeiros que visitam a nossa terra. [...] o que o poder público municipal tem que fazer é oferecer os serviços, né, que são tão oportunos e necessários para uma boa romaria e um bom acolhimento [...]. (Fala concedida em entrevista com o secretário de turismo e romaria José Carlos dos Santos, janeiro de 2010).

Para objetivar tal empreendimento fez-se necessário a parceria do governo com o capital privado externo. Segundo Elizângela Santos (2008), em reportagem para Diário do Nordeste, realizada dia 17 de janeiro, “o Centro de Apoio aos Romeiros é uma parceria dos governos estadual e federal, com empréstimos do Banco Mundial”. Encontra-se também no documento emitido pela Secretária das Cidades que, para concluir tal intento, foi firmado um empréstimo "com o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD/Banco Mundial) no valor de US\$ 66 milhões, sendo a contrapartida estadual equivalente a US\$ 20 milhões" (CEARÁ, 2011, p. 3).

Araujo, em sua tese, critica o empréstimo para consolidar alguns projetos em Juazeiro do Norte e questiona o suposto "desenvolvimento":

As intervenções espaciais propostas no âmbito do Projeto Roteiro da Fé, Centro de Apoio ao Romeiro e Projeto Horto são financiados com recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento, aumentando o endividamento do município e do Ceará para impulsionar o desenvolvimento

³⁴ CEARÁ, Governo do Estado. Secretaria de Infra-Estrutura (SEINFRA). Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Juazeiro do Norte: Termos de referência para elaboração de projeto executivo; Projeto 05: Ordenamento da Unidade de Vizinhança Piloto – Centro / Núcleo de Comercialização e apoio aos Romeiros de Juazeiro do Norte / CE, 2001, p.2.

³⁵ Fonte: Jornal o Povoonline, matéria enviada por Rita Célia Faheina, no dia 06 Fevereiro de 2008. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/www/opovo/ceara/763762.html>>.

local sustentável. Como pode ocorrer desenvolvimento sustentável com endividamento? (2005, p. 213).

Portanto, constata-se que para tais intervenções urbanas faz-se necessária a parceria com o capital privado externo que segundo Pintaúdi (2005)

o poder público não dispõe de recursos financeiros e técnicos para acompanhar o ritmo das inovações tecnológicas, é cada vez mais nítido como ele se está tornando presa fácil dos bancos para compra de equipamentos e de programas para a modernização da administração. (p. 231).

Não se sabe ao certo quanto chegou a ser gasto. Tal problemática inclusive já foi tema de discussão na Câmara Municipal, para que pesquisem com rigor esses números.

Entretanto esse projeto tem sido reorganizado de acordo com os interesses políticos de cada prefeito. Em uma das propostas, conforme demonstra o PDDU do ano 2001, no "projeto 05: ordenamento da unidade de vizinhança piloto - Centro / Núcleo de comercialização e apoio aos romeiros de Juazeiro do Norte/CE", este poderá oferecer

Anfiteatro para eventos sócio-culturais e eventos religiosos, salas de apoio para eventos (camarins, etc.), salão paroquial, boxes, barracas e quiosques para uso comercial e de serviços, estação de transporte público, praça, áreas verdes, além de áreas para a prática de esportes, centro de saúde, restaurantes, praça de alimentação, balcão de informações turísticas, posto policial, central comunitária e estacionamentos. (CEARÁ, 2001, p. 10).

Enquanto que no projeto Roteiro da Fé do ano de 2002, o mesmo apresentará

Anfiteatro para 10.000 pessoas sentadas; Serviços de Apoio ao Romeiro e ao Cidadão: Centro de Saúde, Delegacia de Apoio ao Turista, Balcão de informação turística, Atendimento ao Cidadão, Atendimento ao Idoso, Atendimento ao Adolescente, Escola de Ensino Médio, Praças arborizadas, bebedouros, banheiros e abrigos de emergência; Áreas de apoio às missas campais e eventos, palco, salas de apoio paroquial, salas para Tv, Rádio, Som, Camarins; Espaços culturais: salão de exposições culturais, Praça temática; Equipamentos para manutenção, segurança e limpeza: Secretarias de Cultura e Turismo, Secretaria da Infraestrutura, Educação e Desportos, Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente e gabinete de apoio do Prefeito; áreas de Comércio: Mercado das Romarias e boxes para comercialização; Galeria comercial: lojas e lanchonetes; Sete (7) estacionamentos e calçadão para caminhada e peregrinação. (Fonte: Roteiro da Fé Unidade de

Vizinhança Centro - Centro de Apoio ao Romeiro; Capacitação do Comitê Local, *apud* ARAUJO, 2005, p. 179).

Para evitar a indefinição sobre o que oferecerá o Centro de Apoio aos Romeiros a Secretaria das Cidades afirmou:

Com o objetivo de evitar a continuidade da indefinição sobre o uso do prédio do Centro Multifuncional a Secretaria das Cidades, através do Projeto Cidades do Ceará - Cariri Central, decidiu por retomar os investimentos na edificação e área do entorno numa tentativa de evitar o desgaste prolongado da construção e o consequente crescimento do desperdício de recursos". (CEARÁ, 2011, p. 3)

Sob essa nova administração (do Governo do Estado através da Secretaria das Cidades), esse Centro de Apoio aos Romeiros passará a ser chamado, Centro Multifuncional de Serviços (CMS), localizado entre a Av. do Agricultor e a Av. Joaquim Romão Batista, ao lado da Praça dos Romeiros, como mostra a Foto 40.



Fotos: 35 e 36. Centro Multifuncional de Serviços e arquibancada do Centro, BRULE, David. 2011.

Segundo a Secretaria das Cidades este pretende ser um

equipamento voltado à prestação de serviços a população, abrangendo uma oferta diversificada, como serviços tecnológicos, atividades educacionais e culturais, e prioritariamente, os serviços relativos à administração pública estadual e municipal. Sendo assim, o Centro Multifuncional poderá abrigar instituições públicas e/ou privadas que têm por objetivo contribuir para o desenvolvimento socioeconômico da região do Cariri.". (CEARÁ, 2011, p. 4).

Figura 8. Planta do Centro Multifuncional de Serviços e da Praça dos Romeiros.



Fonte: Secretaria das Cidades do Governo do Estado do Ceará, 2011³⁶.

Para este Centro Multifuncional poderão ser transferidos, além da Coordenadoria Integrada de Operações de Segurança (CIOPS) e o Museu de Arte Sacra Popular, as instituições e órgãos abaixo: 1. Companhia de Água e Esgoto do Ceará (CAGECE); 2. Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará (CBMCE); 3. Departamento de Edificações e Rodovias (DER); 4. Departamento Estadual de Trânsito (DETRAN); 5. Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (EMATERCE); 6. Instituto Centro de Ensino Tecnológico (CENTEC); 7. Junta Comercial do Estado do Ceará (JUCEC); 8. Secretaria de Ciência e Tecnologia (SECITECE); 9. Secretaria de Educação Ceará (SEDUC); 10. Secretaria da Fazenda (SEFAZ); 11. Secretaria da Saúde (SESA); 12. Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social (SSPDS); 13. Superintendência Estadual do Meio Ambiente (SEMACE); 14. Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte (PMJ); 15. Universidade Regional do Cariri (URCA); e 16. Universidade Federal do Ceará (UFC). (CEARÁ, 2011).

Portanto, o que desde o início da dissertação se chamou de Centro de Apoio aos Romeiros se transformou em dois equipamentos: o primeiro já inaugurado, que é a praça dos Romeiros (um centro de comercialização) gerido pela Ceasa/CE (As Centrais de Abastecimento do Ceará S/A), e o segundo, ainda em construção, o Centro Multifuncional de Serviços, sob a responsabilidade da secretaria das cidades do Governo do Estado do Ceará.

³⁶ Disponível em:

<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=planta%2Bmultifuncional%2Bde%2Bservi%25E7os&source=web&cd=1&ved=0CCoQFjAA&url=http%3A%2F%2Finstrumentalbrasil.com%2Fdiversos%2FDiretrizes.pdf&ei=PhKjTtKPN-zF0AHFwJCNBQ&usg=AFQjCNFjabx3YMciKsVeWIMq4ZHhdEHFpA>

3.2 Trabalho humano da barraqueira moradora

Está na luta, no corre-corre, no dia-a-dia
Marmita é fria mas se precisa ir trabalhar
Essa rotina em toda firma começa às sete da manhã
Patrão reclama e manda embora quem atrasar

Trabalhador
Trabalhador brasileiro
Dentista, frentista, polícia, bombeiro
Trabalhador brasileiro
Tem gari por aí que é formado engenheiro
Trabalhador brasileiro
Trabalhador

E sem dinheiro vai dar um jeito
Vai pro serviço
É compromisso, vai ter problema se ele faltar
Salário é pouco, não dá pra nada
Desempregado também não dá
E desse jeito a vida segue sem melhorar
[...]
(Canção: Trabalhador; Composição: Seu Jorge)

Ao produzir objetos, as sociedades produzem espaço, e ao produzir novos espaços possibilitam novas ações e novas condições para a produção de novos objetos, desde a simples produção de artefatos para a caça e pesca a elaborações de complexos códigos morais. A busca aqui é dar visibilidade ao trabalho como categoria do vivido, do existir. No entendimento de Lukács, é a “atividade ineliminável que permite o intercâmbio orgânico entre o homem (sociedade) e a natureza, produtora de coisas úteis” (LUKÁCS, 1999, *apud* ORGANISTA, 2006, p. 127). Dessa maneira o trabalho permanece no seio da sociedade e é fruto e condição para que os seres humanos possam existir.

A palavra *trabalho* deriva do latim *tripalium* (instrumento de tortura). O trabalho ganha diversas significações a depender da cultura e do contexto em que está inserido. Em, *Os (des)caminhos do meio ambiente*, Gonçalves (2001) apresenta a evolução da palavra trabalho, sinônimo de sofrimento, dor e tortura, e a célebre aceitação dos economistas e da burguesia, que percebem no trabalho uma fonte de riqueza. Esta concepção positiva de trabalho é povoada também no cristianismo, onde o sofrimento (o trabalho) purga os pecados, dessa forma o trabalho dignifica o homem. Mas afinal, que trabalho é esse?

Mais do que compreender o trabalho como meio através do qual o homem adquire suas condições de subsistência, ou apenas localizá-lo como assalariado, cabe aqui assumi-lo como categoria, na qual o homem ao dominar uma realidade objetiva produz sua própria

condição de ser, afirmando-se como sujeito com uma identidade corporificada pelo próprio trabalho (DELUIZ, 1995, p. 87).

A dimensão ontológica que alguns autores conferem ao trabalho é fruto de inúmeras discussões: de um lado, inserem-se aqueles que, devido à revolução microeletrônica, não conferem mais ao trabalho uma categoria explicativa para compreender a sociedade atual, dessa defesa partem algumas obras dos autores André Gorz, Clauss Orff e Jürgen Habermas, entre outros. Com outra leitura, destacam-se Ricardo Antunes, Georg Lukács e José Henrique Carvalho Organista, que defendem o trabalho como categoria central para o entendimento da complexidade das relações sociais na contemporaneidade.

André Gorz defende que, devido ao desemprego provocado pelas inovações tecnológicas o trabalho deixou de ser atividade principal, passou da integração social a desintegração social. O autor coloca trabalho como sinônimo de emprego, para ele o trabalho é uma atividade paga. Nas suas palavras

Designa-se por “trabalho” uma atividade fundamentalmente diferente das atividades de subsistência, de reprodução, de manutenção e dos cuidados com a satisfação no seio da família; e isso não tanto porque o trabalho é uma atividade paga, mas porque ele se situa no espaço público, aparecendo enquanto uma prestação mensurável, permutável e intercambiável que possui um valor-de-uso para os outros (...) Eu chamo de trabalho, portanto, as únicas atividades inseridas no progresso social de trabalho e reconhecidas como parte integrante desse. (GORZ, 1999, p. 112 e 127 *apud* ORGANISTA, 2006, p. 40).

Gorz (1999) revela em sua tese a ideia de uma não-classe-de-não-trabalhadores, composta por trabalhadores do setor informal da economia. Diferentemente de sua postura, Antunes (2005) reforça a ideia da “classe-que-vive-do-trabalho”, incluindo trabalhadores produtivos "aquele que produz diretamente mais-valia e que participa diretamente do processo de valorização do capital" (p.60) e os trabalhadores improdutivos "aqueles cujas formas de trabalho são utilizadas como serviço, seja para uso público ou para o capitalista, e que não se constituem como elemento diretamente produtivo no processo de valorização do capital". (p. 60). Este autor inclui na “classe-que-vive-do-trabalho”, o proletariado rural, os trabalhadores terceirizados, os desempregados e aqueles que participam do setor da economia chamado informal³⁷, estes não recebem os direitos trabalhistas como: carteira assinada, férias

³⁷ "O setor informal é um termo controvertido, ele é aqui entendido como aquele setor em que a forma de produção, para o seu funcionamento, não está necessariamente baseada no assalariamento do

remuneradas, décimo terceiro salário, seguro desemprego e aposentadoria. Considerando isto, é para estes trabalhadores que a pesquisa revela o "olhar" que se segue, através dos relatos contidos nas entrevistas.

Esse entendimento serve a esta pesquisa na medida em que valoriza os trabalhadores por conta própria e não necessariamente apenas os assalariados. Os camelôs e, mais especificamente "as barraqueiras moradoras" já abordadas, vivem no trabalho e para o trabalho, dedicando a maior parte do tempo a este labor. Dados da pesquisa revelam que as barraqueiras moradoras comparadas aos outros camelôs são as pessoas que mais destinam tempo por dia às atividades: 89% trabalham manhã, tarde e noite; enquanto entre os demais vendedores: 59% declararam trabalhar os períodos manhã e tarde; e 37% trabalham manhã, tarde e noite.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística³⁸ afirmam que os cearenses (ambos os sexos) vivem em média 71 anos. Considerando essa expectativa de vida e fazendo uma relativa comparação com os anos vividos no trabalho pelas barraqueiras moradoras, constatou-se que elas passam quase a totalidade desses anos vividos no trabalho, desde seu início precoce, anterior à maioridade, "até quando Deus quer" (para usar a expressão de uma das entrevistadas), e continua "[...] já faz mais de 40 anos que eu trabalho, trabalhava desde mocinha novinha, vendia suco quando eu era moça". Estas pessoas chegam à idade avançada sem direito a aposentadoria, a carteira assinada, a férias remuneradas, a décimo terceiro salário e, conseqüentemente, seguro desemprego. Essas pessoas ocupam a maior parte de suas vidas dedicando-se ao trabalho em detrimento do lazer, do esporte e da religião, com o objetivo de sua sobrevivência cotidiana.

Se esses dados não revelam a complexidade das questões que as envolvem, e se menos ainda são precisos, podem no entanto considerar o quanto o trabalho exerce influência na formação destes sujeitos e o quão é importante a realização neste.

Considerando o exemplo dos camelôs, destaca-se o pensamento de Organista, no qual o trabalho continua como "fonte de dignidade de comportamentos e de normas moralmente aceitas" (ORGANISTA, 2006, p.39), fato observável para tal estudo, visto que eles vivem:

trabalhador. O camelô, um pequeno revendedor de mercadorias, ou até mesmo produtor das mesmas, faz parte do chamado setor informal, juntamente com os trabalhadores autônomos em geral, estando ou não submetidos ao controle legislativo. O Setor Informal, nesse enfoque, reflete os trabalhos realizados por produtores que, de posse dos meios de produção, se valem do trabalho familiar, ou de alguns ajudantes, para dar fim às suas atividades. Em outras palavras, neste setor, as formas de organização da produção não se baseiam na força do trabalho assalariado". (CACCIAMALI, 1983).

³⁸ Fonte: Projeto IBGE/Fundo de População das Nações Unidas - UNFPA/BRASIL (BRA/02/P02), 2009.

um dilema que parece ser insolúvel: se a sociedade ainda tem o trabalho como princípio da ordem e da moral, ao que tudo indica, não é qualquer trabalho que tem esses atributos, ao menos é o que deixa transparecer as ações coercitivas do poder público municipal junto àqueles que ganham seu sustento trabalhando nas ruas. Numa ação defensiva, esses trabalhadores que têm nas ruas mais que um lugar de passagem, mas uma possibilidade de sobrevivência, (...) tentando fortalecer sua representação enquanto trabalhador, mantenedor de uma moral socialmente aceita, buscando reconhecimento social. (ORGANISTA, 2006, p. 39).

Em relação ao trabalho, considerando-o como fonte de dignidade, moralidade e respeito, obteve-se de algumas barraqueiras moradoras as mais diversas respostas. Dentre elas, uma barraqueira de 66 anos que já trabalhava nas romarias há aproximadamente mais de 30 anos, que respondeu “aqui na minha barraca é de respeito, chegou aqui faltando respeito, vai embora se não for eu chamo a polícia”. Quanto ao preconceito, falou:

ENTREVISTADA B: Tem preconceito do povo! Tem muita gente que diz: ‘barraqueira não tem futuro não. Barraqueira é sem valor!’ Tem barraqueira que não tem valor não, mas tem delas que tem. A minha barraca mesmo é de respeito. Pai de família pode me entregar uma moça que se ela for de respeito, aqui mesmo ela é respeitada [*bate na mesa!*]. Mas se ela der lugar de receber piada, eu boto ela pra fora. Não trabalha mais eu, todo mundo não! Tem as pessoas certas para trabalhar comigo. (Barraqueira moradora em entrevista cedida, 2010).

E continua, outras entrevistadas:

Neste trabalho a senhora é respeitada?

ENTREVISTADA E: Sim, me sinto respeitada.

ENTREVISTADA H: Tem momentos que a gente é bem respeitada, tem outros que discriminam a gente, porque é barraqueiro. Todo trabalho que você trabalha, você é digno, é melhor do que ficar perdido. Eu trabalho com minha honestidade.

ENTREVISTADA J: Depende do trabalho.

ENTREVISTADA L: Para as pessoas que conhecem esse trabalho respeitam mas o prefeito não dá apoio nenhum.

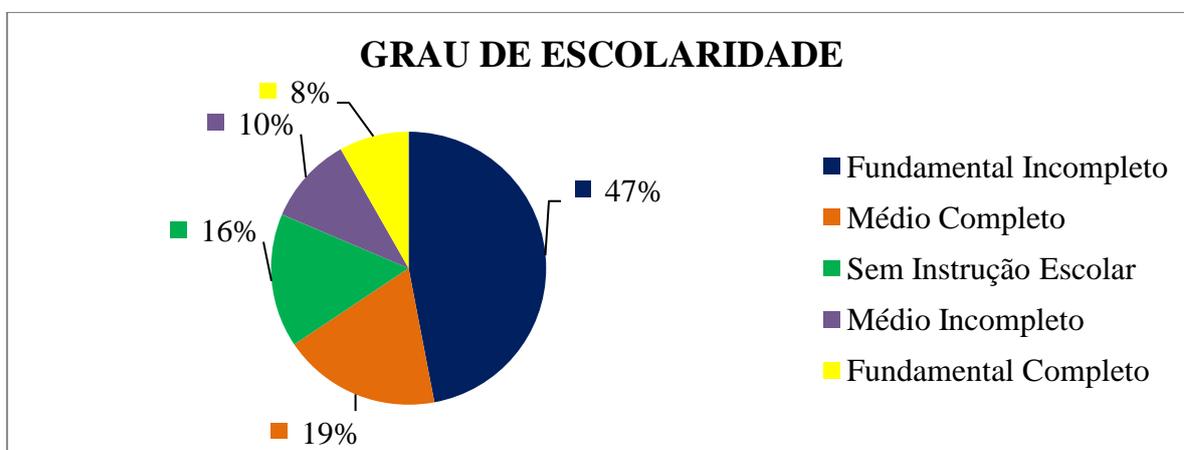
ENTREVISTADA M: Todo trabalho é digno.

ENTREVISTADA N: Tem pessoas da sociedade que discriminam a gente. Os mais ricos discriminam os mais pobres. Geralmente dizem assim: 'isso aqui é uma favela'. Quando tem bagunça (menino, menina, maconheiro) a

polícia não faz nada, porque é de menor, eles jogam pedra em cima das barracas, a polícia passa eles fogem e depois voltam.
(Barraqueiras moradoras em entrevistas cedidas, 2010).

A possibilidade de realização e respeito no trabalho, investigada através das entrevistas, é vista com uma quota de subjetividade a depender do universo de cada Maria(s), Cícera(s), Francisca(s) que foi entrevistada. No entanto, deve-se considerar que há em comum o baixo grau de instrução escolar e o fato de não possuírem os direitos trabalhistas. Em relação à instrução escolar, responderam ao questionário conforme o gráfico aponta:

Gráfico 3: Grau de escolaridade dos camelôs que trabalham nas romarias



Fonte: BRULE, David, 2010.

Especificando esses dados e fazendo uma comparação entre o nível de escolaridade das barraqueiras moradoras para os demais camelôs, percebe-se que o nível de escolaridade das barraqueiras moradoras é bem abaixo dos demais. Foi revelado que 36% das barraqueiras moradoras não possui nenhuma instrução escolar, enquanto os demais camelôs, apenas 11% disseram não ter nenhuma instrução escolar. Quando perguntado se concluíram o ensino médio, apenas 8% das barraqueiras moradoras afirmaram que sim, já entre os camelôs, 21% responderam possuir o ensino médio completo.

Estas senhoras afirmaram não terem outro trabalho, porque não tiveram estudo e desde muito cedo encontraram nessa atividade um meio de sobrevivência, seja por influência dos pais ou por iniciativa própria. Algumas acreditam ser sua força, sua vocação, sendo o seu talento cozinhar para as pessoas. Assim, o trabalho que já ocupa mais da metade da vida dessas senhoras deve ser visto com um olhar mais atencioso pelo poder público. Essas mulheres demonstram um outro cotidiano, aquele em que o capital é pouco visto e a amizade, a solidariedade e a busca pelo “sentir-se bem” ganham outra visibilidade.

3.2.1 Reterritorialização dos camelôs

Como foi visto, a des-territorialização está vinculada ao desenraizamento e à perda do acesso ao espaço, “trata-se, de fato, de uma des-territorialização como perda do acesso à terra, vista não só em seu papel de reprodução material, num sentido físico, [...] mas também como *locus* de apropriação simbólica, afetiva” (Haesbaert, 2001, p. 127).

Rogério Haesbaert buscou em seu livro, *O Mito da Desterritorialização* desmistificar a noção de desterritorialização, pois, para ele, “*todo* processo de desterritorialização está associado a um processo de reterritorialização” (HAESBAERT, 2004 [2007], p. 312-313).

No dia 12 de Março de 2011, com a presença do Governador do Estado do Ceará, Cid Gomes, e o prefeito do município de Juazeiro do Norte, Manoel Raimundo de Santana Neto, foi inaugurada³⁹ a nova Praça dos Romeiros, uma área construída com 41.386 mil metros quadrados, contando com 1.042 boxes — espaço este destinado aos comerciantes, como já referido. O local também já foi palco para a apresentação do cantor e compositor Gilberto Gil, mostrando o multiuso que este espaço pode oferecer. As imagens relevam o espaço abordado



Fotos: 37 e 38. Nova Praça dos Romeiros e espaço para os camelôs BRULE, David 2011

A respeito da gestão e adequação dos camelôs na praça dos romeiros no Centro de Apoio aos Romeiros, o Secretário de Turismo e Romaria respondeu ainda, no início do ano de 2010, que:

O Governo vai concluir até mais ou menos o meio do ano. São 1.200 boxes que vão ser disponíveis. O que já estamos discutindo para aquele espaço

³⁹ Notícia disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=cZPsWos9P1s>>

público é criar uma gestão. Porque não basta você ter o espaço, você tem que ter a gestão dele. Então nós estamos fazendo uma discussão juntamente com o governo do Estado e com a Igreja, no sentido de definir ao certo a parte operacional e a parte da gestão daquele equipamento público. O importante é que nós precisamos levar os vendedores para lá, o que nós precisamos de imediato é desobstruir, desocupar esses espaços que ficam aos redores dos lugares sagrados e dos espaços públicos de Juazeiro. (fala concedida em entrevista com o Secretário de Turismo e Romaria, José Carlos dos Santos, jan. de 2010).

O Governo municipal, apesar do acima afirmado pelo Secretário de Turismo e Romaria, não concluiu no ano de 2010, as obras do Centro de Apoio aos Romeiros e, além disto, este não conta com 1.200 boxes, conforme o afirmado anteriormente, mas 1.042 boxes, distribuídos da seguinte forma: 80% dos boxes ficaram destinados à população local; 15% para os vendedores de outras cidades; e 5% para serviços como agência bancária, farmácia e administração do espaço. Desses 1.042 boxes, 942 já estão ocupados, dados estes apresentados em entrevista pelo gerente de fiscalização da área reservada aos camelôs no Centro de Apoio aos Romeiros.

Abre-se aqui um parêntese para o seguinte questionamento: no capítulo 2 foi citado o censo realizado pelo então fiscal do meio ambiente, Marcos Bezerra, que no momento exerce a função de gerenciar a fiscalização da área em análise. Na citação, o fiscal afirmou que no período das romarias contabilizou aproximadamente 2.500 barracas, próximo aos espaços sagrados. Considerando que no Centro de Apoio aos Romeiros estarão disponíveis apenas 1.042 boxes, questiona-se: como foi feita a triagem, levando em consideração tamanha demanda?

O fiscal então esclareceu que próxima às áreas da Igreja do Socorro e do Santuário São Francisco das Chagas "ainda vai continuar existindo o comércio". O local envolve as praças Presidente José Sarney (memorial); Padre Silvino Moreira Dias (Santuário do Socorro); e Senador Carlos Jereissati (Colégio Padre Cícero). Porém, acredita-se que, mesmo com essa informação, a quantidade de boxes disponíveis não atenderá a demanda do comércio informal durante as romarias, fato que acarretará a ocupação de algumas calçadas.

Contudo, a Ceasa/CE (Central de Abastecimento do Ceará S/A), gestora deste novo espaço, estabeleceu os seguintes critérios para organizar e cadastrar aqueles que terão o direito a ocupar o espaço do Centro, a saber:

Além da regularidade das obrigações junto ao fisco: Federal Estadual e Municipal, nos exercícios de 2009 e 2010, os pretendentes deverão

apresentar comprovante de CPF e Cédula de Identidade, assim como se enquadrarem na forma abaixo elencada:

1. Desenvolver atividade de comercialização voltada para o ciclo de romarias de Juazeiro do Norte;
2. Os pretendentes do município de Juazeiro do Norte serão os ambulantes que tradicionalmente comercializam nos períodos de romaria e os que comercializavam nas pistas e calçadas das ruas Padre Cícero, São Pedro, Dr. Floro, da Matriz, do Brejo, do Cruzeiro e da Travessa Isabel da Luz;
3. Os pretendentes de outros municípios são aqueles que costumeiramente participam das romarias e devem apresentar a mesma documentação;
4. Todos os pretendentes devem informar as estimativas do volume e o tipo de produtos ofertados. (MOREIRA, 2011).

Logo, os comerciantes para terem direito aos boxes pagaram uma importância de R\$ R\$250,00 (duzentos e cinquenta reais) via boleto bancário, adquirindo o direito a cinco meses de carência para, após esse período, iniciarem as contribuições mensais, no valor de R\$80,00 (oitenta reais).

Uma comerciante relatou sua experiência para conseguir o direito ao boxe dizendo: "foi assim, só as pessoas que pagavam. Só entraram aqui as pessoas que eram cadastradas, eu sou cadastrada e pagava as parcelas que eles exigiam, então tive que apresentar todos os documentos para conseguir".

Quando questionado a respeito das barraqueiras moradoras que já trabalhavam nas romarias há mais de 20, 30 e algumas delas até 40 anos sobre a possibilidade de algum tipo de privilégio em relação a ter acesso aos boxes, o fiscal respondeu: "No processo seletivo quem não pode identificar mediante documentação via prefeitura a equipe de fiscalização foi muito sensível (inclusive eu que faço parte) de assinar e endossar o recebimento desses permissionários que há mais de 30, 40 anos ocupavam essa área".

Não houve escolha em relação à localização dos boxes, seja ele o número 1 ou 2 (mais próximos da Igreja Matriz e, portanto da praça do Marco Zero) ou, 250, 253 ou 300. A entrega foi realizada mediante sorteio.

Segundo Marcos Bezerra:

FISCAL: A entrega dos boxes foi mediante sorteio, a primeira entrega foi de 506 boxes. O espaço aqui é dividido em dois pavilhões, denominados 'rua São Pedro pavilhão Monsenhor Murilo', 'rua Padre Cícero - pavilhão Padre Cícero', totalizando 521 boxes de um lado e 521 boxes do outro. [...] Após a entrega desses 506 boxes a gente passou a ajustar, 'ah eu gostaria de ficar perto da minha mãe, do meu irmão' a gente passou a ajustar e fazer as trocas de acordo com a procura.

(Fala concedida em entrevista com o gerente da fiscalização dos camelôs no Centro de Apoio aos Romeiros, Marcos Bezerra, jun. de 2011).

Após a transferência do comércio informal para o Centro de Apoio aos Romeiros pode-se dizer que houve uma ruptura total na constituição dos espaços públicos abordados anteriormente. Sobre essa desterritorialização e reterritorialização, os relatos dos camelôs divergem quanto à avaliação da mudança espacial, pois alguns a consideraram positiva e, outros negativa. Em sua dissertação de mestrado, Laís Catarine de Oliveira (2008) revelou a opinião dos comerciantes com relação à transferência das barracas para o Centro de Apoio aos Romeiros e constatou o seguinte:

78% responderam que não seria bom para eles saírem das ruas próximas à Igreja Matriz e do comércio da cidade durante as romarias, contra os 22% que acharam que o Centro do Romeiro seria o local mais indicado para instalação das barracas durante as romarias. (OLIVEIRA, 2008, p. 85).

Dos vendedores interrogados nesta pesquisa, 57% assumiram ser contra a transferência das barracas, sendo 43% favorável a esta transferência.

As observações mais frequentes feitas pelos camelôs em relação ao deslocamento, foi o fato de que todos devem ir para o Centro de Apoio aos Romeiros, não podendo uns ficar em uma localização melhor e outros um pouco mais distante. A advertência feita por uma entrevistada foi a seguinte: “indo todo mundo para o Centro de Apoio aos Romeiros, não deixando ninguém para lá, aí dá negócio, mas se deixar uma parte lá e outra ali (...) fica favorecido, sim”. Outra disse: "melhora se tirar os que tiver ali, para os romeiros descerem todos para cá, ficar todo mundo aqui. Se der, é para ficar todo mundo aqui". Outros ficaram apreensivos sem saber ao certo se os romeiros irão frequentar este novo espaço, pois alguns deles temem que os romeiros fiquem com medo e não mudem seu roteiro. Na reportagem de Aline Menezes, feita pela TV Diário, Dona Sebastiana falou: "por que o romeiro já tem os caminhos certo deles, do horto para a matriz, para o socorro. Eles não vão sair de lá para vim até aqui atrás de comprar nada se o comércio está todo aberto"⁴⁰.

Tal observação é feita em virtude de que a área onde foi construído o Centro de Apoio aos Romeiros anteriormente era pouco movimentada e sem segurança, mas a incorporação de novas infra-estruturas e equipamentos públicos possibilitam maior interesse de deslocamento,

⁴⁰ Notícia disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=cZPsWos9P1s>>.

aliada a maior acessibilidade, constituindo-se um elemento que incorpora novas áreas aos espaços de visitação.

Quanto à operacionalidade do Centro de Apoio aos Romeiros integrar-se à praça da Igreja Matriz e à futura praça do Marco Zero⁴¹, apresenta o Fiscal do Centro, discorrendo a respeito das políticas públicas previstas para aquele local:

FISCAL: Bem, essa praça que você bem frisou, simboliza o marco zero de Juazeiro, ela ainda está em fase de construção, está tendo só um impasse, segundo nosso prefeito Dr. Santana, na caixa econômica, mas ele foi sensível no sentido de que, no início da romaria caso ela ainda não tenha sido concluída, ele abre todo o tapume que está em volta dela, isso melhorando a visibilidade e deixando para que o romeiro tenha todo o acesso direto da Basílica para o comércio aqui. E na questão do fluxo de pessoa a engenharia de tráfego do DEMUTRAN já está projetando a questão do deslocamento das vans e dos ônibus passarem por aqui, até para questão de gerar um fluxo de pessoas. (Fala concedida em entrevista com o gerente da fiscalização dos camelôs no Centro de Apoio aos Romeiros Marcos Bezerra, jun. de 2011).

Destaca-se a importância da centralidade, principalmente para aqueles que vendem produtos e necessitam de uma circulação mínima de compradores para poder sobreviver. A incorporação dessa nova área como rota obrigatória para os transportes coletivos permitirá maior mobilidade e acessibilidade no território em questão, o que poderá ser um novo fator para consolidar a concentração de pessoas nesta área, ampliando ainda mais o seu fluxo.

Ao reordenar o espaço dos feirantes, oficializando o comércio e a conseqüente arrecadação de tributos, torna-se necessária uma organização social que atraia os feirantes ao Centro de Apoio e não reincida a desarticulação que ocorreu a exemplo da revitalização do Horto. Como afirma Araujo (2005, p.198) “o tratamento proposto para os romeiros no âmbito do Projeto Horto denota exclusão, ao discriminar práticas sociais e ao tentar ordenar, disciplinar e moldar novas práticas no espaço em busca de um ‘homem ideal’”.

⁴¹ Segundo a reportagem de Vicelmo (2011) "A construção do Marco Zero de Juazeiro do Norte, segundo Santana, concretiza o resgate da história do Município, ao indicar o local onde a cidade nasceu. 'Era ali que os feirantes iniciaram as suas primeiras transações comerciais que deram origem ao pujante comércio de Juazeiro', diz o prefeito". IN: VICELMO, Antônio. *Juazeiro do Norte: Marco Zero do Centenário tem garantido R\$ 1,9 milhão*. Disponível em: <<http://www.portaldelicitacao.com.br/noticias/118-juazeiro-no-norte-marco-zero-do-centenario-tem-garantido-r-19-milhao.html>> Acesso em: 31, jun de 2011. Fonte: Diário do Nordeste.

Uma entrevistada, que já iniciou seus trabalhos no Centro de Apoio aos Romeiros, ameaçou voltar para onde antes trabalhava caso algum comerciante tenha o direito de ficar mais próximo a Igreja Matriz, a esse respeito disse:

ENTREVISTADA Y: Se eles forem colocar barraca lá onde nós colocávamos, largamos tudo e vamos para lá, nós invadimos também, porque nós não vamos ficar numa distância dessa e outras pessoas ficar lá. Se ficar gente por lá, já está todo mundo combinado, amanhece todos lá, isso aí não é segredo nenhum, por que nós fazemos isso mesmo, se é para ficar aqui é para vim todo mundo. (Barraqueira moradora em entrevista cedida, 2011).

Com a transferência dos comerciantes, as políticas públicas interromperam a solidariedade já estabelecida há muitos anos entre as barraqueiras. Neste sentido, falou uma entrevistada “das minhas vizinhas só ficou uma que é aqui do outro lado. [...] ficou, muitas pessoas que eu conhecia de fora. Eles avisavam ‘vocês têm que pagar essas taxas se não pagarem não vão ter direito ao boxe’, ai muita gente que já trabalhava há muitos anos não pagou”.

Rompeu-se também o laço afetivo desenvolvido ao longo dos anos com os romeiros, instalando-se a dificuldade de acesso à “freguesia” já estabelecida, pois a cada nova localização das barracas, os romeiros desconhecem o “novo espaço” onde suas antigas amigas barraqueiras se instalavam. A transferência desses comerciantes das ruas, calçadas e praças para o Centro de Apoio aos Romeiros colocou este novo espaço numa perspectiva reterritorializadora e, em contrapartida, os que possuíam apenas pequenos expositores adquiriram um espaço mais estruturado.

As fotos (35, 36 e 37) e as falas das entrevistadas a seguir revelam que os boxes propostos pelo Centro de Apoio aos Romeiros possuem o espaço interno para o trabalho bem menor do que era anteriormente.



Foto: 39. Comércio Informal
BRULE, David (2008)



Foto: 40. Espaço para boxes no C.A.R
BRULE, David (2009)



Foto: 41. Boxes em uso no Centro de Apoio aos Romeiros (BRULE, David 2011)

As barraqueiras falaram sobre a diferença do tamanho das barracas em relação aos boxes, dizendo:

ENTREVISTADA A: Aqui a minha barraca tem 16 metros, porque é a minha e de meus filhos, quer dizer que entre eu e meus filhos, nós pagamos mil e duzentos pelos 16 metros, ali se botar um congelador desse aqui não cabe. O fogão de seis bocas, que tem dois, também não cabe. No dia de romaria são seis mulheres na beira do fogo lutando, nós não damos vencimento não, falta comida, só na beira do fogo são seis mulheres. Com dois congeladores desses, dois fogões, eu vou colocar onde? Não tem espaço, ali não tem espaço!

ENTREVISTADA B: Não sei se cabe ao menos o congelador, eu acho o boxe pequeno para a gente botar uma mesa, um congelador, um fogão. Quer dizer essas mesas sei que vão ficar na banda de fora, congelador e os

vasilhames de bebida, se for lá não tem onde dormir, porque não tem onde armar uma rede. (Barraqueiras moradoras em entrevistas cedidas, 2010).

Várias são as pessoas que estão aproveitando o período que antecede as romarias para fazer reforma e adequar-se no novo boxe. Uma comerciante disse: "Minha barraca antes era de sete metros por três e meio, aqui não dá quatro metros".

A esse respeito, o fiscal respondeu:

FISCAL: A questão da reforma é quanto à adequação do comércio. A Ceasa presenteou, contemplou os mesmos com boxes no estilo padrão, mas eles pediram para adaptar: o esposo ficar vizinho a esposa, vizinho a um parente, para juntar os dois boxes. Quanto a isso, o corpo de gerência da Ceasa foi sensível neste sentido de autorizar que eles fizessem as adaptações viáveis. (Fala concedida em entrevista com o gerente da fiscalização dos camelôs no Centro de Apoio aos Romeiros Marcos Bezerra, jun. de 2011).

No que tange às pessoas que responderam aos questionários propostos para verificar o período de trabalho desses comerciantes informais, 44% afirmaram trabalhar nas romarias há mais de 20 anos e 28% são pessoas que trabalham há mais de 10 anos. Com relação às barraqueiras moradoras, 75% afirmaram trabalhar nas romarias há mais de 20 anos e com 21% aparecem as pessoas que trabalham há mais de 10 anos. Em relação ao tempo de permanência no local de trabalho, os questionários revelam que 63% do total de camelôs pesquisados passam mais que 4 meses — as barraqueiras moradoras, especificamente, revelaram passar mais que 4 meses (89%), e 11% disseram residir os 4 meses do ano.

In loco, uma das barraqueiras moradoras prestou um importante esclarecimento, possibilitando conhecer um pouco mais do que pensam desse novo espaço, mostrando as dificuldades e os desafios dizendo:

ENTREVISTADA Y: Piorou muito, era melhor dormindo, com todo sacrifício. Porque a gente que vende comida, tem que fazer a comida de noite. Colocar uma carne para cozinhar, um osso para um caldo em uma parte da noite. De dia a gente não tem tempo para fazer isso, de primeiro cuidava nisso ou dormia um sono, podia acordar às doze horas e uma hora aí começava na comida da manhã. E agora, como é? A gente vai chegar de manhã, fazer comida para vender de manhã, fazer janta e ter comida pronta no outro dia para uma merenda uma macaxeira, um cusuz, um caldo, uma sopa? De manhã a gente tem que ir no mercado fazer compra, chegar, fazer comida para na hora do almoço está tudo pronto, aí tem que aquecer a janta. Não são todos os que jantam, mas um quer uma macaxeira, outro quer um inhame, um quer uma coisa outro quer outra, aí não dá tempo fazer comida

para o outro dia, encaminhar, aí ficou muito apertado para gente. (Barraqueira moradora em entrevista cedida, 2011).

Desta forma, minimizando o tamanho dos boxes, as barraqueiras moradoras não poderão mais dormir no local de trabalho, diminuindo o tempo de permanência no ambiente de trabalho, aumentando o gasto com transporte, entre outras dificuldades.

Desvincular o local de moradia do local de trabalho redefiniu o senso de pertencimento, gerando a perda simbólica com o antigo espaço da barraca como morada, acontecendo a descaracterização da vida cotidiana, da moradia e, portanto, da identidade. Agora o boxe é apenas o local de trabalho.

Neste sentido fica claro quando Haesbaert explica que "podemos ter situações em que, apesar de 'territorializados' no sentido funcional, mais concreto, podemos estar mais desterritorializados no sentido simbólico-cultural, e vice-versa;". (2004 [2007] p. 312-313).

O entendimento acima citado é revelado através do seguinte depoimento:

ENTREVISTADA Y: Aqui todo dia eu tenho que ir e vir para casa e eu moro distante, moro mais de uma légua, todo dia tem que ir e vir. Se for para eu ir de ônibus, que é o mais barato no final do mês, dá 120 reais de passagem, sai caro! E se for de moto? Tendo ou não tendo romaria, vou ficar abrindo, porque vendendo ou não vendendo eles querem receber o aluguel, que tenha romeiro ou que não tenha, a gente tem que tentar de qualquer jeito, aí vai ter que vir todo dia. Nesse caso aqui (dois boxes) eu vou pagar 160 reais por mês. (Barraqueira moradora em entrevista, cedida 2011).

Essa motivação ao trabalho, imposta pelas circunstâncias, durante o ano todo, e não apenas no período das romarias, traz a esperança e também a incerteza de que, com as vendas, eles (os comerciantes) consigam pagar aluguel, comprar material de trabalho, pagar os gastos com transporte e, desse modo, subsidiar a vida cotidiana. Tudo isto levando em conta que, no período em que não ocorrem as romarias, o movimento diminui consideravelmente.

Observa-se, contudo, pontos positivos com a mudança das barracas para os boxes do Centro de Apoio aos Romeiros, pois as pessoas temiam a violência, o furto, em razão da insegurança no antigo local, estando essa preocupação eliminada em parte, asseverando o fiscal do Centro que o Governo do Estado garante a presença da Coordenadoria Integrada de Operações de Segurança (CIOPS) no local, durante as 24 horas do dia.

Os relatos das barraqueiras moradoras versam sobre esse tema da insegurança, ainda quando dormiam no antigo local de trabalho, exemplificando algumas experiências desagradáveis com relação a esta questão:

ENTREVISTADA B

Eu durmo aqui porque se deixar à toa o povo rouba, é ladrão. O que tem de ladrão não é brincadeira, segurança aqui é pouca. Agora, melhora quando eles botam aqueles guardas aí, eles espalham a vagabundagem daqui. Quando o padre não bota segurança ninguém dorme, quando os guardas estão aqui botam para correr, aí a gente dorme, mas não sendo a gente tem que passar a noite de sentinela, cochilando pelo dia quando não tem movimento.

ENTREVISTADA A: Aqui praticamente dormimos com a porta aberta, porque é um arame na porta, que se alguém quiser, puxa. Se tiver algum perigo, o caba avisa logo, 'fulano eu vi mexendo em tua barraca, cuidado viu, abre mais do teu olho'. Um dorme e o outro fica acordado, quem está acordado avisa a quem está dormindo 'fulano tu dormiu muito esta noite, tu viu isso que passou no trecho?' 'Não'. Acontece uma coisa, no outro dia todo mundo sabe, se der uma briga meia noite, assim fora de hora, o caba sabe, no outro dia 'ô fulano, aconteceu isso e isso na barraca de fulano'.

(Barraqueiras moradoras em entrevistas cedidas, 2010)

Apesar das iniciais insatisfações dos comerciantes instalados no Centro de Apoio aos Romeiros, este reordenamento territorial poderá solucionar os problemas de infraestrutura urbana, segurança, trânsito e higiene da cidade. Na pesquisa realizada por Pereira (2005) a respeito da "análise da problemática do lixo nas romarias de Juazeiro do Norte, CE", constatou-se que "[...] a Cidade se transforma no enorme mercado com característica de uma feira livre. Diante do aumento de barracas, a cidade aumenta sua capacidade de produção de lixo dificultando a coleta regular" (p. 69).



Foto 42⁴². Lixo provocado pelo comércio informal nas romarias.

Na visão do fiscal este Centro de Apoio aos Romeiros beneficiou especialmente os comerciantes. Assim contou:

Elas dormiam por conta de resguardar o patrimônio, os congeladores, as estruturas deles, já agora onde eles estão no espaço físico, a Ceasa tem uma empresa que toma conta, aqui vai ser todo cercado, vai ser controlado o acesso, só vai entrar os permissionários, então agora os permissionários podem ir para casa tranquilos, sabendo que no outro dia vão abrir as lojas deles e vão estar do mesmo jeito que deixaram. [...] Sem dúvida alguma este é um aparelho moderno, um aparelho bonito que o Governo do Estado presenteou a cidade de Juazeiro do Norte e que hoje vai dar uma qualidade de vida melhor aos camelôs, de uma forma digna, **eles saem das ruas, da condição de camelô para comerciante lojista**, vai ter pessoas que trabalham direto com atacado, vai ter distribuidores, os restaurantes que antes eram denominados barraca de comida hoje passa a ser restaurante e é um aparelho moderno que só tem a engrandecer o desenvolvimento da cidade de Juazeiro do Norte. (Fala concedida em entrevista com o gerente da fiscalização dos camelôs no Centro de Apoio aos Romeiros Marcos Bezerra, jun. de 2011, grifo nosso).

Esse trecho acima destacado trata explicitamente da mudança identitária, ao trocar o nome camelô pelo vocábulo "lojista". Além do perfil dos clientes que, ao tornarem-se mais variados, provocam também uma adaptação dos comerciantes, que passam a buscar uma melhor capacitação.

⁴² FONTE: PEREIRA, Cieusa Maria Calou. *Análise da Problemática do Lixo nas Romarias em Juazeiro do Norte - CE*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2005.

O diálogo comparativo entre as falas dos comerciantes e dos gestores ilustram um pouco do conflito gerado a partir da desterritorialização dos camelôs, ao serem retirados das ruas, calçadas e praças, sendo transferidos para o Centro de Apoio aos Romeiros. Alguns demonstraram insatisfação por não se identificarem com o novo espaço, revelando dificuldades, como colocou a entrevistada, a seguir

Aqui eles não liberam para a gente vender todas as bebidas que o romeiro quer, eles estão escolhendo as bebidas e não é toda bebida que os romeiros vão querer. Dessa forma complica, porque a gente tem que vender aqui o que o romeiro gosta. A gente que trabalha é quem sabe, eu já trabalho nas romarias tem mais de vinte e cinco anos. (Barraqueira moradora em entrevista cedida, 2011).

Pelo discurso reproduzido neste trecho é possível ver que a gestão do novo espaço limita e estabelece normas para o seu uso. É possível pressupor que os comerciantes da praça dos romeiros possuem desvantagem em relação aos demais concorrentes que têm o direito de vender os produtos que eles não estão liberados para vender.

No entanto, pensar e repensar a organização desse espaço e, sobretudo, no modo de vida operante dos camelôs, é fator primordial a ser considerado pelos órgãos públicos que gerenciam e administram tal espaço.

Esse reordenamento territorial tem sido algo que a cidade de Juazeiro do Norte precisava já há algum tempo, mas só nessa administração tem acontecido de fato tais mudanças, mesmo sendo uma ação que não gere mais popularidade e sim a possível perda de "votos". As políticas públicas têm tido a coragem de organizar a cidade, com os exemplos já citados, a saber: a remoção dos camelôs da rua São Paulo, em frente ao Mercado Central; a reforma e construção da praça onde se realizava a *Feira do Troca*, agora denominada Praça da Bíblia do Bairro Romeirão, em frente ao estádio Mauro Sampaio (chamado por Romeirão); a construção de boxes fixos no terminal de ônibus; a construção, também, de quiosques fixos na praça Padre Cícero; as reformas no Mercado Central e no Mercado Senhora Santana; construção do Centro Multifuncional de Serviços, e portanto, o reordenamento para o Centro de Apoio aos Romeiros.

No entanto, considera que para orientar tal intervenção urbana deve-se priorizar, no dizer de Souza:

planejar e gerir uma cidade não significam, apenas, planejar e gerir coisas, mas sim, acima de tudo, planejar e gerir relações sociais. Seja para amenizar o embrutecimento representado e condicionado pelas cidades atuais, seja para conquistar cidades substancialmente diferentes e mais justas, é preciso refletir e agir levando em conta o que mais importa: a dinâmica das relações sociais, em especial a dinâmica das relações de poder, e os vínculos disso com o espaço, na sua dupla qualidade de produto e condicionante das relações sociais. (SOUZA, 2006. s/p).

A presença desse novo objeto irá redefinir as relações existentes no espaço que o acolhe. Como afirma Santos (2006, [1996] p.86), “objetos não agem, mas, sobretudo no período histórico atual, podem nascer predestinados a certos tipos de ações, a cuja plena eficácia se torna indispensáveis. São as ações que, em última análise, definem os objetos, dando-lhes um sentido”. Sendo, contudo, as práticas ali estabelecidas que irão manifestar a dimensionalidade e a importância de tal projeto ao atingir milhares de indivíduos, de famílias diversas, habitando o mesmo território, na busca de um espaço que possibilite o exercício da liberdade, da inclusão e não de exclusão, mas ofereça um uso indiscriminado, eliminando o medo que cerca atualmente alguns espaços públicos.

O Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Juazeiro do Norte vê o crescimento econômico como prioridade, enquanto que as ações sociais, no sentido de inserir os mais carentes de recursos (materiais e imateriais) recebem uma atenção secundária, o que, de certa forma, afeta na relação humana com o aparelho chamado Centro de Apoio aos Romeiros.

A participação e a avaliação constante da sociedade nas decisões públicas, promovem uma democracia mais participativa, reforçando o poder do povo e respeitando a diversidade. Quando o poder público der mais oportunidade, de voz e voto, à população, principalmente aqueles que são mais afetados com as normas estabelecidas, o planejamento e a gestão do desenvolvimento poderão receber outros significados e prioridades.

A propósito, estas políticas devem prioritariamente considerar a cultura local, ao planejar e gerir suas ações de reordenamento urbano e compreender, da melhor maneira possível, que a cidade de Juazeiro do Norte, hoje, não traz consigo apenas a marca da fé, de um espaço fundamentado na imaterialidade, representado pela busca do sagrado.

Não se adentrará em mais temas referentes à mudança do cotidiano destes comerciantes, pois o Centro encontra-se neste momento com poucos meses de uso efetivo, continuando o olhar do pesquisador atento e interessado na qualidade dos serviços públicos oferecidos, e que estes serviços não releguem o espaço ao *status* de simples mercadoria

(tratando-o como forma de apenas buscar mais valor agregado), mas uma possibilidade de produzir através do trabalho, a dignidade humana e a justiça social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falou-se em fim da centralidade, em fim da sociedade do trabalho e em fim dos territórios, mas o que foi observado é como esses processos são ainda centrais no entendimento da espacialidade da sociedade e o quanto (centralidade, trabalho e território) são valiosos instrumentos para se conhecer a cidade.

As políticas públicas de planejamento urbano da cidade de Juazeiro do Norte, localizada ao sul do Estado do Ceará, a 514 km da capital Fortaleza, buscou reordenar o território com o objetivo de consolidar a cidade como importante centro de turismo religioso da América Latina. Foi característica destas políticas a morosidade e a indefinição na efetivação do projeto do Núcleo de Comercialização e Apoio aos Romeiros. Isso tem acarretado, em partes, ônus a sociedade, que nem sempre é beneficiada pelo poder público. Assim, em alguns momentos "oportunos" a iniciativa privada, torna-se uma grande parceira na construção de tais projetos, o que de certa forma favorece ainda mais o processo de exclusão.

A intervenção urbana proposta no PDDU, tenta impor uma nova dinâmica sem às vezes considerar a realidade local, visto que o Centro de Apoio aos Romeiros possui apenas 1042 boxes e a quantidade do comércio informal é maior do que 2.500 barracas. Boxes estes, diga-se de passagem, muito pequenos, sendo necessário, quando o comerciante tem condições, a utilização de dois boxes para colocar seus produtos, quando não, utilizam o espaço externo. Dessa forma, o poder público permite a comercialização em áreas mais centrais, favorecendo uns em detrimento de outros, validando a vontade dos camelôs de não quererem colocar seu comércio no Centro de Apoio aos Romeiros. Portanto, observa-se ainda um considerável número de comerciante em praças e calçadas nos espaços próximos ao roteiros da fé e a não utilização de todos os boxes disponíveis.

No Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Juazeiro do Norte, foi verificado a ausência de geógrafos, educadores, antropólogos, sociólogos, urbanistas, politólogos e, principalmente a participação popular. Encontrando-se um verdadeiro monopólio de arquitetos, economistas, engenheiros e advogados. Isso não significa afirmar que os primeiros citados tenham as soluções para as questões urbanas, mas apenas uma chamada para pensar que: planejar e gerir ações sócio-espaciais é também planejar e gerir correlações de forças e, sobretudo de poder. Pensar a cidade de Juazeiro do Norte é também pensar o conflito capital-trabalho, a subjetividade e a fé, a razão e a emoção. Portanto, para tal tarefa, valoriza-se o olhar compartilhado que enobrece e amplia um lado que por vezes não se consegue enxergar.

Acredita-se no planejamento e na gestão de políticas urbanas no sentido de favorecer o desenvolvimento social, cultural e educacional que não priorize apenas o econômico em detrimento do social, e o turista em relação ao romeiro.

Essa pesquisa contribuiu também na medida em que dá visibilidade a um cotidiano pouco visto, aquele em que o trabalhador sem carteira assinada, restrito de direitos busca uma vida digna através do esforço contínuo e prolongado do dia a dia na fé e na esperança de dias melhores.

Ao traçar os diversos usos do espaço público pelo comércio informal deixando transparecer aspectos do vivido, através das entrevistas foi revelado pelas barraqueiras moradoras: as marcas da solidariedade, das amizades, da alegria de viver o movimento das romarias, de sentir o calor humano dos romeiros, das relações de vizinhança e sobretudo o fato de fazer da barraca um local de moradia que ao longo de muitos anos de trabalho e dedicação conseguiram sustentar suas famílias.

A transferência dos camelôs para o Centro de Apoio aos Romeiros, provocou modificações profundas no cotidiano destes, especialmente para as barraqueiras moradoras, pois estas utilizavam a barraca também como espaço de moradia.

Essa transição foi marcante na vida dessas pessoas. Ao serem transferidas para o Centro de Apoio aos Romeiros, estas barraqueiras moradoras revelaram a estranheza quanto ao novo local. O impacto dessa política desterritorializadora, ao mesmo tempo em que reterritorializa, faz com que as antigas perdas como a vizinhança e os fregueses sejam minimizados pelo motivo de agora possuírem um espaço fixo para trabalharem não sendo removidos de local a cada administração, como acontecia antes.

Entretanto, observou a necessidade de tal projeto, mesmo considerando que apenas este Centro não abriga todos os camelôs. Neste sentido, observa-se o quanto é importante a participação e reflexão por parte de "todos" os envolvidos na elaboração de projetos públicos. Mesmo assim, considera à possibilidade do Centro de Apoio aos Romeiros ter um bom uso social, amparar os camelôs, contribuir para organizar e desobstruir o trânsito, fornecer apoio aos romeiros e turistas, possibilitar o uso para a população local e oferecer elementos para a construção de um espaço que eduque. Assim, valorizar a cultura e a memória local, proporcionando a construção da identidade e a transformação da sociedade, apoiado nos valores que padre Cícero incutiu nos seus devotos: trabalho e fé.

Portanto, a cidade ganha em reordenar o território antes apropriado e/ou dominado pelo comércio informal, sendo possível os habitantes locais utilizarem seus veículos, favorecendo uma melhor mobilidade urbana no centro primaz da cidade, bem como viabilizar

uma boa acessibilidade aos espaços sagrados, melhorando o fluxo, a visibilidade e a limpeza da cidade.

A escolha dos teóricos, teses, livros juntamente com a observação da cidade, apontaram para um caminho de compreensão do uso do espaço público e também da cidade que a transcende, a da centralidade da fé, e revelou novas centralidades.

Identificou-se desta forma, dois centros na cidade de Juazeiro do Norte. O primeiro foi o centro tradicional, onde estão localizados os serviços bancários, clínicas médicas, comércio, entre outros, mas que em determinados momentos do ano torna-se evidente outra centralidade, esboçada através do sagrado, da fé, ou seja, das atividades religiosas, pois a maioria dos locais sagrados está no contorno deste centro comercial.

A hibridez no uso deste centro revelou também a mistura das classes sociais que se utilizam das atividades localizadas neste espaço. Este fator permitiu entender sua centralidade no tocante a concentração de grande parte das atividades comerciais e religiosas no centro primaz, e perceber também que o crescimento de outros centros está se disseminando por outras áreas.

Contudo, cabe destacar algumas ausências desta pesquisa: a análise do centro tradicional da cidade em momento que não ocorre as romarias; e o território do roteiro da fé na íntegra. Observações estas que poderão ser foco de novas pesquisas.

O segundo centro, localizado no Triângulo Crajubar, concentra equipamentos como: o *Shopping* Cariri, o Hiper Bompreço, diversas faculdades, o Hospital Regional do Cariri (HRC), entre outros.

De tal modo, Juazeiro do Norte atualmente delineia um centro não apenas para a "Região Metropolitana do Cariri", mas atinge também outras cidades próximas a ela, pois está, localizada em uma posição estratégica entre as cidades de Crato e Barbalha, revelando-se como uma cidade que passa a ser conhecida também por possuir diversos serviços especializados e grandes ofertas para o investimento na mesma, indo além da ideia de ser apenas a cidade do padre Cícero.

Portanto, a compreensão e o valor que os homens dão ao espaço servirão de guia na construção de objetos sociais, porque a maneira como o homem percebe seu mundo e a forma que lhe atribui algum valor, irá constantemente influenciar na sua ação e no seu movimento diário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Thiago. *Juazeiro do Norte ganha Praça dos Romeiros*. Disponível em: <http://www.vejajuazeiro.com.br/cidade/787-juazeiro-do-norte-ganha-praca-dos-romeiros.html#>> Acesso em: 05 mai. de 2011.

AMORA, Zenilde Baima e NASCIMENTO, William Ianone do. *Mobilidade e centralidade: um novo enfoque das dinâmicas urbanas na cidade média de Juazeiro do Norte- CE*. Anais do III fórum brasileiro do semi-árido, Sobral, 2011. Disponível em: CD-ROM, Acesso em: 3 de jun. de 2011.

AMORIM, Mônica, A. *Regiões Metropolitanas*. In: AMORIM, Mônica, A. Seminário "Desafios e oportunidades para a Região Metropolitana do Cariri - RMC". Notas do Seminário. Juazeiro do Norte: Secretária das Cidades, 06 de maio de 2010.

ANTUNES, Ricardo. *O caracol e a sua concha: ensaios sobre uma nova morfologia do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2005.

ARAÚJO, Maria de Lourdes de. *A cidade do Padre Cícero: trabalho e Fé*. 2005. 250p. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

BARBOSA, Francisco Salatiel de Alencar. *O Joazeiro celeste: Tempo e paisagem na devoção ao Padre Cícero*. São Paulo: Attar, 2007.

BIENENSTEIN, Glauco. *Shopping Center: O Fenômeno e sua Essência Capitalista*. In: GEOgraphia: Rio de Janeiro, ano. 3. nº 6 jul/dez, 2001.

BRANCO, Maria Luisa Castello. *Cidades médias no Brasil*. In: SPOSITO, E. S. SPOSITO, M. E. B. SOBARZO, O. (Orgs). *Cidades médias: produção do espaço urbano e regional*. 1. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006. (Série Geografia em Movimento).

CACCIAMALI, Maria Cristina. *Setor Informal Urbano e Formas de Participação na Produção*. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo. SP: Ed. IPE, Série Ensaio Econômico, n.26, 1983. Disponível em: www.econ.fea.usp.br/cacciamali/SETOR_INFORMAL_URBANO.pdf Acesso em: 25 de jun. de 2010.

CAMARGO, Luís Henrique Ramos de. *A ruptura do meio ambiente: conhecendo as mudanças ambientais do planeta através de uma nova percepção da ciência: a geografia da complexidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CAPEL, Horacio. *Filosofia y ciência em La geografia contemporânea*. 3ª Ed. Barcelona: Editora Barcanova, 1988. [1981]

CARIRI Shopping. *O shopping: saiba um pouco mais sobre o Cariri Shopping*. Disponível em: <<http://www.shoppingcariri.com.br/oshopping.html>> Acesso em: 15. jun. de 2011.

CARRIERI, Alexandre de Pádua, et al. *De camelô a empreendedor? O impacto da mudança espacial na identidade dos ambulantes*. *Revista Eletrônica de Gestão Organizacional*, vol. 7, No 2, 273-291 Mai/Ago 2009. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/gestaoorg/index.php/gestao/article/viewFile/93/>> Acesso em 27. Abr. de 2010.

CARTAXO, Joaquim. *Desafios da metrópole*. In: CARTAXO, Joaquim. Seminário "Desafios e oportunidades para a Região Metropolitana do Cariri - RMC". Notas do Seminário. Juazeiro do Norte: Secretária das Cidades, 06 de maio de 2010.

CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2006 [1972].

CASTRO, Iná Elias de. *O Mito da Necessidade: discurso e prática do regionalismo nordestino*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1992.

CAVA, Ralph Della. *Milagre em Joazeiro*. Tradução Maria Yedda Linhares Milagre em Joazeiro. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976.

CEARÁ, Diário oficial do Estado, editoração Casa Civil. *Lei complementar nº 78, 26 de junho de 2009*. Fortaleza, 03 de julho de 2009, série 3 ano II nº 127, caderno 1/2. Disponível em: <<http://imagens.seplag.ce.gov.br/pdf/20090703/do20090703p01.pdf>> Acesso em: 10 ago de 2009.

CEARÁ, Governo do Estado, Secretaria das cidades. Disponível em: <<http://www.cidades.ce.gov.br/categoria5/projeto-cidades-do-ceara-cariri-central>> Acesso em: 26 de mai de 2011.

CEARÁ, Governo do Estado, SEPLAG, Secretária do Planejamento e Gestão e IPECE, Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. *Perfil Básico Regional 2009*, Região Metropolitana do Cariri. Fortaleza, Ceará, 2010.

CEARÁ, Governo do Estado. Secretaria das Cidades. *Projeto de desenvolvimento econômico regional do ceará cidades do Ceará - Cariri central: Diretrizes iniciais para o plano de uso e ocupação do Centro Multifuncional de Serviços do Cariri (Juazeiro do Norte)*. Fortaleza, abril de 2011. Disponível em: <<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=planta%2Bmultifuncional%2Bde%2Bservi%25E7os&source=web&cd=1&ved=0CCoQFjAA&url=http%3A%2F%2Finstrumentalbrasil.co>>

m%2Fdiversos%2FDiretrizes.pdf&ei=PhKjTtKPN-zF0AHFwJCNBQ&usg=AFQjCNFjabx3YMcIKsVeWIMq4ZHhdEHFpA> Acesso em: 26 de jul. de 2011.

CEARÁ, Governo do Estado. Secretaria de Infra-Estrutura (SEINFRA). *Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Juazeiro do Norte*. Estratégia de implementação, 2001.

CEARÁ, Governo do Estado. Secretaria de Infra-Estrutura (SEINFRA). *Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Juazeiro do Norte: Projeto de Ordenamento da Unidade de Vizinhança Piloto – Centro / Núcleo de Comercialização e apoio aos Romeiros de Juazeiro do Norte / CE*, 2001.

CEARÁ, Governo do Estado. Secretaria de Infra-Estrutura (SEINFRA). *Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Juazeiro do Norte: Relatório de questões / módulo conceito*, 2000.

CEARÁ, Governo do Estado. Secretaria de Infra-Estrutura (SEINFRA). *Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Juazeiro do Norte: Relatório de questões / módulo conceito*, 2001.

CEARÁ, Governo do Estado. Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte. *Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Juazeiro do Norte - Termos de Referência para Elaboração de Projetos Executivos – Projeto Roteiro da Fé*, Juazeiro, 2002.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. 3º ed. Petrópolis, Vozes, 1998, [Tradução: Ephraim Ferreira Alves].

CHRISTOFOLETTI, Antônio. *Perspectivas da geografia*. 2ª ed. São Paulo: Difel, 1985.

CLAVAL, Paul. *As abordagens da Geografia Cultural*, In: CASTRO, Iná Elias de. CORRÊA, Roberto Lobato. GOMES, Paulo Cesar da costa. (organizadores). *Explorações geográficas: percursos no fim do Século*. 2ª ed, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, pp. 89-117 [1997]

CLEPS, G. D. G. *O comércio informal e a cidade*. In: II Simpósio Regional de Geografia, 2003, Uberlândia. *Anais do II Simpósio Regional de Geografia*. Uberlândia, 2003. p. 01-10. *Consumo no Centro de Anápolis - GO*. Presidente Prudente, 2006. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=33467> Acessado em 23. Jan. 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (organizadores). *Geografia: temas sobre cultura e espaço*. Rio de Janeiro UERJ, 2005.

CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. *Geografia cultural: Introduzindo a temática, os textos e uma agenda*. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (organizadores). Introdução a geografia cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, pp. 9-18.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Espaço: um conceito-chave da Geografia*, In: CASTRO, Iná Elias de. CORRÊA, Roberto Lobato. GOMES, Paulo Cesar da costa. (organizadores). Geografia: conceitos e temas 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, pp. 15-47. [1995]

CORRÊA, Roberto Lobato. *Status Sócio-Econômico e Centralidade: Uma Interpretação*. In: _____. Departamento de Geografia da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, 1977. p. 51-59.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Territorialidade e corporação: um exemplo*. In SANTOS, Milton et all.(orgs). Território: globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 251-256.
CORRÊA, Roberto Lobato.. *Trajelórias Geográficas*. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil. 2005.

COSTA, Eduarda Marques da. *Cidades médias: contributos para sua definição*. Finisterra, Lisboa, XXXVII, n. 74, 2002.

CRATO, notícias, o melhor site de notícias do Cariri. *Juazeiro do Norte-CE: Lula inaugura Hospital do Cariri próximo dia 13*. Disponível em: <<http://cratonoticias.wordpress.com/2010/12/09/juazeiro-do-norte-ce-lula-inaugura-hospital-do-cariri-proximo-dia-13/>> Acesso em: 12 de maio de 2011.

DANNEMANN, Fernando Kitzinger. *A a D - camelô - origem do apelido*. Disponível em: <<http://www.efecade.com.br/index.php?texto=1542>> Acesso em 27. Abr. de 2010.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. *O comércio ambulante no Brasil*. Disponível em: <<http://conhecimentopratico.uol.com.br/geografia/mapas-demografia/25/artigo134437-1.asp>> Acessado em 06. Mai. 2011.

DELUIZ, Neime. *Formação do trabalhador: produtividade & cidadania*. Rio de Janeiro: Shape Ed., 1995.

DIÁRIO, TV. *Inauguração da Praça dos Romeiros, Juazeiro do Norte-CE*, 12-03-2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=cZPsWos9P1s>> Acesso em: 12 de mai de 2011. Fonte: www.oberro.net.

DINIZ, José Alexandre Felizola. *Sub-sistema urbano-regional de Crato/Juazeiro do Norte*. Recife, SUDENE-DPG-PSU-SER, 1989.

EDITORIAL. Blog Juanorte: Jornal de opinião da Metrópole do Cariri, Capa, 06/02/2011 Edição 119, Juabrazil, Juazeiro em destaque Nacional: *Força do Juazeiro nas Exportações de Calçados*. 28/11/2010. Disponível em: <<http://www.juanorte.com.br/Edi-119-06-02-11/juabrazil.html>> Acesso em: 23 de abr. de 2011.

EDITORIAL. Blog Juanorte: Jornal de opinião da Metrópole do Cariri, coluna da hora, 26/09/2010, edição 101. *Cariri shopping será quarto maior do Nordeste*. Disponível em: <<http://www.juanorte.com.br/Edi-101-26-09-10/colunahora.html>>. Acesso em: 15. jun. de 2011.

ENGELS, F. *Sobre o papel do macaco na transformação do macaco em homem*. In: ANTUNES, R. A dialética do trabalho. São Paulo, expressão Popular, 2004.

ESTEVA, Gustavo. *Desenvolvimento*. In: SACHS, Wolfgang. Dicionário do desenvolvimento: Guia para o conhecimento como poder. Tradução Vera Lucia M. Joscelyne, Susana de Gyalokay e Jaime A. Clasen. Petrópolis, Rj, Vozes, 2000.

FAHEINA, Rita Célia. *Praça dos Romeiros integra Santuário*. O POVOonline, Crato 06 de fev. 2008. Disponível em: < <http://opovo.uol.com.br/opovo/ceara/763762.html>> Acesso em 02 de novembro de 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio eletrônico da língua portuguesa*, 3ed. Curitiba, Positivo, 2004.

FILHO, Mario Bem. *Planta Urbana de Juazeiro do Norte*. Desenho Cícero Wagner Farias Souza, escala: 1:12.500, 2009.

FILHO, Miguel Jeronymo. *Urbanização e regiões metropolitanas*. Disponível em: <<http://espacourbanotocolando.blogspot.com/2010/04/urbanizacao-e-regioes-metropolitanas>> Acesso em: 25 jun. de 2011.

FILHO, Vitor Ribeiro; MIRANDA, Mariana e KITAMURA, Camila Kazumi. *O comércio e serviços ambulantes: uma discussão*. Revista online Caminhos de Geografia Uberlândia v. 8, n. 23 Edição Especial p. 20 - 26. ISSN 1678-6343. Disponível em: < <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/10470/6239>>. Acesso em 15. Jan. 2010.

FREITAS, Ruskin. *Regiões Metropolitanas: uma abordagem conceitual*. Humanae, v.1, n.3, p. 44-53, Dez. 2009. Disponível em: <http://www.esuda.com.br/revista_humanae.php> Acesso em: 25 jun. de 2011.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Os (des) caminhos do meio ambiente*. Ed. 8, São Paulo, contexto, 2001.

HAESBAERT, Rogério da Costa. *Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade*. Porto Alegre, setembro de 2004. Artigo apresentado no I Seminário Nacional sobre Múltiplas Territorialidades, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS, Curso de Geografia da ULBRA e AGB-Porto Alegre, em 23 de setembro de 2004. Disponível em: <<http://referer.us/b/aHR0cDovL3czLm1zaC51bml2LXRsc2UyLmZyL2NkcC9kb2N1bWVudHMvQ09ORkVSRU5DRSUyMFJvZ2VyaW8lMjBIQUVTQkFFUIQucGRm>> Acesso em 12 mai. de 2009.

_____, Rogério da Costa. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. [2007].

_____, Rogério da Costa. *Território e multiterritorialidade: Um debate*. Artigo publicado na revista GEOgraphia, Vol. 9, No 17 (2007). Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewFile/213/205>. Acessado em 25 de abr. de 2011

_____, Rogério da Costa. *Território, cultura e des-territorialização*. In: ROSENDAHL, Zeny, CORRÊA, Roberto Lobato. *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2001.

HARRIS, Chauncy e ULLMAN, Edward (2005 [1945]). *A natureza das cidades*. In: *Cidades*, v. 2, n.3. p.145-163.

HOLZER, W. *A Geografia Humanista no Brasil: apontamentos para uma epistemologia*. In: I Colóquio Nacional de História do Pensamento Geográfico, 2008, Uberlândia - MG. Anais do I Colóquio Nacional de História do Pensamento Geográfico. Uberlândia - MG : Núcleo Geografia e Memória/UFU, 2008. p. 1-15. Disponível em: <<http://www.ig.ufu.br/coloquio/textos/Werther%20Holzer.pdf>>. Acesso em 30 set. 2009.

HOLZER, W. *O Conceito de Lugar na Geografia Cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea*. GEOgraphia, UFF/EGG, Niterói, RJ, v. 5, n. 10, p. 113-123, 2003.

IBGE. Tabela 2.1 - *População residente, total, urbana total e urbana na sede municipal, em números absolutos e relativos, com indicação da área total e densidade demográfica, segundo as Unidades da Federação e os municípios – 2010*. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=23&dados=21>> Acesso em: 31 jul de 2011.

IBGE, *Censo populacional de 2010, tabela 3145..* Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=cd&o=4&i=P&c=3145>> Acesso em: 27 de jun de 2011.

IBGE, Ano 2008, Tabela 21 - Produto interno bruto a preços correntes, impostos, líquidos de subsídios, sobre produtos a preços correntes e valor adicionado bruto a preços correntes total e por atividade econômica, e respectivas participações: Variável = Produto Interno Bruto a preços correntes (Mil Reais). Disponível em: < <http://www.sidra.ibge.gov.br>> Acesso em: 27 de jun de 2011.

INFRAERO, *Anuário Estatístico Operacional 2010*. Disponível em: <<http://www.infraero.gov.br/index.php/br/estatistica-dos-aeroportos.html>> Acesso em: 27 de jun de 2011.

IPECE, *Perfil Básico Municipal*, 2009. Disponível em: <http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/perfil_basico/pbm-2009/Juazeiro%20do%20Norte_Br_office.pdf>. Acesso em: 22 de jan. 2010.

LEFEBVRE, Henri. *Espaço e política*. Tradução de Margarida Maria de Andrade e Sérgio Martins. Editora UFMG, 2008.

_____, *A revolução urbana*. Tradução Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG. 1999 [1970].

_____, *O Direito à Cidade*. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Moraes, 1991 [1968].

LENCIONI, Sandra. *Região e Geografia*. São Paulo: Edusp, 2003. [1999].

LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. Tradução: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MAIA, D. S. *Lotes e ruas: componentes para análise da produção dos loteamentos fechados*. In: Eliseu Saverio Sposito; Maria Encarnação Sposito e Oscar Sobarzo. (Org.). *Cidades Médias: produção do espaço urbano e regional*. São Paulo: Expressão Popular, 2006, v. 1, p. 155-174.

MAIA, Doralice Sátyro. *Cidades médias e pequenas do Nordeste: Conferência de Abertura*. in: *Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso*. / Diva Maria Ferlin Lopes, Wendel Henrique (organizadores). Salvador: SEI, 2010.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. São Paulo, Atlas, 1982.

MATIAS, Aurélio. *O poder político em Juazeiro do Norte: Mudanças e permanências – As eleições de 2000*. Juazeiro do Norte: Gráfica Nobre, 2008.

MELO, H. P. de e TELES, Jorge Luiz. *Serviços e a informalidade: o comércio ambulante no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/pub/td/td_2000/td0773.pdf> Acessado em 07. mai. 2011.

MENDOZA, Josefina Gómez; JIMÉNEZ, Julio Muñoz; CANTERO, Nicolás Ortega. *El pensamiento geográfico*. 2ª Ed. Madrid: Alianza Editorial, 1988. [1982]

MENEZES, Sarah. *Padre Cícero, sacerdote cativante e conselheiro* (especial). Jornal do Cariri. Disponível em: <http://www.jornaldocariri.com.br/site/ver_noticia.asp?cod=228>. Acessado em 12 mai de 2010.

MONTESSORO, Cláudia Cristina Lopes. *Centralidade Urbana e Comércio Informal: Os novos espaços de consumo no centro de Anápolis-GO*. 2006. 384p. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006.

MORA, José Ferrater. *Dicionário de filosofia* (tradução Roberto Leal Ferreira, Álvaro Cabral) 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MOREIRA, Antônio Reginaldo Costa. *Condições para Pré-cadastro: Comunicado informativo*. Disponível em: <<http://www.ceasa-ce.com.br/janelas/centro-de-apoio-a-romeiro-1>>. Acesso em: 07 jun. de 2011.

MOREIRA, Ruy. *A natureza do espaço. Técnica e tempo, razão e emoção*. (Resenha), In: GEOgraphia, Vol. 1, No 1, Universidade Federal Fluminense, 1999. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/13/11>> Acesso em: 27 set. 2009, pp. 151-153.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: reformar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução Eloá Jacobina Rio de Janeiro, 2008 [1999].

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Tradução Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro Bertrand Brasil, 2008. [1982].

NETO, Lira. *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

OLIVEIRA, Laís Catarine de. *Espaço urbano e turismo religioso: Avaliação da política de reordenamento do centro da cidade de Juazeiro do Norte – CE*. 2008. 168p. Dissertação (Mestrado em Avaliação de Políticas Públicas). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

OLIVEIRA, Livia de. *O humanismo na Geografia: a contribuição brasileira*. In: I Colóquio Brasileiro de História do Pensamento Geográfico. , 2008, Uberlândia - MG. Disponível em: <<http://www.ig.ufu.br/coloquio/textos/HUMANISMO%20NA%20GEOGRAFIA%20Contribuicao%20Brasileira.pdf>> Acesso em 30 set. 2009.

ORGANISTA, José Henrique Carvalho. *O debate sobre a centralidade do trabalho*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

PEET, Richard. *Imaginários de desenvolvimento*. In: FERNANDES, Bernardo Mançano; MARQUEZ, Maria Inez Medeiros; SUZUKI, Julio Cesar Suzuki (orgs). *Geografia agrária: teoria e poder*. São Paulo: Expressão popular, 2007.

PEREIRA, Cieusa Maria Calou. *Análise da Problemática do Lixo nas Romarias em Juazeiro do Norte - CE*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2005.

PINTAÚDI, Silvana. *Espaço e Estado: Políticas urbanas em discussão*. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. LEMOS, Amália Inês Geraiges Lemos (orgs). *Dilemas Urbanos: Novas abordagens sobre a cidade*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

PNUD, índice de desenvolvimento humano - municipal, 1991-2000. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/atlas/tabelas/index.php>> Acesso em: 21 de ago. 2011.

RAMIRES, José Francisco. *Severinos na metrópole: a negação do trabalho na cidade de São Paulo*. 222p. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2001.

RODRIGUES, Glauco Bruce; SOUZA, Marcelo Lopes de. *Planejamento Urbano e ativismos sociais*. São Paulo Unesp, 2004.

ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e Religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro UERJ, NEPEC, 1996.

_____. *O Sagrado e o Espaço*. In: CASTRO, Iná Elias; CORRÊA, Roberto Lobato; GOMES, Paulo Cesar da Costa. (organizadores). *Explorações Geográficas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. 13ª Ed. São Paulo: Cortez, 2003. [1987]

SANTOS, Elisângela. *Centro dos romeiros: Primeira etapa de obra continua paralisada*. Diário do Nordeste. Disponível em: 17 de Janeiro de 2008. <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=504471>> Acesso em: 30 de outubro de 2009.

_____. *Inicia mudança do local de barracas*. Diário do nordeste. Juazeiro 19 de ago. de 2009. Disponível em: < <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=663006>> Acesso em: 30 de outubro de 2009.

_____. *600 mil devotos devem visitar a terra do 'Padim'*. Diário do Nordeste online. Regional 28 de out. de 2009. Disponível em: < <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=684260>> Acesso em: 30 de out. de 2009.

_____. *Aberta romaria de Finados em Juazeiro*. Diário do Nordeste online. Regional 30 de out. de 2009. Disponível em: < <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=685642>> Acesso em: 30 de out. de 2009.

_____. *Centenário de Juazeiro terá obras iniciadas em janeiro*. Diário do Nordeste online. Publicado em 22 de dezembro de 2010. Disponível em: < <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=905733>> Acesso em: 19 de jun. de 2011.

SANTOS, Milton & SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. São Paulo, Editora Record, 2001.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. 4 ed. São Paulo: Edusp 2006, [1996].

_____. *Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. 6ª ed. São Paulo: Edusp, 2004 [1978].

_____. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 13 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Edusp, 2008 [2002].

Secretaria Municipal de Turismo e Romarias, *Fórum permanente das romarias volta a se reunir com barraqueiros*. Prefeitura Municipal de Juazeiro, Juazeiro 14 de ago. de 2009. Disponível em: <http://www.juazeiro.ce.gov.br/index.php?Pasta=paginas_site&Pagina=lista_noticia&IDNoticia=00684&MenuDireito=1> Acesso em: 30 de outubro de 2009.

SERPA, Ângelo. *O espaço público na cidade contemporânea*. São Paulo, Contexto, 2007.

_____. *O trabalho de campo em geografia: uma abordagem teórico-metodológica*. Boletim Paulista de Geografia, Seção São Paulo – Associação dos Geógrafos Brasileiros, número 84, p. 7-24, Jul, 2006.

SILVA, A.D. E GALENO, A (orgs). *Geografia Ciência do Complexus: Ensaio Transdisciplinares*. Editora Sulina. Porto Alegre 2004.

SILVA, William Ribeiro da. *Londrina e Maringá enquanto cidades médias: desconstruindo o mito das regiões metropolitanas do Norte do Paraná*. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Org.), 1.ed. *Cidades Médias: Espaços em Transição*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2007. p. 551-586.

_____. *Para além das cidades: Centralidade e Estruturação Urbana: Londrina e Maringá*. 2006. 280p. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente – SP, 2006.

_____. *Redefinição da centralidade em Cidades Médias: Londrina e Maringá no contexto da reestruturação urbana e regional*. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/-xcol/37.htm>> Acesso em: 13. Nov de 2009.

SOUZA, Arilson Xavier de. *A Resignificação religiosa do Turismo regional: um estudo geográfico cultural do Santuário de Fátima da Serra Grande*. 166p. Dissertação (Mestrado em

SOUZA, Marcelo Lopes de. *O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento*. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C. e CORRÊA. R. L. (Orgs). *Geografia Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, pp. 77-116 [1995].

_____. *A prisão e a àgora: reflexões em torno da democratização do planejamento e da gestão das cidades*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2006.

_____. *ABC do desenvolvimento urbano*. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2008 [2003].

_____. *Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanas*. 5.ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2008 [2001].

SPOSITO, Eliseu Savério. *Geografia e Filosofia: Contribuição para o ensino do pensamento geográfico*. São Paulo: Unesp, 2004.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. *As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos*. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Org.). *Urbanização e Cidades: Perspectivas Geográficas*. Presidente Prudente: GASPERR, UNESP, 2001. p. 609-642.

_____. *Novas formas comerciais e redefinição da centralidade intra-urbana*. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (org) *Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média*. Presidente Prudente: PPGG/FCT/UNESP/GASPERR, 2001

_____. *O Centro e as formas de expressão da centralidade urbana*. In: _____. Revista de Geografia Universidade Estadual Paulista. São Paulo: Editora UNESP, 1991. v.10. p. 1-18.

TENÓRIO, Demontier. Juazeiro do Norte-CE: *Matéria do Miséria sobre as barracas na Matriz repercute e fórum confirma início da retirada*. Miséria. 14 de ago. de 2009. Disponível em: < <http://www.miseria.com.br/imprimir.php?busca=32315>> Acesso em: 30 de outubro de 2009.

VASPOLLO, Luciano. *Um novo sujeito de classe: o trabalhador precário*. IN: Por uma política de classe: uma interpretação marxista do mundo globalizado. Tradução de Juliana Coli. São Paulo, Expressão popular, 2007.

VICELMO, Antônio. *Triângulo Crajubar: Cariri Shopping inicia expansão*. Diário do Nordeste, publicado em 2 de novembro de 2009. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=695833>>. Acesso em: 15. jan. de 2010.

_____. *Juazeiro do Norte: Marco Zero do Centenário tem garantido R\$ 1,9 milhão*. Disponível em: <<http://www.portaldelicitacao.com.br/noticias/118-juazeiro-no-norte-marco-zero-do-centenario-tem-garantido-r-19-milhao.html>> Acesso em: 31, jun de 2011. Fonte: Diário do Nordeste.

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. *Basílica*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bas%C3%ADlica>> Acesso em: 22 jan. 2010.

WHITACKER, A. M. *Morfologia Urbana*. In: WHITACKER, A. M. Estrutura, centralidade intraurbana e morfologia em cidades médias: transformações e permanências. Notas de Aula. João Pessoa: Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFPB, 2011.

WHITACKER, Arthur Magnon. *Centralidade intraurbana e morfologia em cidades médias: transformações e permanências*. XI Seminário Internacional RII - Red Iberoamericana de investigadores sobre Globalización y Territorio. Mendoza, 2010. Grupo Temático: Ciudades intermedias: Transformaciones y perspectivas.

YÁGIZI, Eduardo. *O mundo das calçadas: por uma política democrática de espaços públicos*. São Paulo: Humanitas & Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000. v. 1. 550.

ANEXOS

ANEXO 1

Perguntas da entrevista realizada com o Secretário de Turismo e Romaria de Juazeiro do Norte-CE (José Carlos dos Santos), janeiro de 2010.

- 1 - Com a gestão de vocês o que tem mudado nas romarias de Juazeiro do Norte-CE?
- 2 - O que tem sido feito com a construção do Centro de Apoio aos Romeiros?
- 3 - Quais são os critérios pensados pra selecionar os barraqueiros a ocupar o Centro de Apoio aos Romeiros?
- 4 - Há uma política de policiamento e segurança para o romeiro?
- 5 - Já tem alguns barraqueiros que possuem um cadastro junto à prefeitura?
- 6 - Isso foi uma das primeiras ações? Ou já existia esse cadastro antes?
- 7 - Os barraqueiros agora pagam uma espécie de aluguel para ocupar o espaço que utilizam durante o período da romaria?
- 8 - E com esse dinheiro que a prefeitura recebe qual tem sido o retorno que a prefeitura está oferecendo?
- 9 - A comissão permanente de romarias se reúne quantas vezes?
- 10 - O Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano tem como uma das intencionalidades maiores das políticas públicas, transformar esse espaço em um grande centro de peregrinação a nível da América Latina, o que você pensa a esse respeito?
- 11 - O senhor tem acompanhando também que o Juazeiro está tendo um crescimento com a construção do Hospital Regional do Cariri, o Centro de Especialidades Odontológicas, ampliação do Shopping Center Cariri, entre outros investimentos. Há de certa forma uma descentralização das atividades públicas para também pensar o Juazeiro não só apenas como sagrado, vinculado a religiosidade?
- 12 - Vocês têm pensado em construir postos de informações para os romeiros?
- 13 - O senhor quer deixar alguma mensagem para o cariri?

Perguntas da entrevista com o Francisco Marcos Bezerra (Fiscal de meio ambiente do município e na atual função de Gerente de fiscalização do Centro de Apoio aos camelôs de Juazeiro). Maio de 2011.

Essa praça aqui está sendo chamada de Praça dos Romeiros, é isso?

Como é que tem sido feito esse acompanhamento aqui do Centro de Apoio aos Romeiros, no que diz respeito aos critérios de seleção das pessoas que irão trabalhar aqui dentro?

Essas pessoas pagam por mês ou pelo período que estão usando? Como é que vai ficar isso?

Estive acompanhando e fazendo entrevistas com algumas barraqueiras moradoras que já trabalhavam nas romarias há mais de 20, 30 e algumas delas até 40 anos. Essas pessoas tiveram algum tipo de privilégio em relação a ter acesso aos boxes?

Existem dados que falam que no Juazeiro armam aproximadamente 2.500 barracas e aqui só possui 1042 boxes, como foi que ficou essa seleção levando isso em consideração?

As pessoa que vem de fora vão ter acesso aos boxes do Centro de Apoio aos Romeiros ou só as pessoas do Juazeiro?

Então a perspectiva do Centro de Apoio aos Romeiros é funcionar durante todo o ano?

Eles estão fazendo essas reformas no boxes por conta própria ou não?

Em relação a escola do boxe, número 1 ou 2, 250 ou 300 como foi feita?

Houve alguma troca de boxe?

Uma das coisas que os camelôs se queixavam em relação ao centro de apoio aos romeiros era o fato de achar que os romeiros iriam ficar com medo de vim até aqui por que é um pouco longe, mas com a praça do marco zero e o centro de apoio aos romeiros bem integrados, bonito e bem arejado, como é que o senhor acha que a administração pública vai fazer para que os romeiros possam visitar e acompanhar o centro de apoio aos romeiros?

As pessoas que eu entrevistei moravam nas barracas e agora no Centro de Apoio aos Romeiros isso não mais acontece o que o senhora acha que irá provocar no cotidiano dessas pessoas?

Universidade Federal da Paraíba - UFPB
Departamento de Pós-Graduação em Geografia
Entrevista semi-estruturada, realizada nos meses de Janeiro e Fevereiro de 2010
Atividade: Comércio informal
Público alvo: Barraqueiras (moradoras)
Local: Zona Central

- 1 - Por que a opção de trabalhar como barraqueiro(a)?
- 2 - Já tem quanto tempo que você trabalha com isso?
- 3 - O que foi que mudou da época que você iniciou esse trabalho para hoje?
- 4 - No período você não está trabalhando aqui, trabalha em quê?
- 5 - Você dorme aqui neste período?
- 6 - São quantos que dormem na barraca?
- 7 - Você ficaria feliz se seus filhos seguissem o mesmo trabalho?
- 8 - Você é respeitado(a) com esse trabalho, pela sociedade e pelo poder público?
- 9 - Com esse Centro de Apoio aos Romeiros você acha que vai melhorar?
- 10 - O que você pensa em relação a plano de saúde; férias remuneradas; segurança; estabilidade; aposentadoria; décimo terceiro etc
- 11 - Você passou por algum tipo de constrangimento enquanto barraqueiro ou soube de algum colega seu tenha sido constrangido?
- 12 - Você sente saudade de casa?
- 13 - Você participa das reuniões dos barraqueiros? É cadastrada pela prefeitura?
- 14 - Você se realiza neste trabalho?
- 15 - A barraca é sempre montada no mesmo local?
- 16 - E essa questão de mudar o local da barraca, prejudica?
- 17 - Vocês têm que pagar aluguel? É pelo tamanho e localização?
- 18 - Qual é assistência que vocês recebem da prefeitura?

Perguntas da entrevista aos camelôs após a transferência destes para o Centro de Apoio aos Romeiros:

Como foi feita a seleção das pessoas para ocuparem o C.A.R?

Aqui a senhora já fez uma reforma?

Então a senhora ficou com dois boxes?

E essa questão de a senhora não dormi mais na barraca, melhorou ou piorou?

No outro local a senhora tinha vizinha amigas e os romeiros já sabiam onde era a barraca da senhora e agora com essa mudança no local da venda da senhora o que aconteceu?

Esse boxe a senhora escolheu ou foi no sorteio?

Muita gente das pessoas que a senhora conhecia ficou sem conseguir vim para cá?

E agora essas pessoas vão ficar sem trabalhar?

Universidade Federal da Paraíba - UFPB
Departamento de Pós-Graduação em Geografia, nível mestrado
Questionário fechado aplicado no dia 2 de fevereiro de 2010
Atividade: Comércio informal
Público alvo: Camelôs
Local: Centro comercial

Data da enquete: _____
Responsável pelas informações: _____

- () 1. Sexo: (1) Masculino (2) Feminino
- () 2. Escolaridade: (1) sem instrução (2) fundamental incompleto (3) fundamental compl. (4) médio incompleto. (5) médio completo. (6) superior incompleto. (7) superior compl. ou mais
- () 3. Idade: (1) até 19 anos; (2) de 20 a 29 anos; (3) de 30 a 39; (4) 40 a 49; (5) 50 a 59; (6) 60 a 69; (7) 70 ou mais.
- () 4. Ramo de atividade: (1) Alimentação; (2) Objetos religiosos; (3) Bijouterias; (4) Cd's e Dvd's; (5) Roupas; (6) Outro _____
- () 5. Número de trabalhadores nesta barraca? (1) Uma pessoa; (2) 2 a 3 pessoas; (3) Acima de 4 pessoas;
- () 6. Cidade de Residência: (1) Juazeiro do Norte: bairro _____
(2) outra: Qual: _____
- () 7. Há quanto tempo trabalha nas romarias?
(1) até 3 anos; (2) 4 a 5; (3) 5 a 10; (4) com mais de 10 anos (5) acima de 20 anos
- () 8. Rendimento: (1) menos de um salário mín. (2) 1 a 2 salário mín. (3) acima de 3 salário mín.
- () 9. Filiado ao Sindicato dos barraqueiros? (1) Sim (2) Não
- () 10. Por que prefere trabalhar nesta área (Nas proximidades da Igreja Nossa Senhora das Dores)? (1) infra-estrutura; (2) localização; (3) outro _____
- () 11. Considera a infra-estrutura da área? (1) Péssima; (2) Ruim; (3) Razoável; (4) Boa; (5) ótima
- () 12. Se utiliza de qual meio de transporte? (1) automóvel (2) ônibus (3) moto (4) bicicleta (5) pedestre
- () 13. Qual o tempo aproximado de permanência neste local de trabalho?
(1) menor que 30 dias (2) de 2 meses a 3 meses; (3) 4 meses (4) acima de 4 meses

- () 14. Quantos turnos trabalha por dia?
(1) Manhã; (2) tarde; (3) Noite; (4) Manhã e tarde; (5) Tarde e noite; (6) manhã, tarde e noite;
(7) outro
- () 15. Considera fácil o acesso a esta área: (1) sim (2) não.
- () 16. Exerce outra profissão no período que não tem romaria? (1) Sim; (2) Não
- () 17. Gostaria de ter outro trabalho? (1) sim; (2) não;
- () 18. Você é favorável a transferência das barracas para o Centro de Apoio aos Romeiros?
(1) sim; (2) não
- () 19. O Sr. (a) mora na barraca? (1) Sim (2) não;

ANEXO 2

187 pessoas responderam o questionário

Sexo

36% Homens
64% Mulheres

Escolaridade

47% = Fundamental Incompleto
19% = Médio completo
16% = sem instrução escolar
10% = Médio Incompleto
8% = fundamental completo

Idade

22% = 50 a 59
22% = 40 a 49
19% = 30 a 39
17% = 20 a 29
8% = 60 a 69
7% = até 19
5% = 70 ou mais

Atividade

25% = Alimentação
22% = Roupas
11% = Objetos Religiosos
11% = Bijouterias
5% = Variedades
4% = Alumínio (panelas, copos)

Número de trabalhadores nesta barraca

49% = uma pessoa
42% = 2 a 3 pessoas
9% = acima de 4 pessoas

Bairro onde mora

19% = Salesiano
17% = Pirajá
17% = João Cabral
12% = Franciscano
17% = Outros Bairros
20% = Outras Cidades

Há quanto tempo trabalha nas romarias

44% = acima de 20 anos
28% = com mais de 10 anos

11% = 5 a 10 anos

9% = até 3 anos

8% = 4 a 5 anos

Rendimento mensal

46% = 1 a 2 salário mín.

37% = menos de um salário mín.

15% = acima de 3 salário mín.

2% = não declararam

Filiado ao sindicato dos barraqueiros

71% = Não

28% = Sim

1% = não declarou

Por que prefere trabalhar nesta área (nas proximidades da igreja nossa senhora das dores)

75% = localização

9% = infra estrutura

8% = sem opção

7% = outro

1% = não declararam

Considera a infra-estrutura da área

36% = Boa

28% = Razoável

15% = Ótima

13% = Péssima

8% = Ruim

Se utiliza da qual meio de transporte

41% = ônibus

25% = Pedestre

16% = Moto

11% = Automóvel

6% = Bicicleta

1% = não declararam

1% = época de romaria

1% = não declarou

Quantos turnos trabalha por dia

48% = manhã / tarde e noite

45% = manhã e tarde

3% = tarde e noite

2% = noite

1% = manhã

1% = não declararam

0% = tarde

Considera fácil o acesso a esta área

75% = Sim

25% = Não

Exerce outra profissão no período que não tem romaria

62% = Não

37% = Sim

1% = não declarou

Gostaria de ter outro trabalho

52% = Sim

45% = Não

3% = não declararam

Você é favorável a transferência das barracas para o centro de apoio aos romeiros

57% = Não

43% = Sim

Mora na barraca

82% = Não

18% = Sim